



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ – UFPI
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E LETRAS - CCHL
MESTRADO EM LETRAS – ESTUDOS DA LINGUAGEM

GESSIELMA APARECIDA DE SOUSA SANTOS

**UM ESTUDO SOCIOLINGUÍSTICO DE CONTATO DIALETAL: a
interferência/alternância entre o tepe e a fricativa velar na fala de gaúchos e
bonjesuenses no Sul do Piauí**

TERESINA

2016

GESSIELMA APARECIDA DE SOUSA SANTOS

**UM ESTUDO SOCIOLINGUÍSTICO DE CONTATO DIALETAL: a
interferência/alternância entre o tepe e a fricativa velar na fala de gaúchos e
bonjesuenses no Sul do Piauí**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGEL), na área de concentração de Estudos de Linguagem, da Universidade Federal do Piauí (UFPI), como requisito final para a obtenção do título de mestre em Letras.

Orientador (a): Prof. Dr. (a) Catarina de Sena Sirqueira Mendes da Costa

TERESINA

2016

FICHA CATALOGRÁFICA
Universidade Federal do Piauí
Biblioteca Setorial do Centro de Ciências Humanas e Letras
Serviço de Processamento Técnico

S237e Santos, Gessielma Aparecida de Sousa.
Um estudo sociolinguístico de contato dialetal: a interferência/alternância entre o tepe e a fricativa velar na fala de gaúchos e bonjesuenses no sul do Piauí / Gessielma Aparecida de Sousa Santos. – 2016.
144 f. : il.

Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal do Piauí, 2016.
Orientação: Profa. Dra. Catarina de Sena Sirqueira Mendes da Costa.

1. Variação Linguística. 2. Contato Interdialetal. 3. Interferência/Alternância. 4. Tepe. 5. Fricativa Velar. I. Título.
CDD 469.2

GESSIELMA APARECIDA DE SOUSA SANTOS

UM ESTUDO SOCIOLINGUÍSTICO DE CONTATO DIALETAL: a interferência/alternância entre o tepe e a fricativa velar na fala de gaúchos e bonjesuenses no Sul do Piauí

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGEL), na área de concentração de Estudos de Linguagem, da Universidade Federal do Piauí (UFPI), como requisito final para a obtenção do título de mestre em Letras.

Orientador (a): Prof. Dr (a). Catarina de Sena Sirqueira Mendes da Costa

Aprovada em ____/____/____

BANCA EXAMINADORA

Prof^a. Dr^a. Catarina de Sena Sirqueira Mendes da Costa-(UFPI)
Presidente

Prof. Dr. Demerval da Hora – (UFPB)
Examinador externo

Prof^a. Dr^a. Iveuta de Abreu Lopes (UFPI)
Examinadora interna

Prof^a.. Dr^a. Yana Liss Soares Gomes- (UFPI)
Examinadora suplente

DEDICATÓRIA

À minha amada mãe Jacy, pelo amor, carinho, pela dedicação com a qual sempre procurou direcionar a minha vida, me dando sempre a direção segura de buscar resultados positivos com muita fé e confiança em Deus, para que eu pudesse prosseguir em busca de um sonho, tentando fazer de cada obstáculo mais um degrau para subir na escalada da vida. A meu pai, Antônio (*in memoriam*), por ter me dado o amor e a sapiência paternal que constitui a minha base familiar.

AGRADECIMENTOS

A Deus, em primeiro lugar, que me deu saúde, força e inteligência para empreender essa tarefa e finalizá-la.

À minha mãe Jacy, por sua dedicação extrema, seu amor incondicional, seu apoio e palavras de incentivo e, ainda, pelo seu estímulo incansável para que eu sempre buscase estudar com o objetivo de galgar novos caminhos na vida.

À minha tia e madrinha Francisca, que, com o zelo e amor de mãe, sempre me apoiou e me estimulou em tudo que eu precisava, fazendo de sua casa, a minha casa.

Aos meus irmãos Gessiana, Gean Anselmo e João José, pelo carinho e ajuda naquilo que eu precisava e por torcer sempre para o meu sucesso, como também à minha cunhada Jane Carla, pelas palavras de incentivo.

Aos meus lindos e amados sobrinhos, João Filipe e Clarisse, por me proporcionarem muitos momentos de ternura e aproximação com a energia mágica de uma criança.

À minha amiga-irmã de muitas data, Alcilene, pelo incentivo e apoio, por sempre acreditar em mim e estar ao meu lado quando eu preciso.

À minha querida amiga Ecicleide, por sempre estar do meu lado me apoiando e me incentivando com palavras carinhosas.

À minha orientadora, Prof.^a Dr.^a Catarina de Sena Sirqueira Mendes da Costa, por ter me proporcionado o encontro com o mundo da pesquisa, despertando-me para um olhar diferenciado sobre as múltiplas possibilidades de poder descobrir algo a partir de um mergulho em bibliografias que retratam o rico universo da linguagem.

A todos os professores do programa de Pós-Graduação/Mestrado em Letras da UFPI, pela grandiosa contribuição na construção de novos conhecimentos.

Aos professores que participaram da minha banca de qualificação, professora Dr^a Iveuta Lopes (UFPI) e professora Dr^a Yanna Liss (UFPI), que muito contribuíram com comentários bem direcionados para o desenvolvimento desse trabalho.

Aos informantes colaboradores dessa pesquisa, pela disponibilidade participar das entrevistas que constituíram o *corpus* essencial dessa pesquisa.

Aos colegas da turma do mestrado 2014-2016, por muitos momentos em que compartilhamos conhecimentos com trocas imensuráveis de saberes de linhas de

pesquisas diferentes que compõem o universo da língua, especialmente à amiga Lucinária, por todos os momentos únicos de aprendizagem.

Ao também colega de turma Renato, por ter tido a disponibilidade de ajudar com sugestões bibliográficas e orientações técnicas que facilitaram o direcionamento teórico desse trabalho.

A meu primo Reginaldo, por ter me ajudado, dando dicas técnicas para a organização do meu trabalho de acordo com as normas científicas de escrita.

Ao grupo intitulado de “Família Mestrado”, composto por mim, Amanda, Ediane, Fernanda, Marcos e Verônica, pelos momentos inesquecíveis em que compartilhamos expectativas, conhecimentos, memórias e acima de tudo união, fazendo com que nos fortalecêssemos a cada dia ,na busca da realização do sonho de nos tornarmos mestres.

À amiga Amanda Beatriz, a pessoa da minha turma com quem mais convivi durante o mestrado, pelo carinho, atenção, pelo companheirismo e apoio incondicional, principalmente pelos momentos em que tivemos a oportunidade de construir conhecimentos que nos possibilitaram fazer descobertas imensuráveis.

Enfim, agradeço a todos que me incentivaram; em especial àqueles que de alguma forma contribuíram para este meu momento de realização de uma grande conquista, há muito tempo almejada.

RESUMO

O fenômeno da variação faz parte da caracterização linguística de muitas regiões brasileiras. Dentro dessa realidade, estão os falantes da cidade de Bom Jesus-PI, a qual se caracteriza por uma migração gaúcha visível ao longo dos últimos 25 anos. Sendo assim, este trabalho teve como finalidade investigar a interferência/alternância entre o tepe e a fricativa velar em situações de fala de gaúchos e bonjesuenses que mantêm contato entre si. Usou-se como aporte teórico fundamental Labov (2008 [1972], Bortoni-Ricardo (,2005,2010,2011,2014), Tarallo (2007), Weinreich ,Labov, Herzog (2006 [1968].) e Gumperz (1998), dentre outros que estudam fenômenos da variação linguística e, ainda, Câmara (1998[1971],1977), Callou (1996; 1999), Silva (2014; 2015) como base para a identificação da variação fonético-fonológica em questão. A proposta metodológica caracterizou-se por uma abordagem quantitativa e qualitativa sobre o *corpus* selecionado, constituído de uma amostra de fala de 20 informantes. Para um melhor detalhamento dos dados foi feito um registro de trechos de falas produzidas durante a entrevista semiestruturada e em contextos interacionais dos informantes em situações cotidianas. Realizada a coleta de dados, transcreveu-se as falas. Depois fez-se o levantamento quantitativo das variantes fonéticas pesquisadas, e em seguida uma análise interpretativa dos dados gerados. Na sequência, abordou-se qualitativamente a ocorrência do fenômeno estudado na interação linguística e fez-se uma análise das percepções dos informantes a partir das suas reflexões a respeito de sua própria fala. Do ponto de vista estatístico, esse estudo revelou que a variável social naturalidade foi a que mais condicionou a alternância entre o tepe e a fricativa velar. Do ponto de vista interacional, a pesquisa demonstrou que, de um modo geral, o emprego dessa alternância ocorre de maneira espontânea na fala dos informantes. Os resultados direcionam para uma possível consolidação da variante fricativa velar na fala dos gaúchos e uma indicação da presença do tepe na fala dos bonjesuenses na comunidade de fala pesquisada, comprovando assim que a interferência/alternância entre o tepe e a fricativa velar está ocorrendo tanto na fala dos informantes gaúchos como na dos bonjesuenses não só nas interações monitoradas como também em contextos espontâneos, cotidianos de fala.

Palavras-chaves: Variação linguística. Contato interdialeto. Interferência/Alternância. Tepe. Fricativa Velar.

ABSTRACT

The phenomenon of variation is part of the linguistic characterization of many Brazilian regions. Within this reality are the speakers of the city of Bom Jesus-PI, which is characterized by a gaucho migration visible over the last 25 years. Thus, this work aimed to investigate the interference / alternation between the tepe and velar fricative in situations of speech of gauchos and bonjesuenses that maintain contact with each other. We use as a fundamental theoretical contribution, Labov (2008 (1998), Bortoni-Ricardo (, 2005,2010,2011,2014), Tarallo (2007), Weinreich, Labov, Herzog (2006 [1968]) and Gumperz (1998) , As well as other studies that study phenomena of linguistic variation, and also, Camera (1998 [1971], 1977), Callou (1996, 1999), Silva (2014; 2015) as a basis for the identification of the phonological-phonetic variation in question. The qualitative proposal was characterized by a quantitative and qualitative approach on the selected corpus, consisting of a speech sample of 20 informants. For a better detailing of the data, a record of excerpts produced during the semi-structured interview and in the interactive contexts of the And then an interpretative analysis of the data generated, followed by a qualitative approach to the occurrence of the phenomena Studied in the linguistic interaction and made an analysis of the informants' perceptions based on their reflections about their own speech. From the statistical point of view, this study revealed that the social variable naturalness was the one that most conditioned the alternation between tepe and velar fricative. From the interactional point of view, research has shown that, in general, the use of this alternation occurs spontaneously in the informants' speech. The results point to a possible consolidation of the velar fricative variant in gauchos speech and an indication of the presence of tepe in the speech of the Bonjesuenses in the researched speech community, thus proving that the interference / alternation between tepe and velar fricative is occurring both in Speaks of the informants in Rio Grande do Sul as in the bonjesuenses, not only in the monitored interactions but also in spontaneous, everyday speech contexts.

Keywords: Linguistic variation. Interdialetal contact. Interference / Alternation. Tepe. Fricative Watch

LISTA DE IMAGENS

| | |
|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|----|
| Imagem 1: Mapa da cidade de Bom Jesus-PI..... | 71 |
| Imagem 2: Igreja matriz, construída no local onde começaram a morar os primeiros habitantes de Bom Jesus-PI..... | 73 |
| Imagem 3: Cerrado bonjesuense..... | 74 |
| Imagem 4: Loja de insumos agrícolas..... | 76 |
| Imagem 5: Loja de venda de tratores..... | 76 |
| Imagem 6: Centro da cidade..... | 76 |
| Imagem 7: Prédios em condomínio..... | 76 |
| Imagem 8: Casas em condomínio..... | 76 |

LISTA DE QUADROS

| | |
|--------------------------------------------------------------|----|
| Quadro 1. Algumas distribuições possíveis de /R/..... | 60 |
| Quadro 2. Distribuição social dos informantes..... | 86 |

LISTA DE TABELAS

| | |
|--------------------------------------------------------------------------|----|
| Tabela 1. Distribuição geral das variantes no <i>corpus</i> | 90 |
| Tabela 2. Peso relativo/naturalidade..... | 93 |

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

UFPI - Universidade Federal do Piauí

PI- Piauí

IPEA - Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada

ALIB- Atlas Linguístico do Brasil

GOLDVARB X- versão do VARBRUL para ambiente Windows

VARBRUL - variable rules analysis

TCLE- Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

GTG - Centro de Tradições Gaúchas

NURC - Norma Urbana Culta

IBGE- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

G1 PIAUI – site de notícias da TV Clube- filiada da TV Globo no Piauí

180 GRAUS- Site de notícias

IB - Informante gaúcho

IG - Informante bonjesuense

PR. Peso relativo

CEP- Conselho de Ética e Pesquisa

SUMÁRIO

| | |
|------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-----|
| 1 INTRODUÇÃO | 16 |
| 2 CONSTRUÇÃO TEÓRICA: PRINCÍPIOS FUNDAMENTAIS DOS ESTUDOS LINGUÍSTICOS | 21 |
| 2.1 Um breve esboço dos estudos linguísticos..... | 21 |
| 2.2 O percurso histórico da Sociolinguística..... | 23 |
| 2.2.1 Sociolinguística Variacional..... | 25 |
| 2.2.2 Sociolinguística Interacional..... | 33 |
| 2.3 A diversidade linguística brasileira..... | 38 |
| 2.4 A relação entre língua e o processo migratório..... | 42 |
| 2.5 O processo de mudança linguística..... | 46 |
| 2.6 A interferência e a alternância linguística..... | 49 |
| 2.7 Estudos sobre as realizações fonéticas do 'r' no português brasileiro..... | 52 |
| 3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS | 62 |
| 3.1 O lugar do método na investigação científica..... | 62 |
| 3.2 Procedimentos adotados..... | 64 |
| 3.3 Etapas do trabalho..... | 68 |
| 3.4 Caracterização da região pesquisada..... | 71 |
| 3.4.1 Aspectos geográficos..... | 71 |
| 3.4.2 Aspectos históricos..... | 72 |
| 3.4.3 Aspectos socioeconômicos..... | 74 |
| 3.5 Caracterização dos sujeitos da pesquisa..... | 77 |
| 3.6 Desenho do contato social entre gaúchos e bonjesuenses..... | 78 |
| 3.7 Descrição do <i>corpus</i> | 83 |
| 4 DO SUL DO BRASIL PARA O SUL DO PIAUÍ: UMA ANÁLISE DA INTERFERÊNCIA/ALTERNÂNCIA ENTRE O TEPE E A FRICATIVA VELAR NA FALA DE GAÚCHOS E BONJESUENSES | 86 |
| 4.1 A interferência/alternância entre o tepe e a fricativa velar na interação linguística..... | 94 |
| 4.2 Percepção dos falantes a respeito das diferenças linguísticas..... | 109 |
| 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS | 117 |
| REFERÊNCIAS | 121 |

APÊNDICES

APÊNDICE 1 - Termo de Confidencialidade da Pesquisa

APÊNDICE 2 - Declaração dos pesquisadores

APÊNDICE 3 - Cópia do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)

APÊNDICE 4 - Instrumento de coleta de dados: Questionário realizado com os informantes

APÊNDICE 5 - Instrumento de coleta de dados: Roteiro de Questões realizado durante as conversas/entrevistas

ANEXOS

ANEXO 1- Parecer consubstanciado do CEP

ANEXO 2 - Modelo padrão do projeto NURC para transcrição de fala

ANEXO 3 -Tabela Sons do Português

CAPÍTULO 1

INTRODUÇÃO

Bom Jesus, cidade localizada no Sul do estado do Piauí e considerada como um município central da microrregião do alto Médio Gurgueia, tem passado nos últimos 25 anos por uma grande mudança social, cultural e econômica que vem alterando a forma de viver dos seus habitantes, provocando certa agitação na população. Tal realidade se constituiu a partir da chegada de migrantes gaúchos em solo bonjesuense com o objetivo de cultivar a produção de grãos na região dos cerrados pertencentes a esse município.

Como é fato notório, o contato e a interação entre os indivíduos de regiões diferentes pode alterar a vida cultural, inclusive linguística, das pessoas que pertencem a esse contexto. Isso é provado em muitas pesquisas sociolinguísticas realizadas em diversas comunidades no mundo e no Brasil que tem essa realidade. Podemos citar como exemplo, trabalhos investigativos a respeito do /-r/ na cidade de São Paulo, apontados por Mendes (2013), mostrando que essa é uma localidade que tem em seu território o contato de praticamente todas as variantes, resultante da diversidade de povos que compõem a sua população.

Em Bom Jesus então, de repente começamos a perceber diversas situações cotidianas que indicavam que algo de novo estava acontecendo. Víamos, portanto, que nas escolas havia conflitos entre alunos por não aceitarem as diferenças nas formas da fala entre eles. Na igreja, pessoas oriundas do sul do Brasil eram inseridas nos grupos de organização das festas religiosas que faziam parte da cultura local. Na economia, os dados mostravam o aumento dos índices de desenvolvimento do município. Nas ruas, ouviam-se comentários diversos sobre o comportamento diferenciado desses novos moradores, os quais às vezes eram motivo de piadas preconceituosas, vindo de ambas as partes, ou seja, entre os moradores nativos e migrantes recém-chegados.

As mudanças, na verdade, atingiam praticamente a todos os aspectos da vida da cidade com maior ou menor intensidade. Além das já apresentadas, destacam-se também as da estrutura física, pois o aumento de construções com modelos fora do padrão comum na cidade era cada vez maior. Voltando ainda à comunicação, é

importante mencionar a falta de entendimento de certas pronúncias, palavras e sentenças emitidas durante o diálogo entre falantes gaúchos e bonjesuenses, provocando, muitas vezes, um desconforto por terem que pedir ao outro que repetisse o que falava, para poderem entender o que estava sendo dito. Enfim, na comunidade de uma forma em geral, algo diferente chamava atenção da população, anunciando possivelmente o início ou mesmo um processo de acomodação que estava visivelmente eminente.

Diante dessa realidade e por ser professora de Língua Portuguesa, bem como orientadora de outros professores¹, tudo isso começou a nos inquietar e a nos instigar a querer compreender o que estava acontecendo, principalmente, em relação à língua falada e à influência do fenômeno da migração na cidade. Tendo consciência da amplitude e da importância dessa investigação, procuramos fazer um trabalho pautado em uma fundamentação ancorada por teorias linguísticas que tratam do contato, variação e interação para termos subsídios que nos direcionem para uma explicação sistemática de elementos linguísticos variantes que estão ocorrendo nessa comunidade de fala.

Dentre a diversidade desses fenômenos, procuramos verificar um que melhor representasse essa situação de alternância/interferência linguística por conta do contato dialetal. O fenômeno fonético-fonológico representado pela troca entre o tepe e a fricativa velar nos parece o que melhor representava essa situação, por ser a mais evidente, a mais recorrente e a que mais identificava a população avaliada como gaúcha, já que esta passou a gozar mais prestígio na cidade por parte da população, quando se tornou visível a sua ascensão econômica, em virtude do grande desenvolvimento do cerrado bonjesuense.

Nesse sentido, é proposto o desenvolvimento deste trabalho, a partir da hipótese de que a interação social entre os gaúchos e bonjesuenses que mantêm contatos entre si na cidade de Bom Jesus-PI, esteja ocasionando uma possível interferência/alternância na realização fonética do /R/ na fala dos moradores da localidade. Para tanto, partimos dos estudos sociolinguísticos que tratam da relação entre língua e sociedade e que trazem evidências de que a linguagem tem um funcionamento dinâmico, ou seja, possui um sistema que articula o comportamento

¹1-Exerci a função de coordenadora pedagógica durante 12 anos no Centro Educacional Lourdinha Gomes-CELG e, paralelamente, durante 8 anos, também assumi o cargo de coordenadora pedagógica na rede municipal de ensino na cidade de Bom Jesus –PI e sou professora efetiva da rede estadual de ensino.

linguístico e o social. Dessa forma, o surgimento de diferentes variedades linguísticas corresponde às diversidades dos grupos sociais que pertencem a uma determinada comunidade de fala. Sendo assim, torna-se relevante a análise das características específicas da oralidade pautada numa visão sociolinguística, após uma descrição acurada do fenômeno.

A partir de estudos que realizamos, ficou claro que investigar variantes linguísticas de sujeitos/falantes oriundos de regiões diferentes traz uma possibilidade de reflexão sobre a heterogeneidade linguística presente em um espaço para a construção de identidades sociais no contexto interacional. Para fornecer as orientações básicas desse trabalho, elencamos como base para o seu desenvolvimento, o modelo teórico-metodológico que também é denominado teoria variacionista, cujo precursor foi William Labov (2008[1972]), bem como pesquisas sobre alternância linguística de Bloom; Gumpez (1998).

Partindo dessa perspectiva, este trabalho tem como objetivo geral caracterizar a interferência/alternância recíproca entre a fala de bonjesuenses e gaúchos, habitantes de Bom Jesus PI, para uma caracterização dos respectivos falares, bem como de um possível modo de falar diferente emergente na região, considerando os aspectos linguísticos que mais se destacaram em situações comunicativas em geral. Conforme foi mencionado pela população da cidade e apontado pelos próprios informantes da pesquisa, esses aspectos linguísticos mencionados seriam os traços que mais diferenciam, respectivamente, bonjesuenses e gaúchos.

A partir desse objetivo, surgiu o seguinte questionamento: os falantes bonjesuenses e gaúchos que estabelecem contato permanente entre si estão realizando em suas falas, de forma recorrente, a interferência/alternância de uma variante fonético-fonológica percebida pelos falantes e também pelos demais ouvintes? Esse questionamento foi necessário considerando-se que na interação entre migrantes gaúchos e falantes bonjesuenses poderia estar havendo a recorrência de uma variação fonética na fala produzida por esses respectivos interagentes que, ao ouvir a pronúncia de um som da língua diferente daquele da sua comunidade de origem poderiam estar procurando se acomodar linguisticamente para ser aceito pelo outro.

Dando continuidade à pesquisa a que este estudo está vinculado, traçamos como objetivos específicos: **a)** Identificar e enumerar quantitativamente as variantes

fonéticas que mais se alternam entre fala dos gaúchos e bonjesuenses habitantes da cidade de Bom Jesus-PI; **b)** Analisar a variante linguística a partir das variáveis elencadas para esse estudo; **c)** Verificar se a interferência/alternância entre o tepe e a fricativa velar ocorre em fragmentos de falas monitoradas, espontâneas e casuais bem como se elas são usadas por esses falantes; e **d)** Investigar a percepção dos falantes a respeito da mudança em sua fala, a partir da convivência com falantes de culturas diferentes.

Mediante tais propósitos surgiram as seguintes indagações: **i)** Qual a recorrência do fenômeno pesquisado? **ii)** Dentre todas as variáveis sociais selecionadas para essa pesquisa, qual(is) a(as) que exerce(m) maior influência nas variantes linguísticas pesquisadas? **iii)** Em quais fragmentos de fala dos interagentes selecionados para essa pesquisa há ocorrência da troca entre o tepe e a fricativa velar e como esse fenômeno acontece na interação? **iv)** Qual a percepção dos referidos interagentes a respeito das mudanças em suas falas a partir da convivência com falantes de culturas diferentes?

Sendo assim, com o entendimento de que a variação linguística tem seu significado social negociado e construído pelos falantes na interação social, é possível ocorrer a troca entre a realização fonética do tepe e a fricativa velar em fragmentos de fala de interagentes gaúchos e bonjesuenses que mantêm contatos permanentes na cidade de Bom Jesus-PI. Tal contato é condicionado por variáveis que influenciam os usos desses elementos fonético-fonológicos pesquisados, podendo interferir na interação dos informantes da pesquisa, fazendo com que eles façam uma reflexão sobre as mudanças ocorridas em suas falas a partir da convivência com falantes oriundos de outra cultura e região diferente da sua.

Para demonstrar detalhadamente os aspectos apontados nessa investigação, estruturamos esse trabalho em três capítulos, além da Introdução e das Considerações Finais. O segundo, intitulado de “Construção teórica: princípios fundamentais dos estudos linguísticos”, foi constituído da fundamentação teórica, o qual foca as teorias pesquisadas que dão o direcionamento para o conhecimento epistemológico da linha de pesquisa proposta, fazendo assim, um levantamento de teorias linguísticas que foram explanadas em seções. O terceiro apresenta toda a metodologia adotada no referido trabalho, mostra a organização sistematizada dos métodos e procedimentos utilizados, bem como a caracterização da região

pesquisada e dos informantes selecionados para a obtenção dos dados que compõem o *corpus* da pesquisa. O quarto capítulo, “Do Sul do Brasil para o Sul do Piauí: uma análise da interferência/alternância entre o tepe e a fricativa velar na fala de gaúchos e bonjesuenses”; ancora-se nas teorias linguísticas elencadas para análise e discussão dos resultados e apresenta uma análise dos dados encontrados, iniciando por uma breve abordagem quantitativa, demonstrando a ocorrência do tepe e da fricativa velar na fala dos informantes. Em seguida, foi realizada uma abordagem qualitativa do fenômeno em falas, retiradas de interações monitoradas, espontâneas e casuais dos gaúchos e bonjesuenses habitantes da cidade de Bom Jesus-PI e, por último, foram apresentadas as percepções dos falantes, a respeito das possíveis mudanças ocorridas em sua própria fala e na fala de seus interagentes a partir da convivência entre gaúchos e bonjesuenses.

Nas Considerações Finais, apontamos os resultados gerais da pesquisa, apresentando aspectos relevantes a respeito da interferência/alternância entre o tepe e a fricativa velar, os quais foram encontrados, na análise esboçada nesse trabalho.

CAPÍTULO 2

CONSTRUÇÃO TEÓRICA: PRINCÍPIOS FUNDAMENTAIS DOS ESTUDOS LINGUÍSTICOS

Numa investigação científica buscam-se, antes de tudo, explicações para certos fenômenos de uma determinada realidade, como é o caso da comunidade de Bom Jesus, a qual se constitui como *locus* da pesquisa. Assim, tornou-se imprescindível buscarmos nos estudos linguísticos as bases para constituir a fundamentação teórica deste trabalho investigativo que nortearam as discussões e análises para explicar os dados obtidos nessa realidade. Nessa perspectiva, caracterizamos o nosso objeto de estudo, quantificando os fenômenos, estabelecendo relações, fazendo comparações, interpretando os dados, buscando assim novas concepções, novos conceitos sobre uma determinada área de estudo. Dessa forma, os dados apresentados neste trabalho foram interpretados à luz das teorias já consolidadas no desenvolvimento dos estudos linguísticos em geral, especificamente na área de Sociolinguística.

2.1 Um breve esboço sobre os estudos linguísticos

O interesse em estudar a língua vem se efetivando ao longo dos anos sob a égide de vários conhecimentos filosóficos, históricos, sociais e culturais que constituem a história da humanidade. Esses estudos proporcionaram várias análises, no entanto, só foi a partir da publicação póstuma do livro Curso de Linguística Geral (CLG) do suíço Ferdinand de Saussure que se estabeleceu a linguística como ciência e isso fez com que tivéssemos uma visão mais sistematizada da língua, como estrutura, podendo ser analisada a partir de suas propriedades internas. A língua foi definida, então, como um conjunto de relações paradigmáticas e sintagmáticas estabelecidas num sistema organizado de características homogêneas.

Sendo assim, sua teoria constitui um marco histórico como também um marco epistemológico nos estudos sobre a língua, pois a partir dele muitos outros

teóricos fundamentaram suas pesquisas e teorias linguísticas, surgindo com isso várias abordagens metodológicas de análise da língua, ora corroborando a visão de Saussure, ora discordando de sua teoria. É assim, nesse enfoque que a língua passa a ser vista a partir de uma abordagem estruturalista, conforme podemos ver nas palavras de Costa (2013, p. 114).

Saussure, o precursor do estruturalismo, enfatizou a ideia de que a língua é um sistema, ou seja, um conjunto de unidades que obedecem a certos princípios de funcionamento, constituindo um todo coerente. À geração seguinte coube observar mais detalhadamente como o sistema se estrutura: daí o termo estruturalismo para designar a nova tendência de se analisar as línguas.

Logo, é Saussure quem separa o estudo da língua do estudo da fala, destacando a dimensão individual da dimensão social do funcionamento da linguagem, pois para ele a fala não podia ser considerada como objeto científico da linguagem. Como foi visto na literatura pertinente, essa visão de Saussure pode ter sido influenciada pelos estudos sociológicos de Émile Durkheim que defende que o fato social é geral, exterior e coercitivo, podendo, apenas, ser explicado pelo social. Estamos, diante, portanto de um entrecruzamento de ideias que têm como ponto comum o conceito de social aplicado tanto à teoria linguística como à sociológica. Para corroborar tal afirmação, vejamos o que diz Lucchesi (2004, p. 46) a seguir:

Nessa oposição em que Saussure estabelece entre o caráter social da língua e o caráter individual da fala, apesar de não haver nenhuma evidência explícita de uma relação de influência, é notável a presença de ecos do discurso do sociólogo Émile Durkheim (1858-1917) que se traduz principalmente na definição de língua como um **fato social**. Segundo Durkheim (1984:1-2), os fatos sociais “têm vida independente” e existem “independentemente das consciências individuais”, porque o indivíduo ao nascer já os encontra constituídos e em pleno funcionamento, e porque esse funcionamento não é afetado pelo uso que um indivíduo, tomado isoladamente, faz dele. (Grifos do autor)

É nessa perspectiva de estudo que Saussure afirma que a língua é social e não um objeto natural. Ao dizer que a língua é algo adquirido, uma convenção

social, afirma-se que ela não é inata, pois é produzida pela coletividade. A esta tese acrescenta-se a ideia de que para se descrever uma língua não significa fazer a descrição física de seus elementos e sim a descrição de sua estrutura e pertinência, ou seja, ao analisarmos um elemento linguístico podemos estabelecer se ele pertence ou não àquela língua e qual a função linguística que ele assume dentro de um ambiente linguístico, como por exemplo, a troca do f da palavra *enfiar* pelo v na palavra *enviar* que caracteriza cada uma das unidades fônicas da língua.

Conforme vimos, tal percurso deu fundamentação ao surgimento de postulados teóricos que incluíram em seus compêndios investigações linguísticas que direcionaram seus estudos para descobrir como os aspectos sociais podem influenciar na estrutura da língua e ainda em seu funcionamento, caracterizando assim uma nova abordagem, chamada Sociolinguística, a qual será apresentada a seguir.

2.2 O percurso histórico da Sociolinguística

Falar desse campo da linguística, nos leva a retomar Antoine Meillet, apresentado como discípulo de Saussure, que se afastou das ideias do mestre após o lançamento do Curso de Linguística Geral quando defende que o fato social também faz parte da língua, enfatizando que a língua por ser um fato social, os estudos linguísticos devem considerar as mudanças sociais para dar conta das variações na língua. Calvet (2002, p. 14) já aborda sobre tal discordância no trecho esboçado a seguir:

Antoine Meillet foi quase sempre apresentado como discípulo de Ferdinand Saussure (1857-1913). Contudo, com a publicação (póstuma) do *Curso de Linguística Geral*, Meillet tomou distância, na resenha que faz do livro, ele ressalta que ao separar as variações linguísticas das condições externas de que ela depende, Ferdinand Saussure a priva de realidade; ele a reduz a uma abstração que é necessariamente inexplicável. Portanto, as posições de Meillet estavam em contradição com, ao menos, uma das dicotomias saussurianas, a que distinguia sincronia de diacronia, e com a última frase do *Curso* (“a linguística tem por único e verdadeiro objeto a língua considerada em si mesma e por si mesma”).

A partir de tal posição, podemos de certa forma afirmar que Meillet contribuiu com estudos que fundamentaram o surgimento da Sociolinguística. Perante várias abordagens que relacionavam a língua com aspectos de cunho sociocultural é importante destacar também o linguista William Bright, que teve a iniciativa de reunir em 1964, em Los Angeles, 25 pesquisadores para uma conferência, dentre eles John Gumperz, Dell Hymes e William Labov, com o objetivo de tentar fazer uma síntese de trabalhos sociolinguísticos. Na ocasião, Bright conclui que uma das maiores tarefas da Sociolinguística é mostrar que a variação ou a diversidade não é livre, que se correlaciona às diferenças sociais sistemáticas (ALKMIM, 2004). Tal evento constituiu um grande impacto nos estudos linguísticos que focam a relação social com a estruturação da língua.

Dentro desse contexto surge a Sociolinguística, como uma teoria que foca a influência dos aspectos sociais na variação da língua, constituindo como seu objeto de estudo tal variação, “entendendo-a como um princípio geral e universal, passível de ser descrita e analisada cientificamente” (MOLLICA, 2013, p. 9).

O fato é que estamos constantemente, durante o nosso dia a dia, estabelecendo contatos com falantes pertencentes a diversos universos linguísticos, permeados por aspectos socioeconômicos, psicológicos, históricos e culturais que fazem parte da formação de cada indivíduo. Todo esse processo de interação incide decisivamente nas diferenças de cada variedade linguística característica de cada região, grupo social ou situação comunicativa na qual estão inseridos. Portanto, analisar a língua exige uma prática interpretativa direcionada tanto para a sua estrutura como para a interação linguística pertencente a um determinado contexto socio-comunicativo característico de uma determinada sociedade.

Sendo assim, a abordagem sociolinguística tem se fundamentado através de vários pesquisadores que desenvolvem suas pesquisas linguísticas, partindo do pressuposto de que a variação linguística é uma característica inerente a qualquer língua ou a qualquer de suas variedades e de qualquer indivíduo, por mais que tenha consciência de uma norma idealizada ou que dela saiba se utilizar efetivamente, apresenta variação em seu desempenho linguístico.

Perante tal realidade, podemos constatar que todas as variedades sociais regionais são funcionalmente equivalentes por permitirem a intercomunicação entre

seus usuários, mesmo apresentando-se culturalmente diferente. Sendo assim, diante da multiplicidade de fatores que naturalmente caracterizam a heterogeneidade da língua, devemos levar em consideração a variável linguística e a variedade social como aspectos fundamentais na caracterização das estruturas linguísticas de uma determinada situação de fala sobre isso. Vejamos o que diz Calvet (2002, p. 103):

Uma descrição sociolinguística consiste precisamente em pesquisar esse tipo de correlações entre variações linguísticas e categorias sociais efetuando sistematicamente triagens cruzadas e interpretando os cruzamentos significativos.

Tal estudo deve, portanto, levar em consideração a diversidade de regiões, a faixa etária, grupos étnicos, grupos profissionais que se inter cruzam em um determinado contexto, influenciando assim as formas linguísticas tanto morfológicamente, quanto sintática, semântica e foneticamente de modo que possam causar inicialmente variações e posteriormente possíveis mudanças na língua.

As evidências apresentadas no decorrer das pesquisas sociolinguísticas destacam fenômenos da língua tanto na perspectiva variacionista como na interacionista, mostrando assim visões que, mesmo tendo um olhar investigativo diferenciado do objeto de estudo analisado, se caracterizam por estudos que se complementam. Para um maior conhecimento a respeito do que cada uma aborda em seu arcabouço teórico, apresentaremos separadamente cada uma delas nos tópicos que seguem.

2.2.1 Sociolinguística Variacional

À visão de que a Sociolinguística é uma abordagem anexa que vem complementar a Linguística, ou a Sociologia e a Antropologia, tem como contraponto os estudos de William Labov, linguista americano, o qual afirma que a Sociolinguística tem seu próprio objeto de estudo, que é variação linguística,

retomando com isso a questão do fator social abordado nas ideias de Meillet, porém diferenciando-se quanto à seleção da natureza dos dados, como veremos na citação abaixo.

Labov radicaliza Meillet levando a sério até o fim a definição da língua como fato social, mas a comparação para aqui. Meillet, comparatista de alto nível, trabalhou, sobretudo com línguas mortas, enquanto Labov trabalha continuamente com situações contemporâneas modernas concretas, enfrenta problemas de metodologia da pesquisa, em suma constrói um instrumento de descrição que tenta ultrapassar, integrando-os, os métodos heurísticos da linguística estrutural. (CALVET, 2002, p. 33)

Devemos, portanto, às pesquisas de intensas análises contrastivas e comparativas de William Labov (1964), a instituição da teoria Sociolinguística. Desses estudos investigativos resulta a publicação do seu trabalho de dissertação de mestrado, cujo objetivo foi o de verificar a alteração na posição fonética dos primeiros elementos dos ditongos /ay/ e /aw/ na comunidade Martha's Vineyard, no estado de Massachusetts, bem como a do seu trabalho de doutorado sobre a estratificação do (r) nas grandes lojas de departamentos nova-iorquinos, marcando assim, o início da corrente conhecida pelo nome de "linguística variacionista".

Vale destacar aqui que William Labov foi fundador dessa nova corrente da linguística, orientado por seu professor Uriel Weinreich, um linguista conhecido internacionalmente por seus trabalhos de sociolinguística e dialetologia. Sendo, portanto, admirado pelo seu discípulo, conforme podemos ver nas próprias palavras de Labov (2008, p. 15) apresentada no trecho que segue:

É impossível para mim avaliar a contribuição de Uriel Weinreich aos estudos relatado aqui. Aprendi com ele em cursos sobre sintaxe, semântica, dialetologia a história da Linguística; ele orientou meu trabalho de mestrado, e os estudos sobre Nova York (capítulo 2), que foi minha tese de doutorado.

Essa nova abordagem sobre os estudos linguísticos tem a heterogeneidade como foco, partindo assim do pressuposto de que toda língua possui formas distintas de se comunicar, o que ocasiona variação e mudança linguística, influenciada pela

diversidade sociocultural de um determinado grupo linguístico. Sendo assim é de fundamental importância para a sociolinguística saber caracterizar o que é considerado como uma variação de acordo com as propriedades da língua dentro de um contexto social. Veja o que afirma Mollica (2013, p. 10) a esse respeito:

Antes de tudo, o linguista deve compreender como se caracteriza uma determinada variação de acordo com as propriedades da língua, verificar seu *status* social positivo ou negativo, entender o grau de comprometimento do fenômeno variável no sistema e determinar se as variantes em composição acham-se em processo de mudança, seja no sentido de avanço ou de recuo da inovação.

Nessa perspectiva faz-se necessário que tenhamos conhecimento sobre a diferença entre variantes e variáveis linguísticas para que possamos identificar as diferentes formas de uso da língua. Sobre essa informação, Tarallo (2007, p. 08) afirma que: “variantes linguísticas são diversas maneiras de se dizer a mesma coisa em um mesmo contexto e com o mesmo valor de verdade. A um conjunto de variantes dá-se o nome de *variável linguística*”. E acrescenta ainda que o uso de uma ou outra variante é influenciado por fatores linguísticos (estruturais) ou sociais (extralinguísticos).

Os processos de variações linguísticas ocorridos na comunidade de fala são primordiais nos estudos sociolinguísticos e por isso a língua torna-se um lugar de observação, o qual traz em si inúmeros fatores que a influenciam na dinâmica de seu uso. Tal processo caracteriza-se por uma determinada situação de comunicação que por sua vez está imbricada de conhecimentos socioculturais interligados que se fazem presentes durante o contato linguístico dos falantes.

Portanto, para se conhecer uma língua, é importante fazermos um estudo mais complexo sobre ela, observando sua dinâmica da interação verbal uma vez que a língua se concretiza e ao mesmo tempo pode se transformar, modificando aspectos semânticos, fonéticos/fonológicos, morfológicos ou sintáticos que constituem a natureza heterogênea da fala de uma determinada comunidade. E é nesse foco que é importante acrescentarmos o que nos diz Tarallo (2007, p. 19) sobre o que é a língua falada:

[...] a língua falada a que nos temos referido é o veículo linguístico de comunicação usado em situações naturais de interação social, do tipo comunicação face a face. É a língua que usamos em nossos lares ao interagir com os demais membros de nossas famílias. É a língua usada nos botecos, clubes, parques, rodas de amigos; nos corredores e pátios das escolas, longe da tutela dos professores.. É a língua falada entre amigos, inimigos, amantes e apaixonados.

Vemos, portanto, que a língua é o instrumento que as pessoas usam para se comunicarem cotidianamente, utilizando mecanismos que possibilitam o entendimento do que é enunciado através das formas linguísticas selecionadas naturalmente pelos falantes. A análise da organização do processo comunicativo inclui a possibilidade de se investigarem as causas de possíveis variações e mudanças na língua, tornando assim a linguagem usada no dia a dia bastante útil para os estudos sociolinguísticos. O fato é que a língua passa por variações condicionadas por fatores internos e externos. Com relação aos fatores internos, vejamos a seguir o que aborda Mollica (2013, p. 11):

No conjunto de variáveis internas, encontram-se os fatores de natureza fonomorfossintáticos, os semânticos, os discursivos e os lexicais. Eles dizem respeito a características da língua em várias dimensões, levando-se em conta o nível do significante e do significado, bem como os diversos subsistemas de uma língua.

Um olhar atento a essa questão dos fatores condicionantes internos da língua, perpassa por diversos estudos que focam a sua estrutura básica de funcionamento, uma vez que tal estrutura é composta por elementos que fazem parte de subsistemas que se inter-relacionam internamente para formar o sistema linguístico. Visão essa guiada pelos estudos de linguistas que preconizavam a homogeneidade da língua e que com certeza trouxe contribuições para se fazerem descobertas significativas sobre processos variacionais da língua, mas, que de uma certa forma, deixaram lacunas, por não considerarem a heterogeneidade linguística. Tal fato foi comentado por Labov (2008[1972], p. 20):

A contribuição de forças internas, estruturais, para a efetiva difusão das mudanças linguísticas, tal como esboçada por Martinet (1955), deve ser naturalmente o foco de atenção de qualquer linguista que esteja investigando esses processos de propagação e regularização. No entanto, uma abordagem que considera apenas as pressões estruturais dificilmente pode contar a história toda. Nem todas as mudanças são altamente estruturadas, e nenhuma mudança acontece num vácuo social. Até mesmo a mudança em cadeia mais sistemática ocorre num tempo e num lugar específicos, o que exige uma explicação.

Essa afirmação vem corroborar com o fato de que variação é condicionada tanto por fatores internos ao sistema quanto por fatores de ordem social, considerados como já vimos como extralinguísticos. Podemos perceber, então, que para Labov, não existe variação livre, ou seja, a heterogeneidade não é fruto do acaso. Para ele, as estruturas variantes, muito mais do que as invariantes, revelam padrões de regularidade bastante sistemáticos.

E é nessa perspectiva da heterogeneidade que devemos abordar os fatores externos que podem condicionar o surgimento do fenômeno da variação linguística. Dentre esses aspectos podemos citar: faixa etária, sexo, classe social, região onde mora e até mesmo o grau de escolaridade. Sobre isso, recorre-se a Alkmin (2004, p. 31) quando nos diz: “no plano sincrônico, as variações observadas nas línguas são relacionadas a fatores diversos dentro de uma mesma comunidade de fala, pessoas de origem geográfica, de idade, de sexo, diferentes falam distintamente”.

Vê-se assim, que a língua se concretiza através de seus falantes, os quais representam seus grupos sociais a que pertencem e que por sua vez fazem parte de uma determinada região, classe social e faixa etária diferente. Todo trabalho classificatório a esse respeito mostra que, para analisarmos determinada variante de uma língua, é necessário fazermos um estudo da definição de cada tipo de variedade, apontando suas características específicas. A seguir esboçaremos o significado de cada classificação da variedade linguística a partir do estudo de Ilari; Basso (2007, p. 152):

- ✓ **Variação diacrônica** - Etimologicamente aquela que se dá através do tempo.
- ✓ **Variação diatópica** - (do grego dia= através de topos=lugar) entendem-se as diferenças que uma mesma língua apresenta na dimensão

do espaço, quando é falada em diferentes regiões de um mesmo país ou diferentes países.

✓ **Varição diastrática** - etimologicamente o tipo de variação que se encontra quando comparam diferentes estratos de uma população.

✓ **Varição diamésica** - (etimologicamente variação associada ao uso de diferentes meios ou veículos que a língua utiliza).

Toda essa dimensão de variações abordadas anteriormente, nos direciona para um olhar analítico sobre a língua em uso. Em função disso, devemos focalizar diversos aspectos que incidem na formação de novas palavras, expressões, mudanças fonéticas que vão pouco a pouco modificando o falar de um povo. É importante também que se tenha conhecimento do que caracteriza uma determinada fala para que ela seja considerada formal, casual ou espontânea. Para que se tenha clareza a respeito disso, seguimos a definição de Labov (2008 [1972], p. 111) apresentada a seguir:

Por fala casual, em sentido estrito, entendemos a fala cotidiana usada em situações informais, em que nenhuma atenção é dirigida à linguagem. Já fala espontânea se refere ao padrão usado na fala excitada, carregada de emoção, quando os constrangimentos de uma situação formal são abandonados.

Voltando a esboçar as questões já mencionadas a respeito da importância do estudo de uma variante linguística, vale destacar que a comunicação humana é permeada por fenômenos linguísticos e não-linguísticos que são processados através do contato verbal. É nesse momento que se concretiza a difusão das inovações, ou seja, ocorre a transmissão linguística entre os falantes de um mesmo contexto situacional que, ao entrar em contato com outra realidade, procura se adaptar a novos padrões de uso da língua. Sobre isso, afirma Camacho (2004, p. 58):

Como é verdadeiro que o domínio de uma língua deriva do grau de contato do falante com outros membros da comunidade, também é verdadeiro que quanto maior o intercâmbio entre os falantes de uma língua, tanto maior a semelhança entre seus atos verbais.

Desse modo, é importante que centralizemos nosso olhar na maneira como são transmitidas as formas linguísticas utilizadas pelos falantes de uma determinada região ou grupo social, pois esse é um ponto crucial da interação verbal que transforma a prática linguística de um povo. Complementando essa ideia, refletamos sobre isso:

A (s) variedade(s) linguística(s) que cada indivíduo domina, em sua modalidade oral é efeito de um aprendizado natural em função dos processos interlocutivos decorrentes de sua vida [...]. Em todas essas situações, ele negociou sentidos, somou novos conhecimentos aos antigos, interagiu, colaborou. E sua linguagem foi se instaurando, como um processo ativo, produtivo. (MATTA, 2009, p. 37)

O fato é que as transformações da língua, seja em contexto histórico, ficcional seja pragmático, carregam muitas implicações, que ocorrem simultaneamente durante o processo de uso da língua na sociedade. Nesse sentido Ilari; Basso (2007, p. 189) afirmam que:

A variação diacrônica, diatópica, diastrática e diamésica convivem: elas não são características que possam ser aplicadas em separado a alguns textos e não a outros. Assim, qualquer produção verbal é simultaneamente marcada do ponto de vista diacrônico, diatópico, diastrático e diamésica.

E é dentro dessa realidade que as trocas linguístico-culturais acontecem de forma natural, podendo ocasionar o surgimento de variantes linguísticas que emergem a partir da necessidade dos falantes se comunicarem. Todo esse processo passa pelo crivo social, ou seja, os grupos sociais aceitam ou não os usos das formas linguísticas comuns como meio de interação e de coesão cultural dentro de um determinado contexto comunicativo que ultrapassa fronteiras. Para reafirmar essa questão, vejamos o que diz Guisan (2009, p. 27)

De fato, a polarização mundial entre centro e periferia tende a se tornar cada vez mais fraca. Ou seja, em outras palavras a periferia fica no centro e o centro fica na periferia. A observação sociolinguística torna esta evolução bastante patente, como também a análise da produção cultural em geral. As variantes linguísticas são muito menos geográficas e se superpõem cada vez mais no mesmo espaço, numa estratificação interativa acelerada. A cidade de hoje é cosmopolita, multilíngue, multirreligiosa e multirracial.

Sendo assim, sabemos que estudar variação é um processo bastante complexo, pois a língua se caracteriza por um processo múltiplo imbricado de traços linguísticos resultantes de uma realidade social diversificada. Diante disso, é emitido um juízo de valor pelos próprios falantes a respeito de uma determinada forma linguística ser a mais correta ou não. Dessa maneira, preconiza-se a ideia de que as outras formas de uso da língua, que não fazem parte do padrão são erradas, por isso não devem ser consideradas como objeto de estudo possível de ser analisado. A essa ideia acrescentamos:

No Brasil, são socialmente estigmatizados os vernáculos e as variedades populares da língua urbana. Nunca é supérfluo reafirmar, porém, que do ponto de vista linguístico, essas variedades não são estruturalmente inferiores à norma padrão. O conceito de "erro gramatical" é tão somente uma questão de diferença entre dois dialetos. (BORTONI-RICARDO, 2005, p. 38).

Vê-se, de fato, que ocorre um preconceito social que se reflete nas diversas formas em que a língua se apresenta, pois se estabelece a ideia de que certos grupos de falantes, por serem de classe social menos elevada ou de região desfavorecida, não usam adequadamente a língua, dando a um grupo privilegiado socialmente e, conseqüentemente, de maior prestígio, a capacidade de usar uma variação da língua que seria considerada a mais elaborada, portanto a mais correta.

Segundo Bortoni-Ricardo (2014), o relativismo cultural e a heterogeneidade linguística são inerentes ao sistema e se caracterizam por duas premissas básicas do Estruturalismo do século XX que facilitou o caminho para a emergência da Sociolinguística como um campo interdisciplinar. Essa é uma visão que vem sendo demonstrada através de pesquisas, cujos resultados esclarecem cientificamente a

dinâmica da variação linguística como reflexo de uma sociedade multifacetada não só socialmente, mas também histórica e culturalmente.

Além dos estudos precusores de William Labov (2008 [1972]), temos entre outros, os de Bortoni-Ricardo (2005; 2010; 2011; 2014) que apresentam um amplo estudo a partir dos estudos sociolinguísticos, trazendo exemplificação de entrevistas sociolinguísticas, eventos de oralidade, análise de redes sociais, episódios comunicativos reveladores de problemas sociais e comunitários e Alkmim (2004) que esclarece sobre várias análises direcionadas para a variação linguística, apontando visões diferentes a esse respeito.

Considerando tais abordagens, destacam-se vários estudos sobre o fenômeno da variação linguística, o qual é marcado por mudanças importantes, reflexo do contexto social, político e cultural em que se insere. Fenômeno este que é investigado através de pesquisas desenvolvidas na área da linguagem por teóricos que consideram a língua como meio de interação entre os membros pertencentes das variadas esferas sociais. E é nesse foco interacional que a Sociolinguística será abordada no tópico a seguir.

2.2.2 Sociolinguística Interacional

Falar em formas linguísticas variantes implica falar em um processo natural da língua que ocorre no interior de falas resultantes de situações interativas inseridas em um determinado contexto social. Temos então, além dos estudos da Sociolinguística Variacionista, os estudos voltados para a organização da interação comunicativa em uma determinada situação de fala. E é nesse enfoque que se fundamenta a Sociolinguística Interacional, a qual busca analisar seu objeto de estudo nas investigações sobre a linguagem centradas na comunicação entre as pessoas, sempre considerando o contexto em que se desenvolve. Com isso, observa-se como o indivíduo reage às situações de interação face a face dentro de certo ambiente social.

Sendo assim, é de grande importância que analisemos as interações *in locus*, observando os usos da língua produzidos em contextos interacionais de fala. Para corroborar tal fato, podemos ver a afirmação de Bortone (2007, p. 98) sobre a interação face a face:

Para que se tenha uma compreensão situada aproximada da perspectiva dos próprios integrantes da comunidade, é preciso examinar a interação social face a face entre os seus integrantes uma vez que para levar a cabo as suas ações, elas precisam revelar uns para os outros(e para o analista, por extensão) quais as identidades que estão projetando e como ratificam e sustentam, reparam, rejeitam ou ignoram as identidades que são projetadas.

Temos então estudos bem significativos considerados como pilares na abordagem interacionista da língua. Um deles é apresentado pelo escritor e sociólogo canadense Erving Goffman (1998) que, além de outros estudos, introduziu o conceito de *footing* para explicar as interações entre falante, ouvinte e contexto. O outro é esboçado pelo antropólogo e linguista Jonh Gumpez (1998), que aborda as pistas de contextualização, as quais direcionam a interpretação das informações que estão em jogo durante a atividade de interação linguística. Segundo ele, as pistas de contextualização constituem-se como pistas de natureza sociolinguística que utilizamos para sinalizar as nossas intenções comunicativas ou para inferir as intenções conversacionais do interlocutor. Para o melhor detalhamento dessas pistas, vejamos a seguir a explicação dada por Gumpez (1998, p. 100):

Tais pistas podem aparecer sob várias manifestações linguísticas, dependendo do repertório linguístico, historicamente determinado, de cada participante, os processos relacionados às mudanças de código, dialeto e estilo, alguns dos fenômenos prosódicos que já discutimos (Gumpez, 1982), bem como possibilidades de escolhas ente opções lexicais e sintáticas, expressões formulaicas, abertura e fechamentos conversacionais e estratégias de sequenciamento podem todos ter funções semelhantes de contextualização.

Dessa forma, por nosso trabalho focar o fenômeno da alternância fonético-fonológico em uma comunidade de fala interdialeto, utilizamos também como base as abordagens da sociolinguística interacional, focando a pista linguística da alternância de variantes características de dialetos diferentes, fazendo assim uma análise que contribui para a sinalização de pressuposições contextuais que

aparecem em várias manifestações linguísticas resultantes desse processo de junção linguística característico da comunidade de fala a qual pertencem os informantes da nossa pesquisa.

Vale ressaltar que, dentre os estudos linguísticos já abordados até aqui, estamos sempre focando a questão da língua inserida em uma sociedade e, nesse sentido, estamos sempre situando a fala no grupo social dos falantes; razão por que a unidade social presente nessa investigação foi sempre a comunidade de fala. A compreensão e o domínio desse tema comunidade de fala são, pois, de suma importância para que tenhamos um maior conhecimento do modo como são entendidas as relações dentro de um grupo social que possam caracterizá-lo como uma comunidade de fala ou não.

Dentre várias concepções a esse respeito, temos algumas definições elencadas por linguísticas como por exemplo Gumperz (1998), que faz uma abordagem a esse respeito, pois além de considerar que uma comunidade de fala é um grupo de falantes, ele acrescenta que esse grupo, necessariamente, não precisa falar a mesma língua para se comunicar, pois mesmo falando línguas diferentes, seus membros podem compartilhar um conjunto de normas e regras para o uso linguístico dentro do contexto comunicativo que faz parte da interação no dia a dia.

Dessa forma, podemos entender que esse termo caracteriza um determinado grupo de falantes que estabelecem contatos entre si dentro de um contexto interacional que direciona para um acordo espontâneo não só social, bem como linguístico para o uso das mesmas regras linguísticas que possibilitam o entendimento dos participantes.

Isso significa que os falantes que fazem parte dessa comunidade, além de utilizarem regras comuns de fala entre si, podem algumas vezes ter uma percepção a respeito dos usos linguísticos, emitindo um juízo de valor sobre eles, voltando-se assim ao exame da língua tal como ela é produzida por estes.

Sabemos que numa determinada situação de comunicação há outros aspectos envolvidos, além dos sociais que influenciam a elocução utilizada pelos falantes que compõem um diálogo. Nesse contexto sociointeracional estão presentes de forma compartilhada normas e ideologias comuns de um grupo de comunidades de fala que, no caso dos informantes do nosso trabalho, tem suas origens em regiões diferentes, mas conseqüentemente interagem socialmente

podendo ocasionar principalmente possíveis transformações culturais e linguísticas. Sendo assim, baseando-se no que diz Gumperz (1998, p. 29), quando ele fala sobre comunidades bilíngues, “adotamos o fato de que em interações interdialetais há também a ocorrência do fato de que a história, as forças econômicas e os próprios processos interativos combinam-se para criar ou eliminar as distinções sociais.”

É nesse foco que a sociolinguística interacional vem complementar a questão da variação da língua, levando em consideração uma análise interseccional de um determinado trecho de fala, ou seja, considerar que nessa elocução estão presentes vários elementos linguísticos e comportamentais que direcionam a conversação dentro da diversidade linguística. Sobre isso, aborda Gumperz (1998, p. 98):

Com ideia de que a diversidade linguística é mais do que uma questão de comportamento. A diversidade linguística funciona como um recurso comunicativo nas interações verbais do dia-a-dia no sentido de que, numa conversação, os interlocutores para categorizar eventos, inferirem intenções e aprender expectativas sobre que poderá ocorrer em seguida- se baseiam em conhecimentos e estereótipos relativos às diferentes maneiras de falar.

Tal visão pressupõe que em uma interação face a face são feitas elocuições que podem ser interpretadas de diversas formas por seus interagentes que se baseiam em um determinado conhecimento produzido social e culturalmente para seguir como um direcionamento que o levará à interpretação de tal situação comunicativa, desvelando as intenções que estão em jogo nesse processo interacional. Para Gumperz (1998, p. 99): “partimos do pressuposto que uma elocução pode ser compreendida de várias maneiras e que as pessoas decidem interpretar uma determinada elocução com base em suas definições do que está acontecendo no momento da interação”.

Sendo assim, podemos compreender que durante o contato linguístico, os interagentes fazem parte de um processo de interlocução que é subsidiado por elementos linguísticos que apontam para dentro e para fora do texto que está sendo produzido oralmente, ou seja, funcionam como estratégias de formulação textual para que se estabeleça a comunicação dentro de uma situação comunicativa que é realizada substancialmente dentro de uma diversidade linguística inerente à língua.

Sabemos que toda forma de uso da língua é determinado pelo contexto em que cada indivíduo se insere a partir do grupo social do qual ele faz parte, e isso só é possível ser analisado a partir de um trabalho focado pela visão sociolinguística. Vejamos o que diz Costa (2011, p. 24)

A rigor, cada grupo humano possui uma língua que se organiza e se estrutura diferentemente em cada grupo particular, com suas variações, de acordo com as condições reais de existência dos falantes. A evidência da língua dessa relação com os grupos sociais se deve ao fato de se constituir em um pré-requisito fundamental para a interação, segundo as condições culturais e sociais de cada grupo. Logo, isso implica que a organização da língua ou fala ocorre mediante processos sociais, cuja evidência está no processo interacional, que ocorre segundo as condições sociais e culturais de cada grupo social.

Podemos perceber então que é visível a importância de se levar em consideração também aspectos culturais nos estudos direcionados pela língua, pois é através de seu uso na interação que os mais variados tipos de conhecimentos, sejam eles do cotidiano ou não poderão ser concretizados. E essa situação comunicativa é marcada por diversas relações que se estabelecem durante os diálogos produzidos pelos interagentes. Sobre essa interação, característica inerente da língua, vejamos o que nos diz Sapir (1980 [1949], p. 153) a seguir:

O intercâmbio pode ser de relações amistosas ou hostis. Pode processar-se no plano corriqueiro dos negócios e do comércio ou consistir em empréstimo ou troca de bens espirituais-arte, ciência, religião. Seria difícil citar um exemplo de língua ou dialeto de vida completamente isolada, mormente em se tratando de povos primitivos

Aproximar os estudos linguísticos interacionais da cultura constitui-se um dos pontos fundamentais para se fazer uma análise mais complexa da realidade pesquisada, partindo do pressuposto de que a cultura representa os pensamentos e as práticas de civilizações humanas que se concretizam através da linguagem, a qual é responsável por mostrar grande parte a realidade cultural através de códigos verbais característicos dos membros inseridos em um determinado grupo. O fato é que a língua tem uma relação íntima com a cultura, ou seja, “ela não existe isolada

de uma cultura, isto é, de um conjunto socialmente herdado de práticas e crenças que determinam a trama de nossas vidas.” (SAPIR 1980[1949]., p. 165)..

Entendemos assim, que uma pesquisa linguística que tem como base teórica os pressupostos da Sociolinguística Variacionista, se torna mais completa quando foca sua investigação não só em aspectos variacionais, mas também interacionais, pois assim, ela pode apresentar resultados que se enquadrem em contextos mais próximos da realidade pesquisada. E isso é um fator preponderante dentro de uma sociedade formada por uma mistura de diversos povos de características culturais diferenciadas e conseqüentemente com formas variadas de uso da linguagem. Esse é o caso do Brasil cuja diversidade linguística é uma característica típica desse país. Para apresentarmos mais detalhes a esse respeito no próximo tópico serão esboçadas mais informações que comprovam a natureza multilíngue e multidialetal da língua portuguesa usada pelos brasileiros.

2.3 A diversidade linguística brasileira

O fenômeno da diversidade linguística é evidente no território brasileiro. Podemos constatar esse fato através de dados fornecidos pelo IPEA (Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada), que no ano de 2014, indicou que há mais de 200 línguas faladas no Brasil, sendo que, desse total, pelo menos 170 línguas ainda faladas por populações indígenas. Também apontou para outras línguas historicamente “situadas” e amplamente utilizadas em diversas regiões, além das indígenas, línguas de imigração, de sinais, de comunidades afro-brasileiras e línguas crioulas que configuram o universo de nove idiomas em processo de reconhecimento.

Essa realidade atual é a representação da formação socio-histórica do Brasil que é composta por variadas culturas, diferenciada entre si, tanto étnica, quanto linguisticamente. Dentre os povos que influenciaram a formação do povo brasileiro, estão, principalmente, os portugueses, os indígenas e os africanos. Posteriormente no século XIX, acrescenta-se a essa diversidade a chegada de outros povos como: alemães, italianos, poloneses, árabes, japoneses, entre outros. Para confirmar tal fato, vejamos o que Ilari (2007, p. 60) comenta.

Ao longo dos 500 anos de história, a situação linguística do Brasil foi bastante complexa pela presença das línguas indígenas (desde sempre), do português dos colonizadores, das línguas faladas pelos povos africanos (a partir de 1532) e, depois, das línguas europeias e asiáticas falada pelos imigrantes.

E ainda não podemos esquecer-nos de mencionar o fato de que paralelamente a essa diversidade, há a questão da padronização do português no Brasil desde o início da colonização, conforme nos diz Bortoni-Ricardo (2014, p. 72):

Quando Portugal iniciou a colonização do Brasil, em 1549, com a construção da cidade de Salvador, o processo de padronização do português já estava em curso e foi trazido para o nosso país pela burocracia estatal e pelo clero da Igreja Católica. Passou a ser cultivado principalmente na capital, primeiro Salvador e depois Rio de Janeiro. Nesta última teve um forte incentivo com a vinda da Corte portuguesa para o Brasil, em 1808.

A partir de então a busca pela implementação da homogeneização política, cultural e linguística se estabelecia em nosso país; primeiramente, conforme citado, com a instalação da família real no Brasil, que conseqüentemente influenciou a realidade local e, posteriormente, com a independência do país, quando se elaborou em 1823 a primeira Constituição, procurando implementar o ensino como universal e obrigatório. E no decorrer da história, foram implementando-se cada vez mais instituições sociais, como a escola, igrejas, cartórios, dentre outras que são responsáveis por manter a padronização da Língua Portuguesa.

Para entender melhor a difusão do Português no Brasil, deve-se levar em consideração além de fatores históricos, também fatores como; o crescimento demográfico do país, a urbanização e a ocupação do interior brasileiro, os quais estão relacionados à forma como se deu a ocupação efetiva do espaço territorial brasileiro. E é assim que se estabelece a diversidade linguística do Brasil que, em primeira instância, se caracteriza de forma diferente entre a zona urbana e a zona rural que decorre do próprio processo de colonização do país. Sobre isso, podemos ver o que diz Bortoni-Ricardo (2005, p. 31):

A língua trazida pelos portugueses conservou-se, nos grandes centros de colonização no litoral, onde havia constante intercâmbio comercial e cultural com a metrópole, bem semelhante à modalidade lusitana, distinguindo-se dela, porém em alguns traços. Conforme observa Mattoso Câmara Jr (1975b), as discrepâncias entre as duas normas decorrem essencialmente de se achar a língua em dois territórios nacionais distintos e separados. O Português falado no Brasil em zonas urbanas é resultado de um compromisso entre os múltiplos dialetos portugueses falados pelos colonos, procedentes das diversas províncias de Portugal que, postos em contato, tenderam a uma homogeneização linguística, com redução das particularidades mais típicas.

Outra questão a ser considerada também é que a variação linguística característica de diferentes falares que constituem o patrimônio cultural da nossa língua se deu por um processo de divisão entre o falar urbano e o rural. O fato de que até o século XIX o Brasil tenha sido um território dividido, por um lado de pequenas áreas de cidades e vilas e, por outro de uma grande área rural, contribuiu para essa realidade. Era, portanto, nas cidades que ficavam os órgãos administrativos. Isso fez com que os falantes urbanos tivessem maior probabilidade de contato com a língua considerada de maior prestígio. Enquanto, nas mais diversas regiões do país, o Português era falado pelos colonos pobres que ficavam distantes dos centros da elite e que faziam parte da maioria da população. Isso pode ser confirmado Bortoni-Ricardo (2005, p. 37) quando ela nos diz que:

Diferentemente do que ocorre nos Estados Unidos, onde o Inglês não-padrão é falado por minorias étnicas, no Brasil, os vernáculos e as variedades populares constituem a língua da grande maioria da população. Apesar disto, esses dialetos têm recebido muito pouca atenção.

Esse é mais um estudo que também devemos levar em consideração para que possamos fazer uma análise sociolinguística focada nesses diversos aspectos que fundamentam cada grupo social naturalmente inserido nesse contexto sócio-histórico brasileiro. O reflexo dessa realidade está conseqüentemente representado no sistema linguístico que, por sua vez, se constitui de elementos que apontam tanto para a preservação, como para variação e mudança da língua falada em nosso país.

Tal fato contribui decisivamente para a formação da língua portuguesa no Brasil, pois não se pode esquecer que a história de um povo se concretiza no uso real de sua língua. Sendo assim, a influência desses elementos presentes em cada região do país, aliada ao desenvolvimento histórico de cada lugar, fez com que surgissem variações na língua. Todo esse processo se concretiza de forma marcante no universo linguístico que permeia essa realidade, direcionando, assim, a caracterização de cada região geográfica, através de um conjunto de particularidades linguísticas construídas através de vários aspectos envolvidos na interação entre os falantes.

Vale ressaltar que toda essa caracterização histórica e sociocultural, intrínseca na língua portuguesa no Brasil fez com que surgissem várias pesquisas no sentido de que se pudesse fazer um mapeamento linguístico dos falares regionais do país. Uma primeira tentativa nesse sentido data da primeira metade do século XX, quando o filólogo Antenor Nascentes lançou o livro “O linguajar carioca”. Posteriormente fez outras edições procurando identificar falares específicos de cada região brasileira. Esse foi o marco inicial para as bases de construção de um atlas linguístico de abrangência nacional, atualmente a cargo do projeto ALIB (Atlas Linguístico do Brasil). “Nascentes separou no Brasil dois grandes grupos de falares, os do Norte, compreendendo o amazônico e o nordestino, e os do sul, compreendendo o baiano, o mineiro, o fluminense e o “sulista”.” (ILARI, 2007, p. 171).

Tal estudo dialetológico só veio dar ênfase ao fato de que a língua tem por natureza de caráter social, o que implica dizer que ela representa todo um grupo que traz em sua origem aspectos socio-históricos que a fundamentam e a tornam estruturada. Entretanto, ela é também passível de mudanças que a tornam flexível, ou seja, é adaptável às novas formas linguísticas que podem direcionar para a ocorrência de uma variação linguística, com possibilidades ou não de mudança.

Para pensar a ideia da diversidade linguística, atualmente é imprescindível também considerar os processos de mobilidade contemporâneos que contribuem significativamente para uma aproximação entre diferentes formas de falar. Nesse sentido, é bastante válido ver o que nos diz Lopes (2013, p. 144):

Mobilidade, hiperdiversidade e tempo turbinado: três ideias na ordem do dia do mundo globalizado. Tudo pessoas, produtos, conhecimentos, informações, discursos, identidades circula rápido e transglobalmente confrontando uma multidão de “outros” diversos do familiar e conhecido. São encontros e desencontros de toda ordem promovidos pela tecnologia informacional, midiática e digital, cujos tentáculos se espriam pelos quatro cantos do planeta.

Um olhar mais simplificado dessa realidade nos mostra que as transformações na sociedade vêm ocorrendo num ritmo acelerado o que conseqüentemente influencia a complexidade das relações linguísticas estabelecidas nos grupos socioculturais contemporâneos que caracterizam a língua portuguesa do Brasil. Outro aspecto que deve ser enfatizado é o processo migratório que faz parte da história de ocupação dos espaços territoriais do Brasil e que cada vez mais está aumentando vertiginosamente, modificando realidades socioculturais, econômicas e conseqüentemente linguísticas através dos contatos com o linguajar característico de cada região, misturando assim formas diferentes de fala. Tal processo será mais detalhado no próximo tópico.

2.4 A relação entre a língua e o processo migratório

Para abordar a questão de tal relação, iniciamos afirmando que as grandes migrações humanas acontecem por diversos motivos que se qualificam na maioria das vezes por situações em que se procura fugir de uma realidade que não lhe é favorável, ou por motivos socioeconômicos ou por questões sociopolíticas, caracterizando assim uma busca por uma ascensão social que se acredita obter em um outro lugar mais desenvolvido ou pelo menos que lhe ofereça melhores condições de vida. Há, portanto, no Brasil vários casos que exemplificam tal realidade. Dentre eles está:

A migração dos nordestinos para São Paulo e outras áreas do sudeste: a de contingentes populacionais de todas as regiões para o Distrito Federal depois da inauguração de Brasília: a de gaúchos para o centro-oeste, chegando até o Acre. (BAGNO, 2002, p. 33)

E ainda sobre isso é importante destacar que há atualmente no território brasileiro um novo processo migratório, ocasionado pelo desenvolvimento da agricultura nos cerrados. Por isso reafirmamos tal fato através das palavras de Ilari; Basso (2007, p. 151):

[...] Não podemos esquecer que o Brasil tem sido e ainda é de grandes migrações internas. Não faz muito tempo que a agricultura conquistou a região do cerrado [...] os agentes dessa ocupação são os colonos do Sudeste e do sul; anterior a isso já mencionamos as grandes migrações de nordestinos ocasionadas pelo crescimento da construção civil em São Paulo, [...] Tudo isso dá a variação diatópica do português brasileiro um dinamismo que falta a outros países.

Como resultado dessa mobilidade, os migrantes podem se sentir perdidos ao se transferirem de sua região para outra, mediante as diferenças não só culturais como também sociais que podem impossibilitá-los de ter facilidades no acesso aos bens educacionais ou profissionais. Fatores esses que distanciam ou aproximam as pessoas de identidade sociocultural diferente, fazendo assim com que eles passem a perceber que há naquela situação comunicativa uma forma de falar diferente da sua. Sobre essa percepção, podemos ver o que será comentado na citação a seguir:

O uso de uma determinada variedade linguística marca a inclusão num dado grupo social e dá uma identidade a seus membros. Aprendemos a distinguir as diversas variedades e, quando alguém começa a falar, sabemos se a pessoa é um gaúcho, um carioca, um paulista e assim por diante. Sabemos que certas expressões pertencem à fala dos mais jovens; outros indicam que o falante tem mais idade. (FIORIN, 2013, p. 27)

Outro aspecto preponderante é o fato de tais migrantes terem encontrando, muitas vezes, dificuldades de interação quando se deparam com novas formas de uso da língua. Como uma das soluções para esse problema, Bortoni-Ricardo (2005, p. 96) nos diz que “quanto mais ajustado o migrante ao seu novo ambiente social, mais ampla a sua rede de relações tende a ser”. Esse é, portanto, um fator crucial

nesse “ajustamento linguístico” que ocorre em uma determinada comunidade de fala.

Essa situação de ordem territorial pode influenciar nos usos linguísticos característicos de cada dialeto, proporcionando a fusão entre falares de regiões diferentes, fazendo com que traços característicos de cada variação se misturem, combinando assim novas formas de se comunicarem. Tal fato ocasiona a existência de zona (s) em comum entre dois ou mais elementos linguísticos a fim de que se possa estabelecer a convivência em uma determinada comunidade de fala.

Vale então destacar aqui que tal contato proporciona articulações linguísticas que vão aos poucos sendo reestruturadas pelos falantes no nível fonológico, morfológico, sintático e semântico que se complementam durante o processo interativo. Todo esse processo é permeado por questões subjacentes que proporcionam essa inter-relação. Podemos citar como exemplo a influência do processo migratório na língua, através da citação do caso a seguir:

Do ponto de vista da formação dialetal, é bem provável que as ocorrências de abaixamento da vogal pretônica na fala de jovens candangos de Ceilândia estejam deixando de ser um traço regional e assumindo o valor sociossimbólico de indicador socioletal. Essa situação linguística foi discutida por Fishman (1972), quando observa que grupos migratórios mais pobres tinham suas características linguísticas associadas não mais ao lugar de origem, mas sim ao status social que adquiriam posteriormente à migração. (BORTONI-RICARDO, 2010, p. 32)

Sendo assim, tratar do fenômeno das migrações brasileiras a partir de uma perspectiva que assume a sua relação com a língua, abre a possibilidade de reconhecer o uso linguístico a partir de uma pluralidade de enunciados estruturais que operam simultaneamente, influenciando assim, os processos de mudança linguística representados por todo um grupo social e regional característico dessa realidade. Esboçaremos, então, a seguir vários aspectos que fazem parte de tal processo.

2.5 O processo de mudança linguística

Falar então do processo de mudança acarreta primeiramente uma visão de que a língua possui variações que surgem, coexistem e posteriormente se transformam ou desaparecem, causando assim mudanças. Retomando um pouco do que foi abordado anteriormente em um tópico inicial desse trabalho, pudemos perceber que os estudos linguísticos apresentam perspectivas diferentes, ora se baseando na característica homogênea da língua, defendida pela teoria saussuriana, ora na heterogeneidade, apresentada por William Labov, precursor da Sociolinguística. Sobre isso Lucchesi (2004, p. 55) afirma:

Um modelo teórico que desprezava a variação e a heterogeneidade e considerava seu único objeto de estudo a língua, vista como sistema homogêneo e unitário, seria incapaz de dar conta da questão da mudança. Dessa forma, a concepção saussuriana de língua tornou-se excludente em relação à mudança linguística; enquanto aquela se fundamentava na ideia de uma funcionalidade intra-estrutural do sistema homogêneo e unitário, esta implica necessariamente variação e mudança.

Vê-se, portanto, que tais estudos possuem perspectivas que direcionam para caminhos diferentes no que diz respeito à análise teórica do fenômeno da mudança na língua, que vai desde uma visão focada somente na estrutura interna, nos seus elementos puramente linguísticos, até a estrutura externa, ou seja, a fatores culturais e sociais que estão inseridos no contexto comunicativo de uma determinada situação de uso linguístico.

Com relação aos fatores internos, temos estudos que focam tanto processos de mudanças fonéticas como morfossintáticos e semântico-lexicais. Sobre as diferenças em posição final, Silva (2006) faz um comentário explicando o que mudou na língua portuguesa que a diferencia do Latim. Vejamos:

Executando-se o /s/ morfema flexional de plural, também em morfemas flexionais verbais e consoantes finais de “instrumentos agramaticais” (*mais, menos, com e em*), as sibilantes, líquidas e o travamento nasal do português não correspondem à consoantes finais latinas, mas a consoantes que se tornaram implosivas pelo desaparecimento da vogal não-

acentuada final do latim ou desta e de consoante que lhe sucedia (mense>mês; facit>faz; fecit>fez; amare>amar; animale> animal; cane (arc.) can> cão, por exemplo). (SILVA, 2006, p. 78)

Tais fenômenos caracterizam exemplos de mudanças no sistema da língua ocorridas ao longo da evolução do Latim para a Língua Portuguesa. É nessa dinâmica de variações que a língua vai se transformando através tanto do desaparecimento de alguns elementos linguísticos variacionais, quanto da recorrência de outros que podem se estabelecer como regulares no sistema linguístico. Esse processo pode instituir-se com o uso efetivo desses elementos, caracterizando assim, um fenômeno da língua com o status de mudança linguística.

Toda essa dinamicidade pode ocorrer em diversos contextos, influenciados por múltiplos fatores, sejam eles de ordem interna ou externa. Em uma região onde haja contatos entre falantes de línguas ou dialetos diferentes, esse processo pode se tornar mais visível, proporcionado por interferências/alternâncias de elementos linguísticos que passam a coexistir em um mesmo espaço comunicativo. Segundo Weinreich, Labov, Herzog (2006 [1968]., p. 97) há uma sistematicidade presente na alternância entre uma e outra forma linguística que, por coexistirem, compartilham das seguintes propriedades:

- (1) Oferecem meios alternativos de dizer “a mesma coisa”: ou seja, para cada enunciado em A existe um enunciado correspondente em B que oferece a mesma informação referencial (é sinônimo) e não pode ser diferenciado exceto em termos de significação global que marca o uso de B em contraste com A.
- (2) Estão conjuntamente disponíveis a todos os membros (adultos) da comunidade de fala. Alguns falantes podem ser incapazes de produzir enunciados em A e B com igual competência por causa de algumas restrições em seu conhecimento pessoal, práticas ou privilégios apropriados ao seu status social, mas todos os falantes geralmente têm a capacidade de interpretar enunciados em A e B e entender a significação da escolha de A e B por algum outro falante.

Essa característica da mutabilidade das línguas, apresenta-se de forma lenta e contínua em que os falantes muitas vezes nem percebem que a língua está mudando, mas o processo é permanente e não há como bloqueá-lo, definindo-se assim um processo natural. No entanto, mesmo havendo naturalidade nas

mudanças linguísticas, William Labov (2008, p. 19) aborda uma questão crucial que envolve explicações a esse respeito, apresentando “três problemas distintos: a origem das variações linguísticas; a difusão e propagação da mudança linguística; e a regularidade da mudança linguística”. Ele aponta ainda que há vários processos que induzem o processo de variação como, por exemplo:

[...] a assimilação ou dissimilação, por analogia, empréstimo, fusão contaminação, variação aleatória ou quaisquer outros processos em que o sistema interaja com características fisiológicas ou psicológicas do indivíduo. (LABOV, 2008 [1972], p. 19)

Nessa perspectiva variacionista, é importante que acrescentemos também o que nos diz Weinreich, Labov, Herzog (2006 [1968].) quando apresentam quatro princípios para uma teoria da mudança linguística que são classificados como *problema de transição, problema de encaixamento, problema da avaliação, e o problema da implementação.*

Segundo eles, o primeiro está relacionado ao fato de que a língua é condicionada por fatores e que sendo assim, faz-se necessário determinar não só o conjunto de mudanças possíveis, como também as condições possíveis para essa mudança. Estabelecido esse aspecto, temos que focar o problema da transição que consiste em analisar quaisquer estágios de mudança distribuídos na população e para isso temos como observar a mudança em progresso, conforme podemos constatar no que é afirmado no trecho que segue:

Ao considerar alguns subsistemas ou variáveis como marcados pelo traço arcaico/inovador, a teoria da língua pode observar a mudança linguística enquanto ocorre. Pela observação *in vivo*, podemos aprender coisas sobre a mudança linguística que estão simplesmente perdidas nos monumentos do passado. (WEINREICH, LABOV, HERZOG 2006 [1968]., p. 122) (Grifos da autor)

Outro problema relatado é a questão do encaixamento, o qual aponta como mudança aquilo que pode ser encaixado tanto na estrutura linguística como na estrutura social e esses dois polos se concretizam na interação entre os falantes de

uma determinada comunidade linguística. Para mostrar essa relação Weinreich, Labov; Herzog (2006 [1968]., p. 123) afirmam que:

Na explicação da mudança linguística, é possível alegar que os fatores sociais pesam sobre o sistema como um todo; mas a significação social não é equitativamente distribuída por todos os elementos do sistema, nem tampouco todos os aspectos do sistema equitativamente marcados por variação regional. No desenvolvimento da mudança linguística, encontramos estruturas linguísticas encaixadas desigualmente na estrutura social; e nos estágios iniciais e finais de uma mudança, pode haver muito pouca correlação com fatores sociais.

Sendo assim, a discussão sobre o problema do encaixamento está sempre pautado em aspectos direcionados para a interdependência entre fatores externos e internos da língua, dando aos estudos sociolinguísticos o papel de analisar, quantificar e explicar o fenômeno da mudança a partir de uma heterogeneidade organizada.

A partir de tais análises se apresenta também a questão da avaliação do falante frente à mudança e a sua própria língua, ou seja, até que ponto ele tem consciência desse fenômeno, como também o problema da implementação de uma mudança, pois ela pode ser conduzida por fatores condicionantes que envolvem estímulos e limitações inerentes às estruturas linguísticas em que ocorrem as variáveis. Isso se confirma através da complexidade de relações inerentes ao sistema linguístico em que estão imbricados diversos fatores. Weinreich; Labov; Herzog (2006 [1968]., p. 124) afirmam que “uma mudança linguística começa quando um dos traços característicos da variação na fala se difunde através de um subgrupo específico da comunidade de fala”.

Com base no que apresentamos e no que já discutimos no decorrer desse texto, podemos perceber que o processo de mudança da língua perpassa por questões relacionadas à estrutura linguística e à estrutura social. O que podemos chamar de certa forma de “entrecruzamento linguístico”, ou seja, as variações ocorridas no sistema linguístico ocorrem simultaneamente. Elas influenciam elementos que pertencem a cada subsistema da língua, pois quando se muda um elemento fonético pode haver também uma mudança na estrutura morfológica, que

por sua vez influencia no sentido de um vocábulo inserido nesta ou naquela sentença sintática.

E todo esse processo se organiza de um modo que tenha que estabelecer uma comunicação adequada dentro de um contexto social condicionado por variáveis que podem influenciar um cenário de interferências e/ou alternâncias de elementos linguísticos que passam a coexistir dentro na língua falada de uma determinada comunidade. Veremos então no tópico a seguir algumas abordagens sobre o fenômeno da interferência/ alternância no âmbito dos estudos linguísticos.

2.6 A interferência/alternância linguística

Conforme estamos discutindo no decorrer deste trabalho, a língua é por natureza variável. “A mudança, como a variação, tem uma causa eficiente, que é a liberdade linguística, e uma razão universal, que é a finalidade expressiva e comunicativa do falante” (ZÁGARI, 2009, p. 113). Dessa forma, é possível ocorrerem alternâncias de elementos linguísticos que fazem parte da característica variável da língua. Para colaborar com o conceito de alternância linguística, já apresentado no tópico anterior, vejamos a definição de Crystal (2000, p. 23): “termo usado em linguística para indicar a relação entre as formas alternativas, ou variantes e uma unidade linguística”.

Nesse âmbito de formas alternantes da língua, outro processo que acontece é a interferência. Para entendermos o processo de interferência, vejamos a definição apontada por Calvet (2002, p. 169): “Interferência - introdução de elementos estrangeiros nos campos fonético, morfológico e lexical de uma língua”. Mesmo que os conceitos de interferência direcionem para uma situação de contato entre línguas, nesse trabalho, adotamos esse termo para caracterizar a interferência de elementos fonéticos em uma situação de contato entre dialetos de uma mesma língua.

A questão da interferência ou alternância dentro de um sistema linguístico se torna visível quando há situação de contatos entre línguas ou dialetos diferentes. Inicialmente é importante que façamos uma definição básica entre língua e dialetos. Não queremos aqui entrar no mérito de esclarecer as várias definições que há na literatura linguística para esses termos, porém, como estamos tratando nesse

trabalho de uma comunidade de fala onde há contato entre o dialeto gaúcho e o dialeto bom-jesuense, é necessário que tenhamos um conhecimento mais claro a respeito do que é língua e dialeto. Vejamos o que nos diz Aragão (1990, p. 124) sobre isso:

Somente a partir da definição de língua é possível conceituar dialetos ou falares regionais. Língua pode ser definida como um sistema de oposições funcionais, que serve de instrumentos de comunicação, suporte de pensamento e meio de expressão dos indivíduos de um determinado grupo social. A língua é sempre vista como uma unidade, um todo indivisível. No entanto, esta unidade é composta de infinitas variações, - regionais, grupais ou individuais – que podem ser estudadas através dos níveis de análise fonético-fonológico, morfológico, sintático e semântico.

E é nessa configuração que os falantes estabelecem relações sociais que se caracterizam por uma mistura de elementos linguísticos que são característicos de um dialeto ou falar regional, definido por Aragão (1990, p. 125) como “uma variante regional de determinada língua”. Esclarecida essa questão, é importante ressaltar que em situações de contato interdialeto, o fenômeno da interferência e da alternância linguística é realizado pelos falantes de maneira que as formas convivem simultaneamente, ora interferindo sobre a fala do outro interactante, ora alternando entre si. Para corroborar com essa ideia vejamos o comentário a seguir:

Para mostrar que as formas convivem em um determinado espaço geográfico, num grupo social e até num mesmo indivíduo e que a mudança não é abrupta, imperceptível e assistemática, os autores trazem estudos dialetológicos e sociolinguísticos, que oferecem exemplos da oposição arcaico/bem como de alternâncias sociais e estilísticas dentro do comportamento linguístico da comunidade de fala. (COELHO *et al*, 2015, p. 72)

A partir desse enfoque, é possível vermos que as formas linguísticas podem ser realizadas pelos seus falantes de uma maneira alternada. Sendo assim, em uma determinada situação gerada pelos contatos dialetais em um espaço geográfico podem ocorrer alternância de formas linguísticas que passam a coexistir em uma mesma comunidade de fala. “Isso significa que o fato de existirem duas variantes

competindo pelo mesmo contexto não quer dizer que uma delas vai se tornar obsoleta e que a outra vai se tornar a forma usual.” (COELHO *et al*, 2015, p. 73).

O processo da alternância linguística é explicado em diversos estudos de língua em contato. Nesse enfoque, temos como exemplo Bloom; Gumperz (1998) quando escrevem sobre *O significado social na estrutura linguística: Alternância de códigos na Noruega*, onde retratam dois tipos de alternância de código, as quais são denominadas de alternância de código situacional e alternância metafórica de código. Com relação ao primeiro tipo, vejamos o que nos dizem Bloom; Gumperz (1998, p. 46)

Uma coisa é certa: a escolha linguística jamais é completamente determinada; as variáveis sociolinguísticas devem ser investigadas empiricamente. Além disso, as situações diferem no grau de liberdade de escolha que permitem aos falantes. Eventos rituais como as conhecidas cerimônias védicas da Índia constituem exemplos extremos de determinação, em que se toma todo o cuidado para evitar a menor mudança de pronúncia ou ritmo que possa arruinar o efeito da cerimônia.

Isso mostra que essa alternância é controlada pela situação social na qual estão inseridos os falantes, ou seja, alternância de código situacional tem uma relação intrínseca com os usos da língua em uma situação de interação. Para a alternância metafórica de código, Bloom; Gumperz (1998, p. 47) nos dizem que: “em contraste com estes exemplos em que a escolha de variáveis é rigidamente balizada por normas sociais, há outros em que os participantes possuem uma liberdade consideravelmente maior”. Nesse caso, o falante pode utilizar a alternância, não necessariamente por causa da situação social e sim pela relação a tópicos e assuntos de conhecimento dos interagentes.

Observar o fenômeno da interferência/alternância em uma comunidade de fala interdialetoal requer um estudo pormenorizado dos elementos que estão passando por um processo de mudança. Um exemplo de estudos focados em regiões de contato é apresentado por Borstel (2009), que tem trabalhos que pesquisam transferências e/ou alternâncias linguísticas e pragmáticas, situações diglósicas, bilinguismo e variações bidialetais em comunidades de fala que apresentam contato linguístico entre línguas ou dialetos. Vale acrescentar ainda , o

que nos diz Cardoso(2010, p.15) quando aborda a questão da interferência evidenciada em um espaço geográfico:

O espaço geográfico evidencia a particularidade de cada terra, exibindo a variedade que a língua assume de uma região para a outra, como forma de responder à diversidade cultural, à natureza da formação demográfica da área, à própria base linguística preexistente e à interferência de outras línguas que se tenham feito presentes naquele espaço no curso da sua história.

Para que possamos ter uma visão dos aspectos que fundamentam a caracterização das variantes linguísticas analisadas nesse trabalho, abordaremos no tópico a seguir um estudo fonético/ fonológico das realizações do “r” no português brasileiro.

2.7 Estudos sobre as realizações fonéticas do ‘r’ no Português brasileiro

Dentre as abordagens sobre a característica variável da língua, estão as variações fonéticas/fonológicas que têm sido estudadas a partir de uma descrição sistematizada das mudanças fônicas. Partindo assim da ideia de que, “se uma língua é um sistema, a variação linguística é fato observável nos seus diferentes sistemas” (FIORIN, 2013, p.114). Tais estudos apresentam a ocorrência de variadas realizações dos fonemas em diversos contextos linguísticos e em determinados dialetos que se caracterizam por aspectos específicos e diferenciados de uma mesma língua. Essa variação é inerente à língua em todos os seus subsistemas.

Para que tenhamos uma maior consciência das múltiplas realizações sonoras da Língua Portuguesa, é importante termos conhecimento sobre as especificidades do sistema fonético brasileiro. Segundo Barbosa (2008), o idioma português utiliza 34 fonemas, sendo 13 vogais, 19 consoantes e 2 semivogais que são classificadas quanto ao ponto e à zona de articulação.. Temos em Silva (2015,p. 25) uma tabela que apresenta de forma bem explicada a representação do sons do Português (ANEXO 3). Tais fonemas podem ser realizados em contextos diversificados e influenciados por fatores internos e externos à língua, os quais se realizam na

interação linguística. Dessa forma, é necessário que tenhamos um olhar compreensivo voltado para o funcionamento da língua, conforme podemos ver o que nos diz Câmara Jr. (1998 [1971], p. 18), quando aborda sobre os sons vocais:

Para a compreensão do funcionamento da língua como meio de comunicação oral, o que importa são os traços articulatórios <pertinentes>, isto é, aqueles que servem para caracterizar um fonema em face de outros que têm com ele traços comuns.

Conhecendo, portanto, os traços linguísticos característicos da língua oral, é possível observarmos as possibilidades de produzir um determinado som da língua de forma alternada por falantes que convivem socialmente. Tais usos podem resultar variantes que passam a coexistir em uma mesma comunidade de fala, podendo até caracterizar-se posteriormente como uma mudança linguística. Entretanto, esse é um processo que não se dá de uma hora pra outra. Sobre tal fato afirma Callou; Leite (1999, p. 98):

As mudanças fônicas são lentas e graduais e têm sua origem num sujeito falante, num grupo social etc., até que generalizam e se estendem a toda a comunidade, embora só se generalizem aquelas que são admitidas pela língua em sua exigência de intercomunicação.

É importante destacarmos que os fonemas são elementos da língua analisados pela Fonologia, que “estuda apenas aqueles sons que são distintivos em uma língua, ou seja, somente aqueles sons capazes de distinguir os significados linguísticos” (COSTA, 2000, p. 42). Nesse enfoque é importante esclarecer ainda que “a unidade da fonética é o som da fala ou o fone, enquanto a unidade da fonologia é o fonema” (CALLOU; LEITE, 1999, p. 11). Isso mostra que a fonética tem um caráter mais descritivo da língua enquanto a fonologia tem um caráter funcional, ou seja, esta busca explicar o valor dos sons em uma língua (BARBOSA, 2008).

Partindo assim desse pressuposto, apresentaremos neste tópico as possíveis realizações fonéticas do ‘r’ no português brasileiro para que possamos ter um olhar investigativo embasado em conceitos que nos direcionem para um maior

conhecimento da ocorrência da interferência/ alternância entre o tepe e a fricativa velar na fala dos interactantes que, por sua vez, estão inseridos em uma comunidade de fala em contato interdialeto, característica da cidade de Bom Jesus-PI. Sendo assim, primeiramente, é importante que entendamos o que nos diz Silva (2015, p. 197) a respeito dos róticos:

Rótico *rhotic* classe de segmentos consonantais com características articulatórias heterogêneas e que se relacionam fonologicamente entre si. Tanto em português quanto em outras línguas, os róticos são associados a segmentos relacionados a um som do r. No português, os róticos são o tepe [r], a vibrante [r̃], as fricativas [x, ɣ, h, ħ], a retroflexa [ɻ]. Em posição pós-vocálica, os róticos podem ser cancelados ou omitidos em alguns dialetos do português, em palavras como amor ou carta.

Diante do que foi explicado pela referida autora, podemos ver que são muitas as realizações sonoras do ‘r’ possíveis dentro de uma mesma língua. Esse é um fenômeno que está inerente também à língua portuguesa, apresentando-se sistematicamente nos seus dialetos. Dessa forma, os róticos, constituem como objetos de estudo de várias pesquisas que trabalham com a língua falada. Segundo Hora; Monaretto (2003, p. 116): “estudos sobre o rótico têm sido numerosos em muitas línguas do mundo. Isto se deve, acredito, a sua frequência de aparecimento e às múltiplas formas que ele pode assumir sob esse mesmo rótulo para o símbolo da grafia ‘r’”.

Dentre eles, é importante destacarmos Carvalho (2009), que aponta em sua tese de doutorado intitulada de: Os róticos em posição de coda: uma análise variacionista e acústica do falar piauiense, quatro realizações fonéticas na capital e no norte do Estado, em posição de coda medial e final: fricativa glotal [h], tepe [r], zero fonético [∅] e fricativa palatal [ç], o que nos mostra a diversidade de pronúncias do fonema /r/ nessa área pesquisada.

O fato é que esses estudos que destacam as realizações fonéticas do “r” não começaram só na atualidade. Há, aqueles já realizados a esse respeito que datam de muito tempo atrás. Segundo Silva (2006), o estudo, por exemplo, da vibrante simples e múltipla já fora abordado por Fernão de Oliveira (1536), o primeiro gramático da língua portuguesa, porém a questão da posteriorização da vibrante

múltipla, fenômeno esse característico do português da atualidade, só foi estudado no final do século XIX pelo foneticista Gonçalves Viana. Há, portanto, muitas pesquisas sobre a pronúncia do 'r' que nos direciona para uma melhor caracterização do nosso objeto de estudo. No território brasileiro, temos como pioneiro, os estudos fonêmicos apresentados por Mattoso Câmara Júnior na década de 40 a respeito das variantes do 'r', realizadas por um indivíduo ou grupo social, onde ele afirma que:

No caso de uma realização especial de um determinado fonema, que, é típica de um indivíduo ou de um grupo social ou regional, não colide com as oposições do sistema, temos as variantes livres (ing./free variants) ou (al.facultativas (al.falcultative Varianten). O /r/ dito forte em Português, por exemplo, oferece duas variantes dessa espécie. De caráter individual: um /r/ alveolar rolado (vibrante múltiplo) e um /r/ velar muito próximo do "grassié" francês. (CÂMARA JR, 1977, p. 37)

Dessa forma, é notório que as realizações fonéticas do 'r' tenham características específicas de uso em que observamos através das realizações concretas dos sons produzidos pelos falantes durante a articulação da fala. Para que se compreenda como se caracteriza uma vibrante, Oliveira; Brenner (1988, p. 94) apresentam a seguinte explicação:

A vibrante decorre de várias batidas ou contatos repetidos da ponta da língua com alvéolos ou da úvula com o pós-dorso da língua: um articulador bate contra o outro, devido à queda de pressão entre os dois, após passagem rápida da corrente de ar na cavidade bucal (Istre, 1983:28). Já o tepe se caracteriza por uma única batida, sem que se produza qualquer vibração.

Essas características ficam mais claras quando observamos as palavras apresentadas por Barbosa (2008, p.31) exemplificando tal classificação: "São exemplos de consoantes vibrantes o fonema /r/ destacado nas palavras *rápido* e *rico*". "O tepe ocorre em Português nos seguintes exemplos: *prato, cara*." Nota-se que o 'r' tem um elevado grau de variação fonética. Essa variação se deve "à amplitude espaço articulatório existente para a realização desse segmento fônico,

seja no grau de abertura no eixo vertical (vibrante, fricativa, por exemplo) seja na área de articulação na dimensão longitudinal (alveolar, uvular, velar ou faríngeo)” (CALLOU; MORAES; LEITE, 1966, p. 465). O certo é que o estudo das vibrantes perpassa por muitas questões, conforme Callou;Leite (1999, p. 74) apresentam a seguir:

No que se refere à vibrante em português, muitas são as questões levantadas tanto do ponto de vista fonético como fonológico. O que se diz tradicionalmente é que há duas espécies de *r* que se opõem fonologicamente apenas em posição intervocálica (careta: carreta, tora: torra) embora ocorra em muitos outros contextos: a) inicial (rato, roupa), final de sílaba no meio da palavra (corta e mergulho, c)final de palavra (bilhar, chegar) e d) como segundo elemento do grupo consonântico, (prato e praia).

Vimos assim que a realização de um fonema da língua é aceitável dentro de certa sequência sonora propícia para aquele uso, ou seja, a localização do fonema na palavra possibilita a pronúncia de um determinado som, dando a seus falantes um conjunto de possibilidade de uso. Logo se torna necessário ainda sabermos o que nos esclarece Callou; Leite (1999, p. 75) a respeito de podermos ter uma interpretação mais adequada da vibrante:

Para que se chegue a uma interpretação mais correta da vibrante (ou vibrantes) não podemos mais do que nunca deixar de lado o aspecto fonético da questão. O chamado *r* fraco realiza-se quase sempre como uma vibrante apical simples, um tepe alveolar sonoro, embora possa apresentar uma realização retroflexa- como o seu correspondente forte- que caracteriza o chamado dialeto caipira. O *r* forte varia mais amplamente na sua realização e apresenta no falar culto carioca (CALLOU,1987) as seguintes variantes; 1) vibrante múltipla ápico-alveolar sonora (transcrito aqui[ʀ], 2) vibrante múltipla posterior uvular de preferência (transcrita [ʁ]), fricativa velar surda, transcrita[x]. e 4) fricativa laringea ou glotal (aspiração)surda[h]. No final da palavra pode reduzir-se a zero fonético ou realizar-se como vibrante simples [r] quando a palavra seguinte começa por vogal.

Essas múltiplas realizações do ‘r’ revelam traços da língua de ordem fonética que esboçam de uma maneira geral as realizações possíveis desse fonema. Feitas essas considerações, ressaltamos que no âmbito de variadas formas de pronunciar

os fonemas na Língua Portuguesa, estas estão sujeitas também às pressões externas da língua.

Nessa perspectiva, é que se percebe que um determinado fonema pode ter diferentes usos fonéticos produzidos e percebidos pelos falantes durante uma determinada interação linguística, que por sua vez pode ser construída num contexto comunicativo em uma região de contatos interdialetais. Silva (2014, p. 14) afirma que “fazer uso da linguagem certamente leva-nos a compartilhar princípios sociais e linguísticos”. E essa é uma realidade da fala no Brasil, que é historicamente construída a partir da mistura de formas diferentes de usos fonéticos que caracterizam as regiões. Vejamos a seguir o que nos diz Monaretto (2014, p.122) quando comenta a esse respeito:

Os sons do R no português brasileiro associa-se a dois papéis sociolinguísticos principais: o de identificar regiões ou culturas e o de estabelecer padrões de uso da língua falada como forma de prestígio cultural e social. A realização de um som fraco no lugar de um som forte ou, ao contrário, de um forte por um fraco pode indicar se o falante é de determinada região ou de uma descendência étnico-cultural. Nesse caso específico, é possível supor a origem de um indivíduo que pronuncia *tera* por *terra*, por exemplo pertencente à região colonizada por imigrantes italianos, como é o caso de São Paulo e o do Sul do País. (grifos do autor)

Reafirmando esse fato, destacamos ainda, exemplos das múltiplas realizações do ‘r’ em diversas regiões do Brasil, conforme nos apresenta Ilari; Basso (2007, p.167-168):

- Diferentes realizações do /R/ (o <r> de carro):apical múltipla na região Sul(*churrasco,espeto corrido e chimarrão* na voz dos gaúchos);
Uvular [ʁ] na pronúncia carioca (l’Kaʁul);
Fricativa velar surda [h] no resto do país.
- Pronúncia retroflexa do /r/, ex.. <porta> pronunciado [pɔɹte]: área- essa pronúncia é uma das características do “dialeto caipira”, que costuma ser associado à região não costeira de colonização mais antiga, em são Paulo. A pronúncia /r/, como de resto muitas outras características do dialeto caipira, alcançam de fato algumas regiões do sul de Minas Gerais. do Mato Grosso, do norte do Paraná, de Goiás e de Tocantins.

Com efeito, essas variantes, quando elencadas pelos falantes são identificadas socialmente como uma forma característica daquela região em que o falante está inserido. Isso nos possibilita termos uma visão de que há no território brasileiro a ocorrência efetiva de variantes do 'r' em várias posições na estrutura da palavra. Tal observação é importante para que possamos entender como as diferentes pronúncias desse fonema são realizadas na língua portuguesa falada no Brasil. Com relação às realizações fônicas desse fonema em final de sílaba Fiorin (2013, p.114) faz a seguir uma caracterização desses usos em algumas regiões do Brasil.

Um dos que mais me chama a atenção é a pronúncia do /-r/ em final de sílaba: Considerando apenas o território brasileiro, são muitas variantes: a retroflexa (frequente em cidades do interior paulista); a aspirada (comum, por exemplo, no Rio de Janeiro e em estados do Nordeste, do norte e do centro-oeste; a vibrante e o tepe, consideradas marcantes na cidade de São Paulo.

Ressaltando então que nesse trabalho pesquisamos as variantes do 'r' em coda vocálica que interferem/alternam na fala de informantes bonjesuenses e migrantes, oriundos do Rio Grande do Sul que mantêm contato entre si, é importante vermos o que nos diz Monaretto (2014, p.129) em seu trabalho sobre o português falado no Rio Grande do Sul.

Na posição final de sílaba, são encontradas as seguintes realizações, com exceção do R forte articulado na zona posterior da boca: R- forte, na zona frontal; R- fraco anterior, R- fraco retroflexo. Também é comum encontrar-se o apagamento do R nessa posição, em verbos no infinitivo (passear, querer). Dentre todas as pronúncias, a mais frequente é o R fraco anterior (tepe), atingindo 90% dos casos.

Percebemos assim que a questão da vibrante na língua portuguesa deve ser caracterizada de acordo com a estrutura das palavras, observando o ambiente linguístico que condiciona cada uma de suas variantes. Esse aspecto é mais evidente quando se leva em consideração os alofones consonantais na língua

portuguesa. Esse é um ponto fundamental que queremos destacar que é a posição em que ocorrem as variantes fonéticas do 'r'. Isso se faz necessário nessa abordagem teórica, pelo fato de que será dada ênfase à realização desse fonema em posição pós-vocálica, tanto como tepe [r] como fricativa velar [x]. A realização desse fonema em coda foi aquela mais preponderante nos dados obtidos na amostra dessa pesquisa e, conseqüentemente, a mais suscetível à variação. Vejamos o que nos diz Cavaliere (2010, p.117) sobre tal realização fonética.

Já em posição pós-vocálica, travando a sílaba, o *r* velar desdobra-se em maior número de alofones, sendo perceptível ao ouvido do falante nativo, além das variantes [h] e /R/, o retroflexo alveolar /ɻ/- esse som constitui fonema em outras línguas, como o inglês- típico do português "caipira" brasileiro. Em outros termos, dentre os vários alofones de /R/ pós-vocálico no português do Brasil, podem-se citar [h], /R/, e /ɻ/, razão por que a palavra valor, por exemplo, é pronunciada [va'loh] por um carioca, va'loR] por um catarinenese e [va'loɻ] por um paulista interiorano ou um natural do Triângulo Mineiro."

Por conseguinte um traço marcante que ainda deve ser destacado é a questão da fricativa que é definida por Silva (2015, p. 123) "como modo ou maneira de articulação das consoantes produzidas com estreitamento da passagem da corrente de ar pelos articuladores provocando fricção". E essa característica é assumida pelo 'r' quando em posição final de sílaba, sendo classificado como fricativa velar [x] ou glotal/h], ou seja, em posição de *coda vocálica*. Esse termo é utilizado segundo Silva (2015) para indicar a parte vocálica da sílaba que é ocupada por um som consonantal, podendo ocorrer tanto no final da palavra como em *amor*, como no meio da palavra, como por exemplo, *carta*.

Com relação à representação fonêmica do 'r' em posição pós-vocálica, Silva (2014) aponta o símbolo /R/ para representá-lo, posição essa que corresponde a variações fonéticas diferentes em cada dialeto e dentre elas estão o tepe e a fricativa velar [x]. Para melhor explicar essa representação dessas variantes, vejamos o quadro a seguir:

Quadro 01: Algumas distribuições possíveis de /R/

| | Ambiente | Exemplo | Belo Horizonte | Rio de Janeiro | Caipira | Portugal |
|---------------------|------------------------------------|---------|----------------|----------------|---------|----------|
| /R/ Pós-vocálico | Final de sílaba antes de c voz. | corda | /R/ [h̃] | /R̄/ [ʎ] | /R/ [ɹ] | /R/ [r] |
| | Final de sílaba antes de c desvoz. | torto | /R/ [h] | /R/ [X] | /R/ [ɹ] | /R/ [r] |
| | Final de palavra | mar | /R/ [h] | /R/ [X] | /R/ [ɹ] | /R/ [r] |

Fonte: (SILVA, 2014, p. 143)

Dessa forma, podemos afirmar que esse aspecto possibilita a alternância de realizações fonéticas desse fonema na Língua Portuguesa. Mateus (2003, p. 185) nos confirma isso quando diz que “[...] em português, a vibrante em posição de coda também apresenta alternâncias.” O fato é que a alternância entre o tepe [r] e a fricativa velar [x] é característica visível no sistema fonético característico da língua portuguesa no Brasil, a qual pode estar correlacionada a pressões sociais e culturais que se entrecruzam nos usos linguísticos inerentes aos dialetos falados em diversas regiões brasileiras.

Nessa seção foram apresentadas algumas abordagens fonéticas do ‘r’ Entre elas, algumas que caracterizam a realidade da comunidade de fala que se constitui como o universo dessa investigação. De todo modo, os falantes escolhem a forma linguística que melhor se adapta a esta ou àquela situação de interação, buscando em sua cultura a noção semântica para a interpretação de tais formas variantes condicionadas por variáveis linguísticas e/ou sociais.

Ao longo desse capítulo procuramos esboçar vários estudos teóricos, abordando as peculiaridades pertencentes ao sistema linguístico, destacando aspectos que fundamentam a pesquisa sociolinguística que está sendo realizada. Para isso discorreremos sobre aspectos fundamentais como: estrutura linguística, estrutura social, migração, cultura e mudança linguística. Fatores esses que devem ser vistos de forma interligada para que se possa entender como se dá a origem, a propagação de uma variante linguística de uma comunidade de fala característica da região a ser pesquisada. De modo que, baseando-nos em toda essa

fundamentação, apresentaremos no próximo capítulo o caminho metodológico percorrido para a realização deste trabalho.

CAPÍTULO 3

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

3.1 O lugar do método na investigação científica

Em uma investigação científica é necessário adotarmos um processo metodológico bem sistematizado, com argumentos coerentes que não tenham embasamento apenas no senso comum e ideologias. Ela deve ser, portanto, pautada em conhecimentos resultantes de um estudo elaborado, através de um planejamento que prevê objetivos articulados com procedimentos intelectuais e técnicos aplicados na análise de dados. É nessa linha de raciocínio que temos que escolher, dentre muitas possibilidades, o caminho mais adequado para alcançar o resultado esperado, ou seja, um método que contemple a nossa linha de pesquisa.

Vale ressaltar que, dentro das várias possibilidades de métodos, é necessário levarmos em consideração também diversos pontos de vista que se complementam em busca de um resultado que se aproxime o máximo possível da realidade. Sendo assim, primeiramente selecionamos para a nossa pesquisa o método de natureza básica, pois tal estudo procura envolver aspectos direcionados para o fenômeno da variação linguística inerente a uma característica universal da língua.

Do ponto de vista de seus objetivos, trata-se de uma pesquisa pautada em um estudo de caráter descritivo que se insere no campo da sociolinguística. Seu interesse recai tanto na investigação da ocorrência da interferência/alternância entre o tepe e a fricativa velar nos falares resultantes da interação entre os bonjesuenses e os gaúchos moradores de Bom Jesus-PI, como também na percepção desses falantes a respeito de sua própria fala e a dos seus interagentes.

Adotamos, portanto, como procedimento técnico o método da pesquisa de campo, por esse ser um caminho que o investigador entra em um contato mais próximo com a realidade pesquisada.

Dessa maneira, concebemos um estudo sincrônico dos fenômenos linguísticos inseridos dentro de um contexto social característico de uma realidade mista de relações socioculturais, analisando-os sob o ponto de vista da abordagem

quantitativa e qualitativa, pois entendemos que essas duas abordagens estão interligadas e complementam-se.

Essa opção metodológica justifica-se pela necessidade de se fazer uma pesquisa dos falares que caracterizam atualmente a comunidade de fala e elencar um grupo de informantes, cujos membros são de naturalidade gaúcha e bonjesuense, que mantêm contato permanente entre si na cidade de Bom Jesus-PI, para que possamos obter uma visão mais concreta do uso linguístico característico dessa fala.

Vinculada a essa linha de pensamento não poderíamos deixar de reiterar que, ao optarmos por fazer uma abordagem quantitativo-qualitativa, trouxemos para a nossa pesquisa formas diferenciadas de análise, pois sendo a língua um objeto de estudo que representa uma atividade humana multifacetada influenciada por fatores diversos, procuramos fazer uma análise com um olhar investigativo utilizando de métodos que pudessem explicar o fenômeno pesquisado.

Sendo assim, utilizamos o método quantitativo, para fazermos uma sistematização dos dados em tabelas e quadros que apresentam resultados estatísticos dos dados submetidos à ferramenta metodológica de análise de fenômenos linguísticos variáveis, o programa Goldvarb X², que se caracteriza por uma versão para ambiente Windows do pacote de programa Varbrul do inglês “variable rules analysis”. Tal versão é um aplicativo que calcula percentuais, frequências, e pesos relativos de cada variável independente em termos de sua contribuição para a aplicação da regra do fenômeno em estudo. Para o melhor esclarecimento a respeito do programa Varbrul vejamos o que nos diz Guy; Zilles (2007, p. 105):

Varbrul é um conjunto de programas computacionais de análise multivariada, especificamente estruturado para acomodar dados de variação sociolinguística. A análise se chama ‘multivariada’, porque permite investigar situações em que a variável linguística em estudo é influenciada por vários elementos do contexto, ou seja, múltiplas variáveis independentes. A investigação mede os efeitos, bem como a significância dos efeitos, dessas variantes independentes sobre a ocorrência das realizações da variável que está sendo tratada como dependente. O resultado da análise inclui,

² - Pacote Varbrul para Mac e Windows desenvolvido por David Sankoff, Sali Tagliamonte e Eric Smith, das Universidades de Ottawa e de Toronto, Canadá...

principalmente, medidas dos efeitos das variáveis independentes e, também, outros elementos, como uma medida do nível geral de uso de uma variante dependente e medidas de significância e ajuste(*em inglês, goodness off it*).

Já com relação ao método qualitativo, foi feito um esboço analítico dos dados obtidos com a pesquisa, recorrendo a trechos das falas dos participantes que demonstraram a recorrência do fenômeno observado, fazendo uma discussão fundamentada também em pressupostos teóricos da sociolinguística interacional em que se observaram elementos que caracterizam a alternância/interferência das variantes fonético/fonológicas analisadas..

3.2 Procedimentos adotados

Ao elencarmos um elemento para ser investigado, procuramos selecionar as possíveis variáveis. Dessa forma a variante específica foi investigada a partir da análise de falas produzidas durante a interação linguística monitorada, espontânea e casual. Dentro da abordagem analítica de nosso estudo, a escolha das realizações fonéticas do 'r' em posição pós- vocálica foi caracterizada como variável dependente binária, ou seja, só é levado em consideração apenas a realização de duas variantes que são o tepe [r] e a fricativa velar [x].

A partir dessa perspectiva selecionamos uma amostra representativa, tendo consciência de que uma pesquisa não tem como englobar todos os falantes de uma comunidade de fala. A escolha dos informantes constituiu-se de 20 moradores da cidade de Bom Jesus-PI, tanto de naturalidade gaúcha como bonjesuense que mantêm contato permanente entre si há mais de 10 anos. Após a identificação desses informantes, utilizamos os dados fornecidos através do preenchimento de um questionário e os distribuímos de acordo com as variáveis sociais elencadas para essa pesquisa. Com essa distribuição não foi possível que em cada subgrupo tivesse a mesma quantidade de informantes, mas por outro lado ganhamos o controle mais refinado da naturalidade que é o grupo de fatores que consideramos mais relevantes nessa análise, por estarmos tratando de uma comunidade de fala interdialeto. De qualquer forma temos 10 informantes de naturalidade gaúcha e 10

de naturalidade bonjesuense, distribuídos por sexo, duas faixas etárias, três graus de escolaridade.

Procuramos, portanto, para a seleção dessa amostra, a orientação dada pela metodologia da pesquisa sociolinguística, no sentido de que cada combinação dos fatores extralinguísticos fosse muito útil no momento de definir e caracterizar o universo da sua amostra. Esse constituiu um fator de muita importância na obtenção dos resultados considerados representativos da comunidade de fala pesquisada.

Foi, portanto, nesse viés que se constituiu a amostra do nosso trabalho investigativo, pautado na hipótese de que a interação social entre os gaúchos e os moradores da cidade de Bom Jesus-PI está ocasionando uma possível interferência/alternância na realização fonética do 'r' em coda, ora como tepe, ora como fricativa velar. Para pesquisar tal fenômeno, selecionamos a observação direta, a observação participante, a aplicação de questionários, (APÊNDICE 4), entrevistas semi-estruturadas (APÊNDICE 5) como instrumentos para a nossa pesquisa. Tal escolha foi feita a partir de orientações teórico-metodológicas apresentadas pelo modelo de análises proposto pelas ciências humanas, que se constitui de um conjunto de métodos que caracterizam uma pesquisa de campo, conforme podemos ver o que diz Minayo (2013, p. 63):

Embora haja muitas formas e técnicas de realizar a pesquisa de campo, dois são os instrumentos principais desse tipo de trabalho: a observação e a entrevista. Enquanto a primeira é feita sobre tudo aquilo que não é dito mas pode ser visto e captado por um observador atento e persistente, a segunda tem como matéria-prima a fala de alguns interlocutores.

Sabemos que, para um sociolinguista, o social não pode estar separado da língua, pois além dos fatores linguísticos há também os fatores externos que a influenciam. Para isso, a observação direta foi elencada como um recurso, para que pudéssemos analisar o funcionamento da linguagem *in loco*, ou seja, fazermos anotações escritas e gravadas das falas em determinadas situações de interação casuais no contexto real em que elas são utilizadas, pois segundo Labov (2008 [1972], p. 62) deve-se observar “o uso público da língua na vida diária fora de qualquer situação de entrevista para ver como as pessoas usam a língua em

contexto quando não existe observação explícita”. Procuramos, através dos dados obtidos, fazer uma análise da interferência/alternância entre o tepe e a fricativa velar nos fragmentos de falas monitoradas, espontâneas e casuais.

Embora a observação seja uma das técnicas mais simples de coleta de dados, ela é ao mesmo tempo muito rica de dados que, descritos de uma forma mais sistematizada, pode se constituir como um instrumento essencial em uma pesquisa, pois através dela foi possível verificar minuciosamente informações que outros recursos não conseguiriam fazê-lo, a partir do momento em que nos inserimos no ambiente histórico e cultural da comunidade de fala pesquisada.

Dentro desse processo de observação, vale destacar o que diz Erickson (1988, p. 95) sobre a natureza da observação participante nas pesquisas de cunho sociolinguístico:

A natureza da observação participante é indicada pelo próprio termo, pois a método envolve participação ativa com aqueles que são observados. A participação do pesquisador pode variar ao longo de um “continuum”, com participação mínima, envolvendo sua presença durante os eventos que são descritos e participação máxima, envolvendo o pesquisador de modo a agir quase como qualquer outro participante nos eventos em que ocorrem, enquanto ele está presente.

Um dos instrumentos de pesquisas de campo mais básico é a entrevista, como podemos reiterar em Labov (2008 [1972], p. 102) quando ele afirma que “o método básico para se obter uma grande quantidade de dados confiáveis da fala de uma pessoa é a entrevista individual gravada”. Ela se constitui, portanto, em uma técnica que envolve a interação entre o pesquisador e o entrevistado ao proporcionar uma possibilidade real de trocas linguísticas características de um determinado contexto interlocutivo. Adotamos também, para essa pesquisa a narrativa de experiência pessoal, por concordarmos com a definição dada por Tarallo (2007, p. 23) apresentada a seguir:

A narrativa de experiência pessoal é a mina de ouro que o pesquisador-sociolinguista procura. Ao narrar suas experiências pessoais mais envolventes, ao colocá-las no gênero narrativo, o informante desvencilha-se praticamente de qualquer preocupação com a forma. A desatenção à forma,

no entanto vem sempre embutida numa linha de relato, a que chamaremos de “estrutura narrativa”.

Procuramos assim, na medida do possível, combinar com os informantes os horários e o lugar de acordo com o tempo que eles poderiam estar disponíveis, bem como fora informado que eles fariam parte de uma pesquisa que envolvia a mistura de pessoas oriundas de regiões diferentes, no caso, os migrantes gaúchos e os bonjesuenses. Na ocasião também foi esclarecido que a pesquisa apresentaria riscos mínimos, os quais poderiam ser contornados com total sigilo, em que seus nomes seriam substituídos por códigos específicos, ou seja, cada informante foi conscientizado do seu anonimato. A maioria se dispôs sem nenhuma hostilidade a participar da entrevista. Todos preferiram ser entrevistados em sua própria residência, onde fomos bem recebidos com a devida disposição e, em alguns casos, com festa e muita alegria. Todo esse contexto proporcionou um ambiente descontraído que contribuiu para a informalidade na pesquisa.

No decorrer das interações face a face foi realizada também entrevista semiestruturada, a qual se caracteriza por aquela “que combina perguntas fechadas e abertas em que o entrevistado tem a possibilidade de discorrer sobre o tema em questão sem se prender à indagação formulada” (MINAYO, 2007, p. 64). Esses tipos de entrevistas se mesclaram em alguns momentos para que déssemos liberdade ao informante de usar por mais tempo a fala, dando-nos assim a possibilidade de termos uma grande quantidade de material para ser analisado. Visão essa que apontada por Kaufmann (2013, p. 79) quando aborda a entrevista compreensiva. Vejamos, com ele a define:

O objetivo da entrevista compreensiva é quebrar essa hierarquia, o tom que se deve buscar é muito mais próximo de uma conversa entre dois indivíduos iguais do que aquele do questionário administrado de cima para baixo. Às vezes, esse estilo interativo ganha realmente corpo e o quadro da entrevista é completamente esquecido: batemos um papo em torno de um tema.

Isso se confirma quando levamos em consideração o fato de que na nossa pesquisa a técnica da entrevista não foi controlada da mesma forma que

esperávamos, pois ocorreram mudanças na sua estrutura à medida que o estudo progredia, muitas vezes chegando a uma conversa espontânea. Vale aqui destacar que isso foi possível por já termos tido convivência social com pelo menos a metade dos entrevistados, por eles já fazerem parte da comunidade bonjesuense há algum tempo que é também a comunidade social a que pertence a pesquisadora..

A partir do uso de tais instrumentos, desenvolvemos nossa pesquisa seguindo etapas metodológicas pré-estabelecidas de forma que pudéssemos descrever adequadamente nosso objeto de pesquisa com um olhar investigativo bem direcionado e focado em vários aspectos que fazem parte da construção do *corpus* de análise.

Vale destacar que todo o processo foi documentado e inserido na Plataforma Brasil³ com toda a documentação necessária. Dentre elas, foi feita a declaração dos pesquisadores (APÊNDICE1), bem como o termo de confidencialidade (APÊNDICE 2)..Os informantes, por sua vez consentiram participarda pesquisa, os quais assinaram um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), como garantia de sigilo sobre suas identidades(APÊNDICE 3). Realizados todos os passos necessários, o CEP aceitou toda a documentação enviada e emitiu um parecer consubstanciado aprovando o desenvolvimento da pesquisa, conforme podemos ver no anexo 1.

3.3 Etapas do trabalho

Para que um trabalho investigativo obtenha êxito em seus objetivos é de fundamental importância que ele seja bem planejado, com etapas bem elaboradas que estabeleçam entre si uma relação de completude entre cada etapa para que se focalize o resultado global da pesquisa. Em um tempo de aproximadamente 11 meses de pesquisa, dividimos o nosso trabalho em quatro etapas fundamentais:

³ A Plataforma Brasil é um sistema eletrônico criado pelo Governo Federal para sistematizar o recebimento dos projetos de pesquisa que envolvam seres humanos nos Comitês de Ética em todo o país.(<http://www.ufal.edu.br/>) acesso em 12/03/2016

1ª etapa

Caracterização da área estudada a partir de dados fornecidos pelo IBGE. Fizemos também um levantamento sobre a realidade sócio-histórica da região pesquisada, buscando na biblioteca pública e em outros órgãos públicos e até mesmo na população em geral materiais de valor cultural e histórico, como por exemplo: livros, CDs, fotografias, relatos pessoais orais e escritos de pessoas que fazem parte da história de Bom Jesus-PI.

Nessa fase, procuramos também fazer um estudo sobre os gaúchos, investigando aspectos característicos da sua realidade sócio-histórica, destacando sua cultura e seu modo de viver antes de vir e depois que vieram morar em Bom Jesus. Para isso foi realizada uma entrevista informal, praticamente uma conversa com uma família gaúcha, cujos membros já moram na cidade há mais de 15 anos e sempre foram um dos principais responsáveis para divulgar e manter a tradição gaúcha, através da participação como coordenadores no CTG - Centro de Tradição Gaúcha da comunidade bonjesuense, chamado Querência do Gurgueia, cujo lema é *Unindo Fronteiras*. Na ocasião fizemos anotações sobre as informações relevantes bem como observamos características específicas da forma de falar, atentando para expressões típicas da sua região, como aquelas naturais da cidade onde moram atualmente que, inconscientemente, já estão inseridas em seu vocabulário.

2ª etapa

Observação e gravação de conversas livres entre falantes gaúchos em diversas situações orais realizadas na cidade de Bom Jesus-PI, elencando situações de fala que envolveram não somente bonjesuenses, como também outras em que gaúchos e bonjesuenses interagiram entre si. Tais registros foram organizados em blocos de análise que tinham pontos em comum, levando em consideração os seguintes aspectos: faixa etária, sexo, nível de escolaridade e naturalidade.

3ª etapa

A partir da sondagem realizada na etapa anterior, foram escolhidos 20 informantes que entravam no perfil dos grupos característicos selecionados para a pesquisa e realizada primeiramente a aplicação de questionários, indicando o perfil sociocultural dos entrevistados. Em seguida, realizamos a gravação de uma entrevista oral com cada informante, buscando informações mais precisas a respeito do seu ponto de vista sobre particularidades da convivência entre sua cultura de origem e a da região onde mora. Buscamos, assim, um contato mais próximo com o entrevistado, deixando-o à vontade sem constrangimentos que o impedissem de responder às perguntas.

4ª etapa

Nessa última etapa, fizemos primeiramente um levantamento de todas as palavras pronunciadas pelos informantes da pesquisa que apresentavam a ocorrência de todas as realizações fonéticas do 'r' possíveis na língua falada por eles, cuja quantidade deu por volta de 2.500 palavras. Em seguida, verificamos em qual posição no uso fonético do 'r' estava ocorrendo interferência / alternância entre o tepe e a fricativa velar. Logo após selecionamos somente aquelas em que ocorreram os usos do 'r' em coda vocálica. Codificamos, então, os dados e os submetemos ao programa Goldvarb X e transcrevemos os segmentos de fala das entrevistas coletadas. Em seguida, fizemos a análise quantitativa das realizações do tepe e da fricativa velar recorrente tanto na fala dos migrantes gaúchos como dos bonjesuenses. Para isso elaboramos primeiramente uma tabela com os dados gerais e, depois, foi elaborada outra para a variável que teve mais significância na realização dessa alternância/interferência.

A partir da verificação estatística desses dados, procuramos verificar como essas variantes se apresentaram em cada grupo de variável. E por último, analisamos qualitativamente a interferência/ alternância entre o tepe e a fricativa velar nos fragmentos de fala, baseando-nos na análise de trechos das falas em que ocorre a variante estudada, . procurando responder aos seguintes questionamentos:

- 1- Em quais fragmentos de fala dos interagentes selecionados há ocorrência da troca entre o tepe e a fricativa velar e como esse fenômeno acontece na interação?

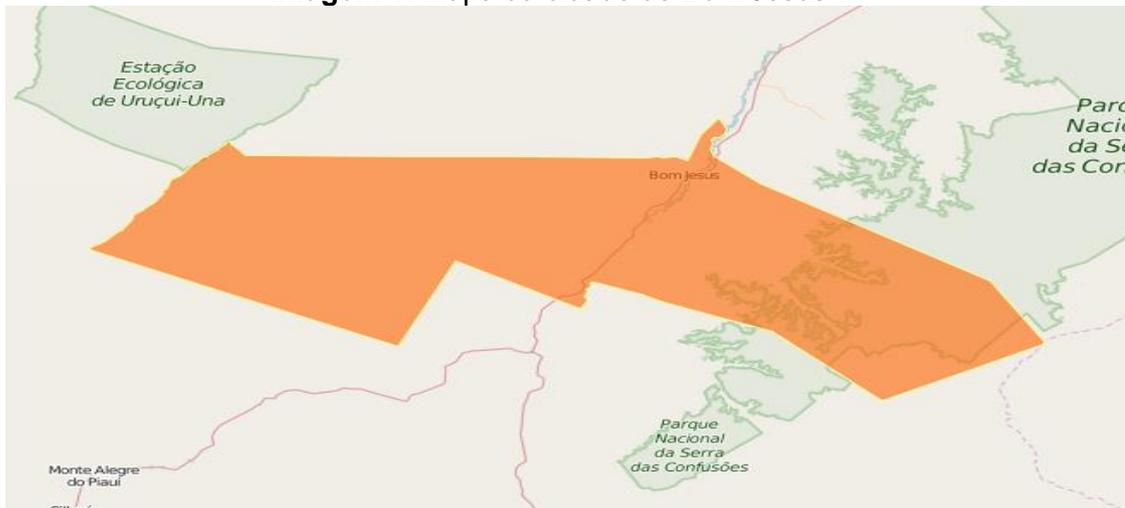
2- Qual a percepção dos referidos interagentes a respeito das mudanças em suas falas após a convivência com falantes de culturas diferentes?

Para um melhor conhecimento dessa realidade foi fundamental fazermos uma explanação sobre as características dessa região para que pudéssemos ter uma visão geral de aspectos que fazem parte da constituição dessa comunidade de fala. Tais aspectos serão esboçados a seguir:

3.4- Caracterização da região pesquisada

3.4.1- Aspectos geográficos

Imagem 1: Mapa da cidade de Bom Jesus-PI



Fonte: IBGE (2015)

Bom Jesus é um município brasileiro do estado do Piauí que segundo o censo 2010, tem uma população é de 22.629 habitantes. Em 2015 a estimativa foi de 24.327 habitantes. Possui uma área de 5.469 km, limitado ao norte pela cidade de Currais e Santa Luz, ao sul por Redenção do Gurgueia e Morro Cabeça do Tempo, ao leste por Guaribas e a oeste por Baixa Grande do Ribeiro e Gilbués. Possui um clima tropical com características sazonais⁴ e maior concentração pluviométrica⁵ nas

⁴**Sazonal**, é uma característica de um evento que ocorre sempre em uma determinada época do ano. Escrever texto. Ex: A produção de milho ocorre sempre na época da seca, é um produto sazonal. (<http://www.dicionarioinformal.com.br/sazonal/>) acesso em 15/03/2016

⁵ Relativo à pluviometria que é a quantidade chuvas que cai numa região (<http://www.dicionarioinformal.com.br/pluviometria/>) acesso em 15/03/2016

estações primavera-verão. Estando na mesorregião ecológica dos cerrados piauienses, o município apresenta temperaturas relativamente estáveis, porém bastante sensíveis a mudanças bruscas, o que faz do município o recordista na lista de temperaturas mais elevadas em todo o Brasil.

Vale destacar que, por estar localizada na região do Vale do Rio Gurgueia, a cidade é muito rica em água subterrânea. Os poços jorrantes são abundantes. A precipitação pluviométrica média é de 900 a 1200 milímetros por ano. Entretanto, localizada a 635 km da capital Teresina, Bom Jesus apresenta alguns problemas naturais de cidade pequena que repentinamente passa por um desenvolvimento socioeconômico que caracteriza um crescimento acelerado da região.

3.4.2 Aspectos históricos

Conhecer os aspectos históricos da região pesquisada nos proporcionou um conhecimento essencial para termos uma visão ampla dos fatos ocorridos no decorrer do tempo que contribuíram para a formação real da sociedade atual. Constam em Raposo (2004) informações de que no início do século XIX, chegavam a terras bonjesuenses colonos pernambucanos, paraibanos, cearenses e baianos procurando pastagens fartas para seus rebanhos e encontraram terras férteis para a lavoura. Foi então que fixou residência o Senhor Nicolau Barrense, de família humilde, considerado por alguns historiadores como descendente de escravos. Era devoto do Senhor Bom Jesus da Boa Sentença. Com sua visão profética, ergueu para honra do Santo, uma Capela de Palha às Margens do Riacho Grotão, um pouco afastado da confluência com o Rio Gurgueia por ser uma área de topografia⁶ alta, portanto isenta das Inundação do Rio Gurgueia. A este local denominou de Buritizinho, motivado pela existência de um tipo de palmeira chamada Buriti próximo ao local escolhido para construção da capela (hoje local onde se encontra construída a Igreja Matriz), conforme podemos visualizá-la a seguir.

⁶ Do Grego: tópos=lugar grafia=escrever (descrever)Descrição detalhada de uma localidade. (<http://www.dicionarioinformal.com.br/topografia/>) acesso em 15/03/2016

Imagem 2: Igreja matriz, construída no local onde começaram a morar os primeiros habitantes de Bom Jesus-PI



Fonte: <
<http://www.minhacasaminhavidainscricao.com/wpcontent/uploads/2013/09/IgrejaMatrizParoquiaBomJesusdaBoaSentencaok.jpg>>. Acesso em: 14 mar. 2016.

Em seguida esse senhor começou a celebrar uma novena em homenagem a Bom Jesus da Boa Sentença, imediatamente os festejos atingiram grande quantidade de romeiros. A partir de então, foi havendo um crescente desenvolvimento comercial e conseqüentemente a fixação de famílias no entorno da capela.

Sendo assim, com a rápida ascensão de destaque do aglomerado de residências ao redor da capela, já no ano de 1804 foi criado um comando militar para manutenção da ordem pública. Nos anos seguintes, diante do progresso da localidade, o Conselho Geral da Província, em 1833, solicitou do Governo Imperial de Lisboa a criação da Paróquia de Bom Jesus da Boa Sentença, efetivada em 1938, com a denominação de Paróquia de Bom Jesus do Gurgueia. Nesse mesmo ano, no dia 15 de dezembro, a até então vila foi elevada à categoria de cidade, pelo decreto nº 147 com a denominação atual de Bom Jesus.

Portanto, a partir de uma simples iniciativa do senhor Nicolau Barrense, nasceu a cidade de Bom Jesus, no Sul do estado do Piauí, a qual recebeu este nome em homenagem ao senhor Bom Jesus da Boa Sentença e permaneceu ao longo do tempo com uma forte influência católica. Com a chegada dos gaúchos, o

processo de interação foi pouco a pouco sendo efetivada entre os nativos bonjesuenses e os migrantes e surgindo assim um cenário representado por um eixo em torno do qual gira a economia agrícola de todo o sudoeste piauiense.

3.4.3 Aspectos socioeconômicos

No final do século XX, na década de 90, a cidade de Bom Jesus deu início a um processo de grandes transformações sociais, econômicas e urbanas em função da expansão na área agrícola. Começaram, então, a chegar nos cerrados do Piauí produtores de grãos do Rio Grande do Sul e de outros estados para cultivar principalmente a soja, onde deram início ao desbravamento do cerrado da Serra do Quilombo. Já no ano de 1998, a prefeitura realizou a 1ª festa do arroz na Serra do Quilombo com o objetivo de divulgar a produção e atrair investidores para a região. Em 2005, essa Serra tornou-se o maior centro de produção de soja do sudoeste piauiense, contribuindo fundamentalmente para o desenvolvimento do município nos setores de comércio, indústria e serviço

Imagem 3: Cerrado bonjesuense



Fonte: < <https://www.google.com.br/url?sa=i&rct=j&q=&esrc=s&source=images&cd=&cad=rja&uact=8&ved=&url=http%3A%2F%2Fwww.piaui.pi.gov> >. Acesso em: 14 mar. 2016.

Podemos comprovar tal informação com dados do IBGE (censo 2010), o qual mostra que o crescimento populacional teve um visível aumento entre o fim do século XX e a 1ª década do século XXI, passando de aproximadamente de 18.126 habitantes para o número aproximado de 22.629 em 2010, tendo uma estimativa para 2015 de 24.327 habitantes, conforme já mencionamos anteriormente. Outro dado relevante que se tinha no ano de 2004 era o fato de ter 21.866 hectares de área plantada de soja, já no ano de 2010 chegou a 58.504 hectares. Isso fez com que o número de empresas também aumentasse, passando de 442 no ano de 2004 para aproximadamente 2300 no ano de 2015. Tudo isso impulsionou a economia da região de forma bastante significativa, atraindo assim mais investimentos e dando a Bom Jesus a denominação de “Capital Piauiense do Agronegócio”.

Tal realidade, conseqüentemente, refletiu em todos os aspectos da sociedade bonjesuense, motivando assim, conforme já havia dito anteriormente, a vinda de diversas famílias de migrantes do Rio Grande do Sul para se instalarem definitivamente nessa cidade, trazendo diferenças no modo de vestir, na estrutura física das residências, na alimentação, costumes e principalmente na forma de falar, mesclando-se assim com a realidade socio-histórica da cidade de Bom Jesus PI. Outro fato que foi estimulado pelo profícuo espaço de oportunidades e pela grande demanda da região foi a instalação de um campus da Universidade Estadual do Piauí, em 1998 e outro da Universidade Federal do Piauí em 2006, que também contribuiu de forma evidente para uma grande mudança na conjuntura sócio-educacional desse município.

A partir de então, por essa ter se tornado uma região em pleno desenvolvimento, instalaram-se em solo bonjesuense migrantes não só do Rio Grande do Sul, como também de várias outras regiões do Brasil que vieram para investir não só no agronegócio, como também em outras áreas socioeconômicas como: construção de prédios comerciais e residenciais, abertura de novos tipos de comércio varejista e ampliação dos que já existiam, restaurantes, postos de combustíveis, dentre outros, conforme podemos ver na amostra das imagens a seguir.

Imagem 4: Loja de insumos agrícolas

Fonte: arquivos da pesquisadora

Imagem 5: Loja de venda de tratores

Fonte: arquivos da pesquisadora

Imagem 6: Centro da cidade

Fonte: arquivo da pesquisadora

Imagem 7: Prédios em condomínio

Fonte: arquivo da pesquisadora

Imagem 8: Casas em condomínio

Fonte: arquivos da pesquisadora

Apesar da estimativa divulgada em 2015 pelo IBGE de uma população de 24.327 habitantes, há em Bom Jesus, atualmente, segundo estimativas locais, uma população circulante que ultrapassa essa quantidade de habitantes, aproximando-se de 40.000 pessoas, que vêm até à cidade em busca de negócios, educação e saúde.

Enfim, esse lugar, que fora descrito no início do século passado “como sertão bravo, inteiramente desprovido dos recursos que vivificam o homem civilizado” (RAPOSO, 2004, p. 19), hoje é considerado uma cidade-polo do sul do estado do Piauí de muitas oportunidades, de potencialidades naturais e socioeconômicas, que a fazem ser uma das cidades que mais cresce no Brasil.

3.5 Caracterização dos sujeitos da pesquisa

Dado a esse processo migratório característico da cidade de Bom Jesus-PI, a escolha dos informantes se deu através de seleção de sujeitos que pertencessem a um grupo de migrantes e moradores de Bom Jesus, que convivessem ente si há mais de dez anos nesse município. Foi então que delimitamos nossa investigação apenas a sujeitos de naturalidade gaúcha e/ou bonjesuense, por esses atenderem ao critério global do nosso estudo. Sendo assim, excluímos da nossa pesquisa os moradores de Bom Jesus que não têm naturalidade gaúcha e nem naturalidade bonjesuense e que mesmo as tendo, já moraram em outra cidade.

Dessa forma, para uma análise do fenômeno pesquisado, elencamos 20 sujeitos a partir dos seguintes critérios: 1- Ter naturalidade bonjesuense e ser casado com um migrante gaúcho ou vice-versa; 2- Ser membro de um casal gaúcho 3- Ter naturalidade bonjesuense que trabalha com gaúchos ou vice-versa. Foram entrevistados, portanto, 10 bonjesuenses e 10 gaúchos, distribuídos entre empresários e seus representantes, professores, agricultores, engenheiro agrônomo, gerentes de fazenda, comerciantes, vendedores, donas de casa e profissionais liberais. Dentro desses grupos pesquisados foram selecionados aqueles com mais de 18 anos de idade tanto do sexo masculino como do feminino, com escolaridade que vai desde o 1º ano do ensino fundamental até o nível superior.

Vale destacar também que a maioria dos migrantes entrevistados trouxe consigo diversidades presentes dentro do seu próprio estado de origem, por serem originários de várias regiões do Rio Grande do Sul de descendência alemã e italiana como, por exemplo, das cidades de São Leopoldo, Santo Cristo, Caxias do Sul, dentre outras. Mesmo que, os referidos falantes sejam de cidades diferentes, eles representam um dialeto que possui características linguísticas típicas do seu estado e, ao entrar em contato com a fala de Bom Jesus-PI passaram a conviver com diferenças linguísticas em uma mesma comunidade de fala, estabelecendo relações de trocas linguísticas proporcionadas pelas diversas situações de interação social presentes no cotidiano dessa localidade.

3.6 Desenho do contato social entre gaúchos e bonjesuenses

Reiterando o que foi afirmado anteriormente, torna-se evidente que uma comunidade de fala é composta por vários grupos de falantes que são definidos por relações de vizinhança, classe social, etnia, religião, ocupação, dentre outras, possuindo assim interactantes que se inter-relacionam por meio de relações sociais que marcam as ações linguísticas de forma complexa e heterogênea dentro de um contexto interacional que vai se desenhando ao longo da convivência.

É sabido que um processo dessa natureza pode se caracterizar por formas diferentes de falar e, conseqüentemente, pode desempenhar um papel importante na propagação de variantes linguísticas, pois o ponto crucial de relação entre grupos sociais está no uso efetivo da linguagem, que apresenta algumas semelhanças no discurso, mas “sem necessariamente terem a mesma forma” (CALVET, 2002, p. 135).

Isso só mostra que considerar as relações sociais nos estudos linguísticos nos leva a analisar a língua dentro desse processo de entrecruzamento de interações entre falantes de regiões diferentes, procurando destacar como se dá o que podemos chamar de “intersecção linguística”.

Diante desse fato, têm sido realizados estudos sociolinguísticos que buscam investigar as diversas relações sociais dentro de uma determinada comunidade de

fala. Essa constatação é confirmada por Bortoni-Ricardo (2011, p.101) quando nos diz que “Esses estudos têm dado uma contribuição significativa para a compreensão da relação complexa que se estabelece entre fatores sócioecológicos e políticos e a manutenção ou ruptura da diglossia em situações multilíngues ou multidialetais.” Sendo assim, tivemos que centrar no aspecto social que pode impulsionar a rede de relações condicionantes ao uso de formas variantes da língua. Esse fato é reconhecido por Labov (2008[1972], p. 216) como um estudo complementar. Vejamos:

Há muito o que fazer na descrição e na análise dos padrões de uso de línguas e dialetos dentro de uma cultura específica: as formas de “eventos de fala”; as regras para seleção adequada dos falantes; as inter-relações entre falante, ouvinte, público, tópico, canal e contexto; e os modos como os falantes se valem dos recursos de sua língua para desempenhar certas funções. Este estudo funcional é concebido como complementar ao estudo da estrutura linguística.

Nesse sentido, podemos compreender que Labov aponta aspectos importantes para um estudo que coloca a língua dentro do processo sociocultural em que ela está inserida. A abordagem se constitui como um estudo significativo que devemos levar em consideração, pois ao estruturarmos os dados para uma pesquisa sociolinguística, não podemos esquecer que eles são retirados de uma situação concreta de uso, a qual se dá em uma determinada situação de interação entre falantes pertencentes a uma rede de relações que fazem parte da convivência em grupos sociais de uma determinada comunidade de fala. Bortoni-Ricardo (2005, p. 102), afirma que “A análise das características da rede de relações dos migrantes nos fornece certos indicadores que, no caso de algumas variáveis, funcionam como bons preditores do comportamento linguístico.” Embora o nosso trabalho não tenha focado uma análise de redes sociais, nos fundamentamos em tais conceitos para compreendermos o fenômeno de variação da língua que propusemos investigar, fazendo um desenho do modo como se deu o contato desses interagentes na comunidade de fala pesquisada. O fato é que, este cenário se apresenta por um processo complexo de relações que vão se estabelecendo no decorrer do tempo de convivência social. Sobre isso Bortoni-Ricardo(2005, p. 94) esclarece que:

Essas sociedades caracterizam-se também por um alto grau de complexidade de papéis sociais. Um mesmo indivíduo, nos diversos domínios ou esferas de sua atuação social, desempenha papéis diferenciados. Por exemplo, um analista de sistema pode ser também síndico de seu edifício membro de um sindicato, aluno em um curso de atualização, jogador de uma equipe amadora de futebol etc.

Trazendo assim, como base esses estudos, é importante fazer uma observação sobre a forma como se desenhou a relação entre os migrantes gaúchos e os bonjesuenses. O contato pioneiro entre eles ocorreu quando começaram estabelecer relações de trabalho agrícola para plantação de grãos no cerrado, a qual foi uma das primeiras atividades a ser realizada pelos migrantes no município de Bom Jesus-PI. No decorrer dos anos, com o desenvolvimento do agronegócio, esta relação foi se ampliando para as demais áreas socioeconômicas desse município. Assim comprovada pelo depoimento⁷ de uma gaúcha em entrevista dada a TV Meio Norte no ano de 2012:

No início não foi fácil, mas hoje a gente vê que aqui é uma região boa para se crescer profissionalmente. (K. Z. que mora há 12 anos em Bom Jesus).

Temos também outro depoimento de um migrante gaúcho relatando sobre as suas impressões acerca da cidade, conforme podemos ler abaixo na fala de F. retirada de uma entrevista dada a G1 PIAUI-2013.

Na época quando vim aqui conhecer, há quase 15 anos, eu pensei: não venho para esse lugar aqui, mas de jeito nenhum. Hoje já não quero mais voltar, se me derem uma terra de graça no Rio Grande do Sul, não quero. Eu amo o Piauí.

⁷ Nesses trechos de falas que foram retiradas de entrevistas de pessoa física ao um website, optamos por colocar somente as iniciais dos entrevistados.

Assim, atraídos pelo potencial agrícola, gaúchos trouxeram as famílias e toda uma bagagem cultural que entrou em contato com a bagagem cultural do povo bonjesuense, concretizada nas novas redes de relações que ora começavam, marcando assim, um processo de adaptação, assimilando palavras novas aos seus respectivos vocabulários, alternando usos fonéticos/fonológicos, conhecendo pratos típicos, danças e até mesmo incorporando expressões típicas tanto dos migrantes gaúchos com relação à linguagem bonjesuense, quanto aos bonjesuenses com relação aos gaúchos.

Portanto, a comunidade de fala que constitui universo da nossa pesquisa tem na migração um dos seus aspectos mais relevantes, pois conforme estamos reafirmando em todo o desenvolvimento desse trabalho, acreditamos ser esse mais um fator que influenciou mudanças na cidade de Bom Jesus-PI, sejam elas de ordem socioeconômica, sociocultural, bem como linguística. Tal fato, portanto, merece uma análise mais pormenorizada. Isso se deve ao fato de que com a migração iminente, nessa região, foram surgindo atividades socioculturais e linguísticas características desses novos contatos, de que antes não tínhamos conhecimento na região. A partir dessas novas relações, possíveis usos e trocas linguísticos foram surgindo, caracterizando assim a “porta de entrada” de variações sociais, econômicas, culturais e, conseqüentemente, linguísticas.

Nesse contexto, o contato social entre gaúchos e bonjesuenses foi se caracterizando por uma convivência social entre integrantes inseridos em instituições públicas e particulares, distribuídos em todos os setores da sociedade: escolas, igrejas, comércios e serviços diversos na cidade de Bom Jesus-PI. Porém, tal relação não se deu de forma homogênea, ela foi se estabelecendo primeiramente em alguns setores e em outros não, por exemplo, os migrantes gaúchos que aqui chegaram foram construindo suas casas em bairros mais afastados onde todos os integrantes dessa família moravam próximos um do outro, fazendo reuniões familiares apenas com os respectivos integrantes, sentindo-se ainda estranhos ao novo local de moradia. Em contrapartida, os moradores nativos da cidade ficaram também receosos em procurar algum vínculo com os vizinhos recém-chegados.

Por outro lado, a própria dinâmica da vida em sociedade proporcionou que o convívio se ampliasse para além dos muros de suas casas, quando muitos migrantes gaúchos passaram a frequentar grupos da igreja, a exercer cargos em

órgãos públicos e particulares, bem como a participar de datas festivas da cultura local, como por exemplo, das quadrilhas São João e festejos da padroeira da cidade, quando eles aproveitavam a ocasião para apresentar suas danças típicas do Rio Grande do Sul com integrantes não só gaúchos, mas também bonjesuenses. Com isso, a cidade de Bom Jesus-PI passava a se caracterizar por uma realidade social mista, resultante dessa interação de povos de regiões distantes territorialmente, que agora convivem em um mesmo espaço geográfico.

No entanto, foram relatados que no âmbito dessas relações houve momentos de preconceito, por ambas as partes, o que ainda ocorre em diversas situações. Tal fator contribuiu para que algumas interações linguísticas fossem realizadas dentro de um clima tenso. Veja a seguir o depoimento do informante gaúcho que mora há 19 anos em Bom Jesus.

Até/ num tem muito tempo atrás eu fiquei muito chateado lá no:: super/ no supermercado sabe...eu cheguei lá pra comprar/ pedi um peito de frango e: e::u/o menino percebeu o:: modo deu falar e:: e::u/ mangou né e eu fi/ fiquei fiquei constrangido...fiquei chateado e até reclamei pra ele ee pro patrão dele que tava próximo/ que eu acho que ele não tinha direi/ eu não tinha dado a liberdade dele/ dele fazer/ falar daquele jeito né..aí eu pedi um peito de frango e ele disse, mas BAAH, pega aí um peito de frangoTCHÊ não sei que... eu percebi que ele tava fazendo chacota né e não gostei (P.M.O., 53 anos).

Apesar de sempre acontecerem episódios como esses, no decorrer desses anos, tanto os vínculos profissionais como os pessoais foram aumentando, pois houve cada vez mais enlace matrimonial entre membros de famílias gaúchas e membros de famílias bonjesuenses. Dessa união, surgiram os chamados “piúchos” (nome dado aos filhos de gaúchos com piauienses), que já crescem inseridos em uma prática que se caracteriza por redes sociais diversificadas, emergidas de um contexto cultural misto.

E nessa tentativa de unir culturas diferentes, foi criado o CTG (Centro de Tradições Gaúchas) chamado de Querência do Gurgueia, em que estão associados mais de 250 famílias, sendo 90% de gaúchos e 10% de piauienses, conseguindo reunir pessoas interessadas em conhecer um pouco mais dessa cultura do extremo sul do País, reforçando os valores de sua terra natal e trocando junto com os

bonjesuenses as experiências e culturas. Vejamos o que destaca G. M., presidente do CTG, quando dá um depoimento para o 180 graus (2012).

Todos os anos é realizada uma assembleia para definir o calendário local anual, que segue paralelo ao calendário do CTG nacional. Todos juntos, com um único objetivo: A grande proposta é unir culturas, mostrar a nossa cultura para os piauienses e vice-versa. Tanto que o nosso lema é Unindo Fronteiras; união de povos, união de culturas. Não criamos para nós, criamos para quem quiser conhecer e participar.

A criação desse centro abre um espaço para se estabelecerem relações de aproximação entre as duas culturas em questão. Entretanto, a participação de famílias piauienses ainda é bem menor, ocasionando assim a predominância das atividades referentes à cultura do Rio Grande do Sul. Essa é uma instituição que faz parte da realidade atual de Bom Jesus e que, juntamente com outras instituições tipicamente bonjesuenses, constituem um conjunto de atividades socioculturais que permeiam a rede de relações que se estabelecem no interior desses grupos.

Sendo assim, um fato que devemos considerar é que tais atividades englobam diversas relações, naturalmente estabelecidas através da linguagem. Os falantes, imersos nesse contexto, fazem uso de formas de falar que podem alternar entre a sua variante de origem e a de contato. Esse é um ponto que levamos em consideração ao analisarmos os dados resultantes da pesquisa de campo, porque acreditamos ser este um dos fatores que podem influenciar o uso ou não da interferência/alternância entre o tepe com a fricativa velar na fala produzida pelos falantes da comunidade de fala, que são de regiões diferentes, mas que interagem em um o mesmo espaço social.

3.7 Descrição do *corpus*

Conforme já foi mencionado anteriormente, o *corpus* da pesquisa desse trabalho foi constituído da transcrição de trechos da fala de 20 informantes moradores da cidade de Bom Jesus, os quais foram recolhidos durante 9 meses. Tais trechos foram retirados de entrevistas orais de aproximadamente 30 minutos,

bem como de interações casuais. As amostras foram submetidas às técnicas específicas de transcrição do projeto NURC (ver em anexo 2) e ao tratamento estatístico do programa Goldvarb-X (cópia digitalizada em aplicativo em Windows, adquirido no curso que fizemos no GELNE, em 2014) para que fizéssemos uma análise quantitativa do fenômeno linguístico pesquisado.

Vale esclarecer que o corpus dessa pesquisa se constituiu de dados codificados e submetidos ao referido programa para obtermos os resultados estatísticos que serviram de base para a análise ora apresentada. Devido ao volume de resultados obtidos na pesquisa, optamos por retirar uma parte da análise quantitativa para constar em um trabalho que apresenta uma análise variacionista abordada em um artigo em processo de publicação em revista, intitulado de “A variante tepe e a fricativa velar na fala de gaúchos e bonjesuenses na cidade de Bom Jesus-PI: Um estudo de contato dialetal.”(no prelo)

Para uma apresentação detalhada foi considerada para essa pesquisa a transcrição de trechos das entrevistas nos quais constam realizações do tepe e da fricativa velar, considerando assim a posição pós-vocálica em coda interna e externa e fatores extralinguísticos tais como as variáveis: sexo, faixa etária, escolaridade e naturalidade. Tal material apresenta uma amostra estratificada dos grupos entrevistados abordando temas voltados para o uso da linguagem nessa comunidade de fala. Sendo assim, faz parte desse *corpus* a transcrição de entrevistas com moradores da cidade de Bom Jesus que têm naturalidade gaúcha ou naturalidade bonjesuense, bem como trechos de interações casuais desses falantes.

Vale ressaltar que o conteúdo abordado nas questões da entrevista direcionou para aspectos que caracterizam uma comunidade formada por comunicação Interdialetal. Foram abordados temas como, por exemplo: contato inicial entre o migrante e o nativo; capacidade de identificar falantes de outra região através da fala; percepção ou não de mudança na fala; adaptação para conviver com formas diferentes de fala; percepção ou não do preconceito com a fala do outro, entre outras questões surgidas durante a interação entre a pesquisadora e os entrevistados.

Com a amostra estruturada e apresentando a sistematização dos dados, procuramos, então, montar um corpus de pesquisa que compartilha, em menor ou

maior grau, alguns pressupostos linguísticos e socioculturais, possibilitando assim uma visualização mais analítica e significativa do objeto de estudo, o qual será explicitado no próximo capítulo.

CAPÍTULO 4

DO SUL DO BRASIL PARA O SUL DO PIAUÍ: UMA ANÁLISE DA INTERFERÊNCIA/ALTERNÂNCIA ENTRE O TEPE E A FRICATIVA VELAR NA FALA DE GAÚCHOS E BONJESUENSES

Nesse capítulo, nosso olhar investigativo está focado na recorrência da interferência/alternância fônica do fenômeno fonético/fonológico, estudado e observado na situação de interação tanto da entrevista realizada durante a pesquisa quanto de interações do cotidiano, vivenciadas pelos respectivos informantes dessa pesquisa. Apresentaremos, primeiramente um breve resumo de uma análise quantitativa que serviu como base para uma interpretação qualitativa dos dados.

Antes que passemos para os pormenores da análise linguística, vejamos com atenção inicialmente um quadro que representa apenas uma sistematização dos dados obtidos a partir da aplicação do questionário que foi respondido de forma escrita pelo próprio falante em um local reservado. Tal procedimento apresenta uma visão inicial dos aspectos sociais dos entrevistados.

Quadro 2: Distribuição social dos informantes

| Faixa etária | Sexo | | Naturalidade | | Grau de escolaridade | | |
|---------------------|------|----|--------------|-------------|----------------------|--------------|-----------------|
| | M | F | Gaúcha | Bonjesuense | Ensino fundamental | Ensino médio | Ensino Superior |
| 18 a 40 anos | 6 | 5 | 3 | 8 | 3 | 4 | 4 |
| 41 a 60 anos | 4 | 5 | 7 | 2 | 4 | 2 | 3 |
| Total | 10 | 10 | 10 | 10 | 7 | 6 | 7 |

Fonte: Dados da pesquisa de campo (2015)

Um aspecto importante que deve ser explicado a respeito da distribuição dos dados é a quantidade de informantes selecionados em cada faixa etária para a variável naturalidade, pois enquanto na faixa etária de 18 a 40 anos temos 3 informantes gaúchos e 7 bonjesuenses, na faixa etária de 41 a 60 anos temos 8 informantes bonjesuenses e 2 gaúchos. Isso se justifica pelos seguintes aspectos:

- 1) Estamos analisando o contato interdialeto entre falantes que já têm sua formação linguística de origem já consolidada.

- 2) A maioria dos migrantes de naturalidade gaúcha já chegaram na região pesquisada com uma idade adulta, e só em alguns casos adolescentes, justificando assim a quantidade de gaúchos de faixa etária mais velha ser maior que a dos bonjesuenses.
- 3) E por último, o fato de ser selecionados para a pesquisa tanto os bonjesuenses que são casados com os gaúchos como também aqueles que trabalham com esses migrantes, justifica o fato de a quantidade de bonjesuenses de idade mais jovem ser maior que a dos gaúchos, pois essa faixa etária, geralmente se caracteriza como a mais propícia a estabelecer relações matrimoniais e a exercer uma função no mercado de trabalho.

Considerando, então, a hipótese inicial do nosso trabalho de que em uma situação de contato interdialetoal pode haver a interferência/alternância de variantes linguísticas na fala de seus interagentes, observamos nas falas produzidas pelos informantes dessa pesquisa que, dentre outras variantes linguísticas comentadas por eles, a que mais foi citada foi a diferença nas realizações fonéticas do 'r'. Podemos comprovar tal fato a partir dos comentários esboçados nos exemplos a seguir:

Exemplo 1:

Grau de escolaridade: Curso superior

Sexo: feminino

Idade: 44 anos

Naturalidade: bonjesuense

Entrevistador- Como você se sentiu no primeiro contato com pessoas que pertencem a outra cultura, ou seja no contato com os gaúchos (...) como foi que tu percebeu essa diferença, sentiu alguma diferença em alguma forma de fala?

IB. Eu senti muito diferença na forma... de como pronunciar/ pronunciam as palavras né, puxam muito r em algumas palavras.. eh tem algumas palavras que/ que eles falam que a gente/e aqui tem um significado diferente mas, a mais dificuldades mesmo foi no/nos erros que eles puxam muuuito..muito em algumas palavras que eles falam... **como por exemplo a po[x]ta,(...) eles já é po[r]ta..**

Exemplo 2:

Grau de escolaridade: Ensino Fundamental

Sexo: feminino

Idade : 56 anos

Naturalidade: bonjesuense

Entrevistadora- (...) sua filha tinha me falado algumas palavras que ele diz tipo assim comida né.. buchada...?

IB. É nós chama ca[x]ne e ele chamam **ca[r]ne** né?

Entrevistadora- Mais é o erre né?

IB. Sim

Em outro trecho da entrevista essa mesma informante voltou a enfatizar a questão da realização fonética do 'r' quando falava a respeito do que os gaúchos aprenderam com os bonjesuenses.

Exemplo 3:

Grau de escolaridade: Ensino Fundamental

Sexo: feminino

Idade: 56 anos

Naturalidade: bonjesuense

IB. Aprenderam muito com a gente, por exemplo, coisa que eles não sabia aqui pra nós/ como bem mesmo meu nome eles não falam vandi[x] ele chama é:: vandira.. aí o Paulo diz ... mãe não é Vandira é **vandi [x]...por causa do erre deles eles falam.**

Neste exemplo, a informante ressalta claramente que o uso do tepe na fala dos gaúchos modificou a pronúncia do seu nome, quando ela relata que a sogra de sua filha, a qual é de naturalidade gaúcha, a chama de *Vandira* em vez de *Vandi[x]*. Nesse caso, houve um fato bastante interessante que remonta a um processo fonológico chamado de *epêntese*, pois foi acrescentado um fonema vocálico no final da palavra *Vandir*. Segundo Silva(2015, p. 99), além da inserção das vogais entre as consoantes em encontros consonantais, “uma vogal epentética pode também ocorrer em final de palavra, como,por exemplo. Em Varig [“varigi].” Vemos, então, claramente, a interferência/alternância entre o tepe e a fricativa velar sendo percebida pela falante bonjesuense.

Temos também na entrevista com um falante gaúcho um comentário dele fazendo uma abordagem ampla sobre a questão do uso do erre em falas de pessoas que pertencem não só ao Rio Grande do Sul como também aos nativos da cidade

de Bom Jesus-PI. Observemos a seguir o trecho correspondente a esse referido comentário:

Exemplo 4:

Grau de escolaridade: Ensino Fundamental

Sexo: masculino

Idade: 53 anos

Naturalidade: gaúcha

IB- Mas a fo[r]ma de fala[x], eu tava até comentado com a M. hj meio dia assim... eu me lembro quando eu estudava/ eu morava no sul ah... tinha eu e uma colega tinha uma colega minha que o pai era palestino.. Abdala o nome dele e a mãe dela é origem brasileira.. po[r]tuguesa né... **ela falava assim bem/ o r bem fo[r]te né te[x]a ... chima[x]ão...** palavras / o erre parece que tinha mais fo[r]mas quase como o daqui né...eles falam bem forte... já eu/ eu falo te[r]a né e os meus colegas lá falam o te[ř]a... porque eles tem /eles tem/eles usam ainda/ muitas pessoas usam em casa... dialeto, não é mais a língua né...eles falam o alemão em casa né.. aí mistura.. aí eles não tem aquela fo[r]ça no erre né .. (..) eles usam um erre só ... eles usam um erre só ..isso até no escrever coisa assim... eles tinham dificuldade em identifica[x] palavras com um erre e dois erre... **[r]ato** eles falam **[r]ato** né(..) assim como também eu estranho assim/ estranhava, hoje eu até me vejo falando alguma palavra eh... como **amo[x]** com o erre no final assim meio fo[r]çado.. lá eles lá é **amo[r]**.

Esses casos acima foram apresentados durante as entrevistas com informantes de naturalidade bonjesuense e gaúcha. Além desses exemplos citados, tivemos também alguns depoimentos de gaúchos a respeito de mal entendidos entre gaúchos e bonjesuenses com relação ao uso da vibrante. Um deles foi apresentado por uma informante gaúcha de 54 anos, após o término da gravação da entrevista. Segundo ela, uma empresária gaúcha pediu a um bonjesuense que fizesse uma placa com o nome “Serra do Quilombo”, que é o nome dado a região do cerrado em Bom Jesus-PI. Quando ela foi recebê-la estava escrito “Sera do Quilombo.” Na ocasião, a gaúcha disse pra ele que a escrita estava errada e ele respondeu que pensava que a escrita estava certa daquele jeito, porque ele sempre ouvia os gaúchos falarem daquela forma.

Esses exemplos acima mostram que a pronúncia do tepe é um ponto de destaque no contato interdialeto na cidade de Bom Jesus-PI. A partir de tal percepção, apresentaremos primeiramente uma breve descrição quantitativa dos usos do traço fonético-fonológico do tepe [r] e da fricativa velar [x] tanto na fala de gaúchos como de bonjesuenses. Iniciamos com a distribuição das variantes, apresentando o total de realizações do fonema pesquisado.

Com essas informações em mãos codificamos dados das variáveis sociais que podem influenciar o uso da variante linguística, considerando apenas o

contexto da posição pós-vocálica, por esse ser percebido como a realização-fonética do 'r' que houve mais variação na fala dos informantes dessa pesquisa. A compilação desses dados através do programa Goldvarb X nos levou ao resultado da seguinte análise quantitativa representada na tabela abaixo:

Tabela 1: Distribuição geral das variantes no *corpus*

| VARIANTE | APL./TOTAL | % |
|---------------------------|------------|------|
| Fricativa velar[x] | 111/146 | 76.0 |
| tepe [r] | 35/146 | 24.0 |

Fonte: Dados da pesquisa de campo (2015)

De acordo com os resultados da tabela 1, a variante tepe [r] apresenta uma frequência de 24% e a variante fricativa velar [x] de 76%. Sabendo, então, que as pessoas oriundas do Rio Grande do Sul têm em sua fala a predominância da realização do tepe (exemplo: po[r]ta) em posição pós-vocálica, conforme várias pesquisas, dentre elas a de Monaretto (2014) e que os moradores nativos da cidade de Bom Jesus-PI têm a predominância da fricativa velar em posição pós-vocálica (exemplo: po[x]ta), podemos perceber que, mesmo a variante [r] tendo uma frequência menor, isso já representa uma interferência/alternância significativa dessas variantes. Esse percentual retrata o fato de que esta é uma região que tem uma realidade interdialetoal que de certa forma favorece esse fenômeno na língua falada por esses informantes da pesquisa.

Temos, então, nessa comunidade de fala o uso efetivo de duas variantes fonéticas do /R/, caracterizando um cenário propício para uma futura mudança linguística. Podemos confirmar tal fato levando em consideração que “as mudanças sonoras geralmente se originaram num subgrupo restrito da comunidade de fala, num momento em que a identidade diferenciada desse grupo tinha sido enfraquecida por pressões internas ou externas” (LABOV, 2008[1972], p. 210).

É importante destacar então, que os dados percentuais representam manifestação de dados reais que evidenciam a ocorrência da alternância entre as realizações fonéticas [r] e [x], tanto na fala dos bonjesuenses como na dos gaúchos, conforme podemos verificar nos trechos transcritos a seguir. Primeiramente temos o exemplo de uma fala produzida por uma informante gaúcha e em seguida por uma

bonjesuense. É necessário observar que em todos os exemplos transcritos que serão apresentados nesse capítulo, a sigla utilizada para informante gaúcho será **IG** e para o informante bonjesuense será **IB**.

Exemplo 5:

Grau de escolaridade: Curso superior

Sexo: feminino

Idade: 31 anos

Naturalidade: gaúcha

Entrevistadora- Nesse contato também com ele ali mais tempo.. você teve dificuldades?

IG- Hum .. eh no começo foi.. foi mais difícil sim questão de **entende[x]** assim algumas palavras é como também ele fala enrolado eu também eu tive muita dificuldade aí eu sinto também até **ve[x]gonha** de **pe[x]gunta[x]** né mais depois quando mais intimidade com a pessoa aí você vai/ ter aquela **libe[r]dade** de **pe[x]gunta[x]** e até assim tirar um sarro assim mas na **espo[r]tiva** né (risos) mas assim mesmo né (risos).

Exemplo 6

Grau de escolaridade: Curso superior

Sexo: feminino

Idade : 36 anos

Naturalidade: bonjesuense

Entrevistadora- Como você se sentiu ao entrar em contato assim a primeira vez que tu entrou em contato com uma pessoa do Rio Grande do sul né? A primeira vez que você entrou em contato como você se sentiu.. qualquer aspecto se tu se lembrar assim alguma coisa.

IB- Olha... foi muito diferente.. na primeira vez assim o que achei mais assim.. diferente foi/ eh/ o modo de **fala[x]**...o jeito que eles falam ... i:: o modo que eles ver o outro sabe? é que eles são assim.... no caso eles eu falo é da minha sogra... do meu marido...eles são muito assim /muito receptivos as pessoas...eu achei isso muito/muito interessante.

Entrevistadora- Tu esperava que era de outra forma né?

IB- Sim, principalmente eu que sou uma pessoa de **co[r]**. sabe eu achei que ia ter um pouco assim mais, mas não só que graças a Deus...

Entrevistadora- foi bem receptivo

IB- Sim.

Observando os exemplos 5 e 6, notamos que nas palavras em negrito, o uso de tais variantes é evidente nos contextos em que os informantes estão respondendo espontaneamente a uma pergunta realizada pela pesquisadora. O que

podemos perceber é que o uso tanto do tepe quanto da fricativa velar está ocorrendo na fala desses interagentes de uma forma natural, em que não se observa um automonitoramento da fala por parte dos informantes em usar esta ou aquela forma linguística durante a entrevista da pesquisa, uma vez que o objetivo das perguntas não estava direcionado para o uso estrutural da língua e sim para uma reflexão de um determinado aspecto da realidade vivida pelo informante.

As realizações fonéticas variantes do /R/ utilizadas pelos informantes mostram uma tendência ao uso de elementos fonéticos variáveis na fala de pessoas de regiões diferentes que convivem em uma mesma comunidade de fala, estabelecendo contatos próprios da realidade onde moram. Tal uso mostra que “a influência direta de um falante sobre o outro no processo de comunicação se opõe claramente ao aparente autointeresse do receptor.” (WEINREICH, LABOV, HERZOG, 2006[1968], p. 93).

É, portanto, na dinamicidade da língua que ocorrem interferências/alternâncias em comunidades de fala, considerando que seus interagentes são influenciados por diversos fatores. Para a nossa pesquisa, conforme já foi informado anteriormente, elencamos as variáveis extralinguísticas de sexo, faixa etária, nível de escolaridade e naturalidade com o objetivo de caracterizar a variante linguística estudada em um contexto interdialetoal, partindo do pressuposto de que as variáveis agem de forma interligada dentro de um grupo de fala. Sobre isso Mollica (2013, p. 27) diz que “as variáveis, tanto linguísticas quanto não linguísticas, não agem isoladamente, mas agem num conjunto complexo de correlações que inibem ou favorecem o emprego de formas variantes semanticamente equivalentes”.

Ao cruzarmos os dados sociais estatisticamente pelo programa GoldvarbX, a variedade naturalidade foi eleita como aquela que teve maior significância na análise, ou seja, foi aquela que mais apresentou aspectos que influenciam o fenômeno da variação estudada. Isso comprova que, dentre as variáveis sociais pesquisadas, a naturalidade é a que exerce maior influência na variante linguística em questão. Esse resultado era esperado, levando em consideração a hipótese inicial desse trabalho, considerando o fato de que em regiões de contatos interdialetoais pode haver a interferência /alternância de elementos linguísticos na fala dos interagentes que mantêm contatos entre si. Dessa forma optamos também por

acrescentar a essa variável o peso relativo, resultante de uma análise multivariada, ou seja, “procura produzir um cálculo de efeitos que sempre controla simultaneamente todos os contextos e variáveis independentes.” (GUY; ZILLES, 2007, p. 106). Vejamos então a tabela 2 esboçada a seguir:

Tabela 2: Peso relativo/naturalidade

| NATURALIDADE | FRICATIVA VELAR [X] | | | TEPE[r] | | |
|--------------------|---------------------|------|------|-----------|------|------|
| | Apl/Total | % | P/R | Apl/Total | % | P/R |
| Bonjesuense | 53/111 | 88.3 | 0.69 | 7/35 | 11.7 | 0.32 |
| Gaúcha | 58/111 | 67.4 | 0.37 | 28/35 | 32.6 | 0.63 |

(Apl.= aplicação P/R= peso relativo)

Fonte: Dados da pesquisa de campo (2015)

Com relação ao PR (peso relativo), os resultados são interpretados da seguinte maneira: numa análise de duas variantes, se o valor atribuído a um fator em relação ao uso de uma variante é igual a 0.50, esse fator é neutro, nem favorece, nem desfavorece a ocorrência dessa variante; se o valor atribuído a um fator for maior que 0.50, significa que esse valor favorece a ocorrência dessa variante; se o valor atribuído a um fator em relação ao uso da variante é menor que 0.50, significa que esse valor desfavorece essa variante.

Dessa forma, na tabela 2, vemos que os bonjesuenses obtiveram um valor de 0.69 para a fricativa velar, ao passo que para os gaúchos, o valor foi de 0,37. Já com relação ao tepe, os gaúchos obtiveram o valor foi de 0.63 no peso relativo e os bonjesuenses de 0.32. Tal dado mostra claramente que os pesos relativos se assemelham com os resultados percentuais, no sentido de que vão na mesma direção de uso das variantes estudadas.

Um aspecto que queremos chamar atenção é com relação ao valor do peso relativo da fricativa velar na fala dos gaúchos (0.37) e o uso do tepe na fala dos bonjesuenses (0.32). Embora esse resultado apresente um peso relativo abaixo do valor 0.50, ele mostra, nessa realidade pesquisada, um resultado significativo, pois, ele indica que estão sendo usadas essas variantes na fala desses interagentes, mostrando uma maior tendência dos gaúchos de usar a realização fonética do ‘r’ como fricativa velar do que dos bonjesuenses de realizar o som do ‘r’ como tepe. Isso nos dá indícios de que os migrantes estejam mais tendenciosos à realização fonética dos bonjesuenses, do que estes à dos gaúchos. Como podemos observar a

eficácia do programa consiste em apresentar percentuais que demonstram a tendência do uso dessas variáveis por meio do Peso Relativo (PR).

Com o propósito de retratar quantitativamente o objeto de estudo pesquisado, apontamos dados estatísticos considerados relevantes para o desenvolvimento desse trabalho. Retomando, então, o fato de que qualquer forma variante da língua está inserida dentro de um contexto interacional, esse trabalho tem como objetivo fazer uma análise qualitativa dos dados, descrevendo a interferência/alternância entre o tepe e a fricativa velar na interação linguística. E é sob esse ponto de vista que levantaremos aspectos importantes na análise apresentada no tópico a seguir.

4.1 A interferência/alternância entre o tepe e a fricativa velar na interação linguística

De um modo geral, as pessoas já conhecem o gaúcho pela presença do tepe em sua fala e isso se torna um elemento identificador desses falantes. Conforme já mencionamos anteriormente na seção de caracterização dos sujeitos na comunidade de fala pesquisada, temos informantes que representam casais em que o esposo é gaúcho e a esposa é bonjesuense, como também o contrário e ainda aqueles em que os dois são gaúchos. Há também pessoas tanto gaúchas quanto bonjesuenses que mantêm contato por trabalharem juntas há muito tempo.

Nossa intenção, portanto, nessa seção é dar continuidade ao trabalho de análise para que seja possível compreender, com mais precisão, os aspectos linguísticos apresentados quantitativamente na introdução desse capítulo, procurando também analisar tais dados numa perspectiva interacional focada na interferência/alternância entre o tepe e a fricativa velar na fala produzida durante a interação com o entrevistador e, partir das amostras selecionadas podemos comprovar que os informantes realizaram tais variantes em sua fala.

Sobre essa questão da interferência, é importante que tenhamos atenção para o que é explicado por Calvet (2002, p. 38) ao abordar as línguas em contato, quando ele diz: “podemos distinguir três tipos de interferências: as interferências fônicas, as interferências sintáticas e as interferências lexicais”.

. Na sequência, apresentaremos primeiramente a transcrição de trechos de 6 entrevistas aplicadas na interação com os referidos falantes, nos quais podemos visualizar o contexto em que ocorrem tais variantes. Em seguida, serão apresentados também trechos de falas coletadas durante a interação cotidiana desses falantes.

4.1.1 Interação durante as entrevistas

Para facilitar a análise da interação durante a entrevista, os trechos selecionados foram distribuídos em três blocos, os quais são denominados de **bloco A** (apresenta 2 exemplos correspondentes à fala de representantes de casal misto (bonjesuense com gaúcho ou vice-versa), **bloco B** (apresenta 2 exemplos de trechos da fala somente de casal gaúcho) e **bloco C** (apresenta 2 exemplos da fala de informantes gaúchos e bonjesuenses que trabalham juntos). Observemos, então, a seguir a análise dos exemplos 7 e 8 pertencentes ao bloco **A**.

Exemplo 7:

Grau de escolaridade: Ensino Superior

Sexo: masculino

Idade: 60 anos anos

Naturalidade: gaúcho

Observação- casado com uma bonjesuense

IG- não que eu me lembre não pode ser até que alguém falou mas eu não me lembro se assim “oi tu já tá falando **no[r]destino**” alguma coisa .. não me lembro pode ser até que já falaram mas eu não me lembro pra te **dize[x]**

Entrevistadora- porque as vezes/ as vezes é o outro que escuta a gente as vezes não percebe o outro percebe porque ele está inserido

IG- é isso e a gente por está muito tempo vivendo aqui já gente com **ce[r]teza** devo falar algumas coisas alguma palavra e eu nem me dou conta que de repente eu vou/ eu vou lá pro sul e acabo falando essa palavra lá.

Entrevistadora- Uhum..certo

Fonte: Dados da pesquisa de campo (2015)

Ao analisarmos o exemplo 7, podemos perceber que nesse trecho de fala o informante gaúcho apresenta maior recorrência da fricativa velar, mesmo ele afirmando que não consegue perceber alguma possível variação em sua fala e que somente o outro pode perceber essa diferença, ele utiliza em sua pronúncia ora a sua variante de origem, ora a variante característica da região onde mora. Vemos, portanto, que esse fenômeno não é percebido por ele. Essa é uma característica

que se assemelha ao que comenta Zágari (2009, p. 91) quando ele diz que “Cumprir em conta que, quando há duas articulações de diferenciação mínima, articulações, cuja distinção não tenha nenhuma utilidade verdadeira, em determinado momento, os falantes não tomarão consciência de manter tal distinção”.

Esse falante, portanto, apresenta neste trecho elementos linguísticos que evidenciam uma interferência/alternância entre o tepe e a fricativa velar durante a resposta dada à entrevistadora, que direcionou a conversa para um tema focado nas mudanças da língua, o que de certa forma monitorou o desenvolvimento da entrevista.

Tais usos remetem ao fato de que o falante ao ser interpelado pela entrevistadora sobre a questão de que as outras pessoas podem perceber a diferença em nossa fala mais do que a gente mesmo, ele confirma utilizando a palavra “*certeza*” duas vezes. Na primeira vez ele usa a fricativa velar que não é típica da região onde mora e na segunda ele usa o tepe, utilizando com isso a variante de seu dialeto de origem. Tal processo de alternância revela que nesse contexto, quando percebeu que não usou a forma linguística de sua terra natal, procurou rapidamente alternar para o tepe que é forma típica de sua fala, nos dando com isso, indícios de que esse falante quer manter a sua identidade como falante gaúcho. Para corroborar com tal afirmação, vejamos o que nos dizem Bloom; Gumperz (1998, p. 33):

A fala do indivíduo é considerada como parte integral de sua história familiar, um sinal de sua identidade local. Ao identificar-se como falante do dialeto tanto em casa como fora da comunidade, o indivíduo comunica orgulho de sua comunidade e da contribuição especial de sua comunidade à sociedade como um todo.

Vale ressaltar, que em outro trecho dessa entrevista não transcrito aqui, esse é um aspecto que é demonstrado na fala desse informante, desde o início ele procurava sempre afirmar que a sua forma de falar faz parte de uma história de migrantes italianos que chegaram ao Rio Grande do Sul e que, por isso, ele teria uma fala bem diferenciada. Continuando com as análises do corpus deste trabalho, vejamos o exemplo 8 esboçado a seguir:

Exemplo 8:

Grau de escolaridade: Ensino Superior

Sexo: feminino

Idade: 44 anos

Naturalidade: bonjesuense

Observação- casada com um gaúcho

Entrevistador- Você se lembra de uma coisa, alguma palavra do uso diário dos gaúchos

Inf.-Nunca **pe[x]cebi** não...nunca **pe[r]cebi**

(...)

Inf. Mas é assim eu/ quando eu vejo que quando tá no meio de algumas... eu sei que quer.... sabe? puxar.. eu não.. eu naturalmente eu **conve[r]so** com qualquer pessoa... naturalmente porque essa/ a linguagem que aprendi foi essa então ou aqui ou lá é do mesmo jeito(...) deixa eu **pe[r]guntar...**

Fonte: Dados da pesquisa de campo (2015)

Já no exemplo 8, que mostra um trecho da fala produzida por uma informante bonjesuense que é casada com um gaúcho, observamos que em sua fala ocorre uma variação com relação à realização fonética do 'r' nas palavras, como por exemplo na pronúncia da palavra "percebi". Na primeira vez ela usa a fricativa velar [x] e na segunda já usa o tepe [r].

Tal fato ocorreu inconscientemente, pois ao ser interrogada se ela própria percebia que sua fala mudou com a convivência com os gaúchos, ela responde categoricamente que não, mas admite que mudou a fala de outras pessoas da comunidade que também convivem diariamente com os referidos migrantes.

No trecho seguinte da fala dessa mesma informante, vimos também que nas duas palavras destacadas, há a presença da variante tepe. Nesse caso, podemos verificar como significativo o fato de que a falante está comentando como certas pessoas de Bom Jesus, segundo seu conhecimento, tendem a querer imitar a fala gaúcha quando estão em contato direto só com eles.

Isso mostra que ao direcionar sua conversa para os gaúchos, nesse momento, ela procura usar uma variante linguística próxima da fala deles (gaúchos) como uma forma de se aproximar do falar naquele contato. Dessa forma, quando realiza essa alternância, é possível que ela esteja mudando o estilo de sua fala, conforme vemos em Weinreich, Labov, Herzog (2006 [1968]., p. 99) quando afirmam que "[...] a escolha entre alternativas linguísticas acarreta funções sociais e estilísticas, um sistema que muda acompanhando as mudanças na estrutura social".

Nestes exemplos observamos que, tanto na fala da bonjesuense, quanto na dos gaúchos, foi visível a alternância/interferência entre o tepe e a fricativa velar, demonstrando assim que tal contato interdialeto está ocasionando a realização desse fenômeno nessa comunidade de fala.

Conforme foi mencionado anteriormente, temos os trechos das situações de interação das entrevistas de informantes, os quais pertencem ao bloco **B** que analisaremos a seguir nos exemplos 9 e 10:

Exemplo 9:

Grau de escolaridade: Ensino Fundamental

Sexo: masculino

Idade: 60 anos

Naturalidade: gaúcha

Observação- casado com gaúcha

Entrevistadora- Você é capaz de conhecer a fala de outra pessoa / aliás de saber de onde é que outra pessoa só ouvindo a fala dela?... pelo sotaque?

IG-O sotaque?

Entrevistadora-uhum

INF- Daqui de Bom Jesus não conheço.

Entrevistadora- Não né

IG - Daqui não.. daqui pra mim tudo é mesm/ falam do mesmo jeito.

Entrevistadora- É né?

ESPOSA- nãmas a gente ver a diferença da fala

IG - Nã ..mas eu não/ moro.. não sim eu: só.. eu o goiano, o paulista isso aí eu defino... só de/ eu vê ele **fala[x]** mas aqui em Bom Jesus eu já tou tão acostumado que pra eu parece que fala tudo a mesma coisa de mim.

Entrevistadora- Ah.. interessante... No início o senhor via?

IG - No início.. no início tinha/ tinha aquele sotaque né... oxente... ou/ou né... ou sei não... hoje eles té nem diz mais tudo isso.

Fonte: Dados da pesquisa de campo (2015)

Nesse exemplo, temos o informante gaúcho que usa em sua fala palavras com a realização fonético/fonológica estudada. Citamos, então, como exemplo a palavra **fala[x]** que está em negrito. No trecho em que ele usa tal variante linguística afirma que já está acostumado com a fala na cidade de Bom Jesus. Essa identificação com o falar bonjesuense é confirmada quando ele realiza foneticamente o 'r' como fricativa velar e não como tepe, pelo fato de ser gaúcho, que é a forma variante predominante na sua região de origem. Com isso, fica demonstrado que a fala desse gaúcho já sofre a interferência da variante

fonético/fonológica típica da região atual em que ele mora, no caso, a cidade de Bom Jesus-PI.

Vale ressaltar que, mesmo sendo esta uma interação planejada pelo pesquisador, as respostas dadas apresentaram-se de forma espontânea, o que evidenciou de forma natural a ocorrência do fenômeno pesquisado. Tal fato é apontado por Bloom; Gumperz (1998, p. 52) quando comentam que as alternâncias de formas linguísticas “operam abaixo do nível de consciência e podem ser independentes das intenções declaradas pelo falante”.

Nesse mesmo bloco, vejamos a seguir o exemplo 10 que traz um trecho de fala de uma informante gaúcha casada com um gaúcho.

Exemplo 10:

Grau de escolaridade: Ensino Fundamental

Sexo: feminino

Idade: 54 anos

Naturalidade: gaúcha

Observação- casada com gaúcho

Entrevistadora- Com a convivência com os bonjesuenses você acha que mudou assim seu jeito de falar? alguma palavra, por exemplo ?

IG- Sim, às vezes **pe[r]gunta** lá do sul já não lembro.. da/da maneiras que que fala lá já como é que eu falo com a maneira daqui já eu não sei mais **distingui[x]** eu já esqueci muitas coisas de lá já falo mais coisas daqui mesmo... já esqueci muitas/ assim o sotaque de lá né... que a gente falava muito muito.. agora já não/ já não lembro.

Fonte: Dados da pesquisa de campo (2015)

Nesse exemplo, podemos perceber que o uso das variantes estudadas foi produzido na interação durante a entrevista, de forma espontânea. Por outro lado, a informante dá indícios de que tem consciência da existência de elementos linguísticos do dialeto local que ela já usa em sua fala cotidiana. Isso mostra que “[...] essa alternância implica uma estrita co-ocorrência entre os elementos e regras linguísticas concernidos” (WEINREICH, LABOV, HERZOG, 2006, [1968] , p. 104).

Veremos a seguir mais dois exemplos de trechos de entrevistas, nos quais ocorre a realização da alternância/interferência fonética estudadas nessa pesquisa. O grupo agora, conforme foi informado anteriormente é o bloco **C**, que compõe trechos de entrevistas realizadas durante a pesquisa. Primeiramente, apresentaremos um exemplo com uma informante gaúcha que é dona de um

estabelecimento comercial no qual mantém contato permanente com funcionários bonjesuenses. Em seguida será analisado um trecho da entrevista realizada com uma informante bonjesuense que estabelece contato com gaúchos através da convivência no local de trabalho.

Exemplo 11:

Grau de escolaridade: Ensino Médio

Sexo: feminino

Idade: 54 anos

Naturalidade: gaúcha

Observação- tem contato comercial com bonjesuense

Entrevistadora- assim, a senhora a é capaz de saber, por exemplo... pelo jeito da pessoa falar se ela entra em contato/ de onde é que ela é?.. só ouvindo o que a pessoa fala ?

IG- Com **ce[r]teza**... com **ce[r]teza**(risos) porque o sotaque muda muito

Entrevistadora- Aqui tem algumas palavras que a senhora ouviu assim no início que não sabia o significado das palavras? lembra de alguma?

IG- O significado não, mas assim é muita coisa..por exemplo aqui chama de mãínha, lá é mãizinha.. lá a gente fala beijo aqui é cheiro é:: menina é guria aqui é **mulhe/x/** tudo aqui é... ô **mulhe[x]zinha**.. então são coisas assim que eu fico assim até hoje eu sinto isso porque pra nós **mulhe[x]** é uma **mulhe[x]** adulta já casada com coi/ aí não aqui todo ah **mulhe[x]zinha** isso **mulhe[x]zinha** e eu, Meu Deus !.. isso ainda me .. são palavras simples do todo dia-a-dia.. O oxente que é uma coisa muito daqui. Agora vou me lembrando ... são muitas palavras né que são assim bem...

Fonte: Dados da pesquisa de campo (2015)

No trecho acima da entrevista selecionada como exemplo desse bloco, foram destacadas em negrito as palavras em que ocorreu ou o uso do tepe ou o da fricativa velar. Na primeira resposta da informante, ela usa a variante gaúcha que é marca da sua região de origem. Já na segunda resposta, ao ser interrogada pela entrevistadora sobre o uso das palavras ser diferente de uma região para outra, ela comenta, dentre outros exemplos, o uso da palavra “mulher” ser diferente de *guria*. No momento em que faz tal comentário, enfatiza várias vezes a pronúncia do termo “mulher,” usando a realização fonética da fricativa velar, que é típica da região de Bom Jesus, local onde mora há mais de 15 anos.

Temos assim, um caso de interferência /alternância entre o tepe e a fricativa velar em que a migrante gaúcha, num primeiro momento, mantém sua variante de origem, mas, quando cita uma informação que direciona para aspectos da linguagem

bonjesuense, monitora a realização fonética do 'r' se aproximando da forma sonora típica da realidade fonética/fonológica local.

A ocorrência desse fenômeno nesse exemplo supracitado é sinalizada como uma possibilidade que o falante tem de utilizar-se da alternância do código para marcar o uso efetivo de uma forma de falar que é diferente da sua e lhe causa estranheza ouvi-la, por ser essa representativa de uma comunidade de fala que tem aspectos socioculturais diferentes.

Essa realidade comprova o fato de que o contato interdialeto é marcado por um ato conversacional que está inserido dentro de um contexto interacional. Bortone (2007, p. 125) nos esclarece que “todo ato conversacional materializa a ideologia que lhe é subjacente: como as representações ideológicas estão relacionadas às classes sociais, o discurso do sujeito revela seu status e sua visão de mundo”.

No exemplo 12 esboçado a seguir, podemos também visualizar o fenômeno linguístico da Interferência/alternância estudado nesse trabalho. Agora realizado na fala de uma informante que trabalha em um estabelecimento comercial, cuja dona tem naturalidade gaúcha e, conforme foi declarado pela própria informante, os clientes dessa loja são na maioria migrantes de naturalidade gaúcha.

Exemplo 12:

Grau de escolaridade: Ensino Médio

Sexo: feminino

Idade : 33 anos

Naturalidade: bonjesuense

Observação- Trabalha com gaúchos

IB- Chaleira... os **fe[r]vedo[x]** eu chamo de chaleira e chaleira é aquela que parece bule que a gente chama de bule(...) o bule tanto faz da/de inox ou de **po[x]celana** vai ser sempre o bule pra eles, agora quand/eu o **fe[r]vedo[x]** é a caneca **abe[x]ta** aquela que a gente fala né..e:: a chaleira pra eles que a gente chama chaleira que é o **abe[x]to** com **pegado[x]**.. é.. justamente um que é com bico **pegado[r]** e tampa.

Fonte: Dados da pesquisa de campo (2015)

Nesse exemplo temos quatro palavras destacadas: “*fervedor*”, “*porcelana*”, “*aberta*” e “*pegador*”. Ao pronunciar tais palavras, a informante bonjesuense realiza tanto o tepe quanto a fricativa velar. Essa alternância acontece até mesmo pronunciando a mesma palavra, como é o caso da palavra “*pegador*” que teve realizações diferentes do /R/ em cada vez que foi pronunciada, conforme está simbolizado no exemplo acima.

Considerando que esse trecho da fala tem como conteúdo o esclarecimento a respeito do modo como o nome de alguns objetos da loja causam confusão no seu significado, a informante sinaliza através dessa alternância para um uso monitorado de sua fala, ou seja, a maioria das palavras pronunciadas com a realização do tepe faz parte do campo semântico do nome de objetos que são mais conhecidos pelos falantes de naturalidade gaúcha. Isso comprova que essa informante realiza a alternância dessas variantes sendo influenciada pelo conteúdo abordado durante a interação. Segundo Bloom; Gumperz (1998, p. 47): “a mudança linguística neste caso está relacionada a determinados tópicos e assuntos e não a mudanças na situação social.”

No decorrer das análises apresentadas nesse tópico, pudemos verificar que a ocorrência do fenômeno estudado nessas interações foi bastante relevante na medida em que os dados evidenciaram esses usos nas falas produzidas durante as entrevistas, em diversas situações de interação entre o entrevistador e os informantes. Apesar disso, não podemos deixar de considerar o que afirma Bloom; Gumperz (1998, p. 36) quando se referem a interações realizadas durante a entrevista: “a consciência do desempenho linguístico nas sessões de entrevistas pode muito bem ser o resultado da presença do entrevistador, não refletindo necessariamente a interação cotidiana”.

Para que então possamos continuar respondendo com mais clareza uma das questões desse trabalho que é saber como a ocorrência da interferência/alternância entre o tepe e a fricativa velar acontece na interação, é que no tópico a seguir serão analisados seis exemplos com trechos de conversas espontâneas ocorridas durante interação entre gaúchos e bonjesuenses moradores da cidade de Bom Jesus-PI.

4.1.2 Interações casuais e espontâneas

No tópico anterior apresentamos exemplos retirados das entrevistas orais de situações de interação entre o informante e o pesquisador, no caso, uma situação de fala monitorada. Para que possamos ter uma visão da forma como esse fenômeno ocorre em interações linguísticas casuais e espontâneas, decidimos analisar também as falas ocorridas em situações que retratam o uso da língua no cotidiano dos falantes pesquisados em Bom Jesus-PI.

A partir dessa perspectiva, analisaremos um trecho de fala produzida durante a interação entre um informante gaúcho pedindo ajuda a uma funcionária que também tem naturalidade gaúcha, para saber como cancelava sua conta bancária, utilizando o caixa eletrônico.

Exemplo 13:

Funcionária- sai dessa conta pra **i[x]** pra outra conta
IG- mas não consigo **agenda[x]** ..não tem nada aqui
Funcionária- mas daí é só **entra[x]** como transferência ou agendamento daí tu vai **ve[x]** (...)
IG- mas não vai **da[x]** o nome?
Funcionária- Vai **aparece[x]** ... possivelmente ou agência e a conta que você colocou (...) em cancelamento ou agendamento **vai aparece[x]** os dados (...) vamos **tenta[x]**?
IG- vamos

Fonte: Dados da pesquisa de campo (2015)

Verificamos nesse exemplo que apenas a fricativa velar foi usada na pronúncia das palavras que estão destacadas em negrito. Esse é um fato que nos chamou atenção, pois considerando que os interagentes dessa conversa têm naturalidade gaúcha, ao invés de estarem pronunciando o tepe que é a forma típica da sua região de origem, eles já estão naturalmente fazendo uso da pronúncia típica do /R/ em Bom Jesus-PI. Nesse acaso podemos perceber que está havendo um processo de interferência da fricativa velar na fala espontânea desses falantes.

A ocorrência desse fenômeno da interferência linguística é uma característica inerente à língua em situação de contato, pois conforme nos diz Borstel (2009, p. 167), “na competência sociolinguística e pragmática de línguas em contato sempre há um processo de transferência linguística de uma para outra língua, espontaneamente, pelo falante em suas interações comunicativas”.

Observemos agora, em seguida, o próximo exemplo que apresenta uma situação de interação entre uma vendedora de naturalidade bonjesuense e uma cliente de naturalidade gaúcha.

Exemplo 14:

Vendedora –duzentos e setenta e um e noventa ... com desconto 190
Cliente – A vista ou **pa[r]cela**?
Vendedora – A vista.. com **pa[r]cela/x/** só vinte e cinco **po[r]cento**... se **quise[x]**?
Cliente – cento e noventa?
Vendedora – isso

Cliente- Vou o **passa[r]** o **ca[r]tão** se não tenho que **i[r]** no banco **saca[x]**

Fonte: Dados da pesquisa de campo (2015)

Nesse exemplo, podemos ver que houve uma predominância da ocorrência do tepe sobre a fricativa velar na pronúncia das palavras destacadas em negrito, pois essa realização fonética foi usada tanto pela falante gaúcha, quanto pela bonjesuense. Chamamos atenção para a realização do /R/ na palavra “*parcela*” que foi pronunciada primeiramente pela cliente fazendo uso do tepe, o que era de se esperar, pois sua naturalidade é gaúcha. Já a vendedora que é bonjesuense fez também uso do tepe ao pronunciar a palavra “*parcelar*,” o que não era esperado, pois na sua região de origem a forma sonora desse fonema é a fricativa velar.

Podemos perceber, então, que a vendedora bonjesuense está usando a pronúncia do /R / de acordo com a forma sonora realizada pela sua cliente gaúcha como uma forma de se adequar ao falar gaúcho. Nesse caso, podemos considerar o fato de que a vendedora por ser uma funcionária de um estabelecimento, cuja dona é uma migrante do Rio Grande do Sul e também porque os clientes são na maioria gaúchos, ela pode estar procurando se adequar à linguagem deles, tentando falar de forma parecida com a dos seus interlocutores. Verificamos que, nesse caso, a falante bonjesuense quer mostrar que está inserida no grupo de falantes gaúchos que frequentam a loja em que ela trabalha, podendo assim ser considerada tanto pela sua patroa, como pelos clientes como participante da rede de relações da qual fazem parte. Esse uso pode ser caracterizado como um exemplo claro de alternância situacional, conforme podemos ver o que nos dizem Bloom; Gumperz (1998, p. 46) quando se referem a esse tipo de alternância:

A noção de alternância situacional presume uma relação direta entre a língua e a situação social. As formas linguísticas empregadas são elementos fundamentais do evento, no sentido de que qualquer violação das regras de seleção modifica a percepção do evento para os participantes.

Dessa forma, esse momento de interação evidenciou que os aspectos sociais característicos de uma relação diária de comunicação vivenciada pela informante direcionam para uma alternância no uso fonético do /R/ , ora como fricativa velar, ora

como tepe, podendo com isso “desempenhar um papel na difusão das inovações linguísticas da variação” (CALVET, 2002, p. 135).

Passaremos agora para o décimo quinto exemplo que retrata o trecho de uma interação entre uma informante de naturalidade gaúcha, que é dona de um estabelecimento comercial, e um cliente bonjesuense. É importante ressaltar que, nesse comércio, conforme foi declarado pela dona, a maioria dos clientes são bonjesuenses. Vejamos, portanto, o referido exemplo esboçado a seguir.

Exemplo 15:

IG- E aí seu Pedro?
Cliente- Tudo bom?
IG- Tá bom
Cliente- O que deseja?
Cliente- Olha o meu nome aí
IG- Tu que **soma[x]** é seu Pedro?
Cliente- pode **soma[x]** tudim pra ver quanto é que da**[x]**?
IG- noventa e sete e trinta seu Pedro
Cliente pode **risca[x]** tudinho
IG- O que vai **leva[x]** hoje?
Cliente- Tem sabão em pó?
IG- Tem sabão em pó... em barra.

Fonte: Dados da pesquisa de campo (2015)

Podemos verificar, nesse exemplo, que a falante gaúcha não faz uso em nenhum momento do tepe, realizando em todas as palavras destacadas a pronúncia da fricativa velar, conforme a forma de falar do seu cliente. Dessa forma podemos observar que neste trecho, que representa a sua fala em uma interação cotidiana, houve ocorrência da interferência da realização fonética do falar bonjesuense no falar gaúcho. Com relação à falante gaúcha, convém destacar que, além de ter maior contato diário com clientes bonjesuenses, ela mora em Bom Jesus há 15 anos e é casada há mais de 10 anos com um falante nativo de Bom Jesus-PI.

Verificamos assim que ela utiliza naturalmente a variante sonora típica dos seus interagentes, dando indícios de que procura através da pronúncia da fricativa velar adaptar-se ao falar de Bom Jesus-PI, o que é propício, pois conforme já mencionamos anteriormente, faz bastante tempo que essa falante mantém contato diário com pessoas de naturalidade bonjesuense. Tal convivência, provavelmente está possibilitando a ocorrência desse fenômeno em sua fala e ocasionando com isso um processo de interferência/alternância linguística característico de um contato

interdialetal., sem que a falante perceba que está usando. Nesse sentido, Labov(2008[1968], p.371) diz que “O fato da diversidade não ser automaticamente vinculada ao isolamento sugere que ela pode também estar vinculada a processo normais de comunicação face a face,”

No exemplo 16, esboçado a seguir será explanado um trecho da interação casual de uma informante bonjesuense casada com um gaúcho e uma amiga que também é bonjesuense. Tal conversa ocorreu durante uma visita dessa amiga à sua residência, onde a informante mostrava para ela que cômodos da casa estavam em processo de construção.

Exemplo 16:

Amiga-e ali é o banheiro?

IB-É o banheiro .. ali vai ser nosso **qua[x]to** e vai **abri[x]** aqui... só a **po[x]ta** né pra **entra[x]** pra cá.

Amiga- Aqui um tem **qua[x]to** tem?

IB-Tem aqui é o banheiro e lá é o **qua[x]to** de hóspede.

Amiga- Tá ótimo... quando **acrescenta[x]** é porque é aos poucos mesmo

IB- nem tivemos tempo de **te[r]minar**.. o *Maurício* sempre no mundo... e eu não me atrevo ... **me[x]mã**.. sozinha ?

Fonte: Dados da pesquisa de campo (2015)

Como se pode verificar na pronúncia das palavras em negrito, houve o uso do tepe e da fricativa velar. O uso predominante da fricativa velar foi visível na fala das interagentes nessa conversa, o que era previsível, pois ambas têm naturalidade bonjesuense. Porém, na fala de IB ocorreu também o uso do tepe durante a pronúncia da palavra “*terminar*.” Tal realização fonética mostra que na fala dela está ocorrendo a alternância entre as duas variantes da língua analisadas nessa pesquisa. Essa é uma demonstração de que essa informante está naturalmente realizando a variante gaúcha em sua fala. Esse uso pode estar sendo condicionado pelo fato de que ela mantém contato direto com falantes gaúchos, pois é casada com um migrante e mora ao lado da família do seu esposo, convivendo diariamente com hábitos e costumes do Rio Grande do Sul. Tal pronúncia nos remete à questão de que as variantes podem “pertencer a dois sistemas diferentes, e que a alternância é um exemplo de “mistura dialetal” ou “alternância de código” [*code-switching*].” (LABOV, 2008[1972], p. 221).

Veremos em seguida o exemplo 5 que esboça uma conversa espontânea entre um casal de gaúchos e a pesquisadora. É importante ressaltar que esses informantes migrantes estão morando em Bom Jesus há mais de 15 anos, estabelecendo contato permanente com o povo bonjesuense. Ele trabalha com plantação na serra e ela é dona de um salão de beleza, o que aumenta mais ainda esse contato diário. Observemos, então, abaixo o trecho dessa interação.

Exemplo 17:

Esposo- então era tão difícil pra gente **i[x]** pra lá e **deixa[x]** porque a gente eu até hoje/as **mue[x]** reclamam e a gente até não se deu por conta ela nós ia lá era para **trabaia[x]**... ela ficavam aqui abandonada praticamente
Pesquisadora- passavam era mês lá
Esposo- sim.. ficavam aqui
Mulher- criava os filho sozinha.. eles só vim(...)
Esposo -. Vinha uma semana chegava sexta o sábado segunda de volta ... nós tinha que **trabaia[x]**...nós era pobre...ninguém nasceu em **be[r]ço** de ouro.. nós

Fonte: Dados da pesquisa de campo (2015)

Verificando assim as palavras destacadas na interação exemplificada no exemplo 17, pudemos perceber que houve uma visível predominância da fricativa velar, ao passo que a o uso do tepe foi realizado somente na pronúncia da palavra “berço”. A ocorrência da interferência/alternância nesse exemplo nos dá indícios de que o informante já está sociabilizado nessa comunidade, pois ele marca através de sua fala a influência dos falantes nativos da cidade de Bom Jesus-PI. Tal uso não estava previsto, pois sendo o interagente oriundo do Rio Grande do Sul, era previsível uma ocorrência maior do tepe. Nesse caso, podemos inferir que o falante gaúcho está naturalmente usando a variante de contato alternando com a sua variante de origem, direcionando assim para uma possível co-existência das variantes fonéticas na sua forma de falar. Este é um fator apresentado por Weinreich, Labov, Herzog (2006[1968], p. 103) quando é comentado a respeito da variabilidade dentro do sistema: “o caráter do sistema linguístico discutidos até agora é produto de combinações, alternâncias ou mosaicos de subsistemas distintos, conjuntamente disponíveis”.

Nota-se, então aí, um processo de mistura entre a forma de falar de regiões diferentes, ocasionada pelo processo migratório que se caracteriza por um “esforço de acomodação que é certamente responsável pelas mudanças que se operam no repertório do migrante, promovendo a difusão do seu dialeto de origem” (BORTONI-

RICARDO, 2005, p. 98) e, nesse caso, promovendo a internalização do dialeto com o qual ele está em contato.

E, para finalizar as análises desse tópico que aborda as conversas espontâneas, apresentaremos a seguir no exemplo 18 um trecho da fala produzida durante a interação entre uma família, cujos participantes são: a mãe gaúcha, o filho gaúcho e a esposa bonjesuense, que estão conversando a respeito de uma situação casual do dia a dia. Vejamos.

Exemplo 18:

Mãe (IG)- mas era com osso(...) aquilo lá não é costela nada..meu fi..vai lá e tira pra tu **ve[x]**
Filho(IG)-oih
Mãe (IG)- - aquilo lá não era churrasco não... eu conheço
Filho(IG)-- hum... foi eu que **gua[r]dei** aquela **ca[r]ne**
Mãe (IG)- - foi tu? ...não mas nós misturemos outros ali.. eu dei uma pra P.. mandei ela **i[x] gua[r]dando** os dela
Nora[IB]- Não... as de churrasco tá lá mais embaixo porque eu limpei a geladeira que faltou **ene[r]gia** esses dias .. e aí eu tive que **coloca[x]**.

Fonte: Dados da pesquisa de campo (2015)

Nesta interação, ocorreu a predominância do tepe, embora tanto na fala da informante gaúcha, quanto na da bonjesuense tenha ocorrido também o uso da fricativa velar. Essa maior frequência dessa variante era prevista nesse diálogo, pois temos nessa interação dois informantes gaúchos e apenas um bonjesuense. Porém, é importante chamarmos a atenção para o fato de que na fala de IB, ocorreu a realização do tepe e na fala da mãe (IG), ocorreu o uso da fricativa velar. Tais usos foram diferentes da região de origem de cada uma das referidas informantes, demonstrando assim um processo de interferência/alternância entre as referidas variantes. Temos ainda, neste exemplo, outro fator a ser explicado que é o fato de que a aproximação familiar entre os interagentes pode estar direcionando esse uso, pois tanto a informante gaúcha, quanto a bonjesuense estão transitando entre falares oriundos de regiões diferentes, convivendo em um mesmo ambiente de comunicação. Sendo assim, cada informante, mesmo que inconscientemente, procura se acomodar ao dialeto em contato para que possa ser visto como participante dessa forma de falar diferente da sua e ser reconhecido socialmente

como falante desse grupo. Conforme assinalou Weinreich, Labov, Herzog (2006[1972], p. 99) “a escolha entre alternativas linguísticas acarreta funções sociais estilísticas e pode mudar acompanhando as mudanças na estrutura social”.

As análises apresentadas desse tópico demonstram através de vários contextos interacionais a ocorrência da interferência/alternância entre o tepe e a fricativa velar na fala dos informantes tanto durante as entrevistas, quanto nas situações cotidianas de fala espontânea. A partir dos exemplos aqui esboçados, verificamos que em alguns casos a recorrência desse fenômeno é influenciada ou pelo aspecto situacional, e em outros pelo assunto abordado na conversa. Há também aqueles em que esse fenômeno se apresenta de forma natural, sem uma conscientização visível desse falante.

Para completar esse resultado e para uma melhor caracterização do objeto de pesquisa analisado, abordaremos no tópico a seguir o que pensam os referidos interagentes a respeito das mudanças em suas falas a partir da convivência com falantes de culturas diferentes.

4.2 Percepção dos falantes a respeito das diferenças linguísticas

Desde o início desse estudo, estamos sempre mostrando que há muitos fatores que condicionam o surgimento de variantes linguísticas, pois nenhum sistema linguístico surge num espaço abstrato. Ele se desenvolve na materialidade do contato estabelecido entre indivíduos que convivem em uma mesma realidade de fala. Um fato que pode exemplificar tal contato é o processo migratório que faz com que pessoas de regiões diferentes tenham a possibilidade de se instalarem definitivamente em um novo local e, conseqüentemente, se inserirem na rede de relações dessa comunidade. Quando isso acontece, os membros que fazem parte dessa realidade iniciam um processo de adaptação linguística, ou seja, procuram ser entendidos pelos seus interlocutores, até porque necessitam interagir em diversos contextos.

Dessa forma é possível considerar o fato de que os falantes possam, a partir de tal relação, começar a refletir sobre algumas diferenças linguísticas que passaram a perceber tanto na sua própria fala, quanto na de seu interlocutor. “É

preciso ter em mente que a língua como fenômeno social está intimamente ligada à estrutura social e ao sistema de valores da sociedade” (MELO, 2010, p. 43). E essa visão pode fazer parte da consciência linguística do falante, fazendo com que ele reconheça na sua própria fala e/ou na fala do outro, diferenças na forma de falar e com isso estabelecer um juízo de valor a esse respeito.

Em decorrência da comunidade de fala pesquisada ser de natureza interdialeto, procuramos também nesse trabalho fazer uma investigação a respeito da percepção dos referidos interagentes sobre as mudanças em suas falas a partir da convivência com falantes de regiões diferentes. Tal direcionamento da pesquisa ora realizada nos deu uma interpretação ainda mais ampla sobre o objeto de estudo investigado no sentido de poder saber se a percepção linguística desses informantes incide nos aspectos fônicos ou não.

Para mostrar tais reflexões, vejamos a seguir 5 fragmentos retirados das entrevistas, os quais correspondem a comentários realizados pelos informantes da pesquisa. Os exemplos 19, 20 e 21 correspondem às reflexões sobre elementos lexicais e /ou sintáticos que, embora não seja o foco de análise dessa pesquisa, constituem um exemplo de que os falantes, inseridos nessa realidade interdialeto, conseguem perceber os elementos estruturais da língua em um ambiente de fala natural produzido por eles. Os exemplos 22 e 23 apresentam reflexões sobre diferenças fônicas

Exemplo 19:

Grau de escolaridade: Ensino Superior

Sexo: feminino

Idade: 31 anos

Naturalidade: gaúcha

Observação- casada com bonjesuense

Entrevistadora- Com a convivência com os bonjesuenses você acha que teu jeito de falar mudou?

IG-Mudou... assim eu assim como o *Pedro* já/ meu esposo já falou.. ele falou quando eu tou assim com/com só com os gaúchos né com meu pai e com outros gaúchos ele disse que eu já puxo já o/ já puxo a língua já né.. pra gaú/só pra fala[x] gaúcho mas aí quando eu já tou já assim... já com ele disse que eu já mudo... já o meu/ a minha fo[x]ma de fala[x] eu já/ então já mudei assim... já algumas palavras eu já falo.. o daqui já.. eu já notei já e você vai pe[x]dendo o sotaque... como eu vim muito nova pra cá... com dezesseis anos.. você também tem muita convivência com o povo daqui né... vai/você vai na escola e quem é come[x]ciante também trabalha muito com né/com o público né então você vai/vai pe[x]dendo devaga[x]zinho aquele sotaque ... não pe[r]de totalmente, mas pe[x]de um

pouco.

Entrevistadora_ Você lembra de alguma palavra assim que tu diz hoje e se assusta achando ...oh essa aqui é uma linguagem que é daqui do Piauí?

IG- No caso .. assim.. eh... o “tem não’ né.. ‘tem não’..que a gente lá no sul não tem esse fala[x] “tem não”.. eh.. “bemqui”... “bemqui” ...”acolá”... já não fala né.. então outra palavra que eu não ..não tou lembrando aqui ...mas são as únicas palavras assim que lá ...não não tem ... “acolá ..nós fala é “acolá né.... “acolá ...lá não tem.. é lá.. e aqui é o “acolá”.

Fonte: Dados da pesquisa de campo (2015)

Exemplo 20:

Grau de escolaridade: Ensino Médio

Sexo: masculino

Idade: 33 anos

Naturalidade: bonjesuense

Observação- trabalha com gaúchos

Entrevistadora- Assim com a convivência com os gaúchos.. você acha que mudou seus hábitos de fala?

IG- Oh ... acho que mudou... algumas palavras muda por convívio da gente né.. e outras .. e outras assim... por a gente convive[x] MUITO... com gaúcho que lá no comé[x]cio onde eu trabalho a maioria dos clientes são gaúcho. Aí por esse motivo a gente/tem muitas palavras que a gente já fala pra entende[x] melhor também até a fo[x] ma deles fala[x]... porque tem/tem palavras que eles .. que eles citam que a gente já conhece né e: por exemplo eles chegam que nem tem vários os que chegam pra pega[x] tipo assim uma/uma.. uma batatinha pra nós é batatinha pra ele lá eles chamam *catofó*.

Fonte: Dados da pesquisa de campo (2015)

Podemos perceber que no exemplo 19 a falante deixa claro que tem consciência de que a sua forma de falar já está influenciada pelos falantes nativos, mas também acrescenta que não foi algo que mudou totalmente, mas já foi o suficiente para ela própria perceber essa mudança e cita como exemplo as palavras “*bem qui*,” “*acolá*” e a expressão “*tem não*”. O mesmo aconteceu no exemplo 20, quando o informante afirma que acha que mudou pela necessidade de se fazer entender pelos gaúchos em um supermercado em que trabalha e, em seguida, dá como exemplo a palavra “*catofó*” que corresponde à palavra batatinha, como costuma ser chamada em Bom Jesus-PI.

Nota-se que há nesses fragmentos da entrevista a consciência dos dois informantes sobre as diferenças de elementos linguísticos de caráter lexical e sintática que, segundo eles, acabaram sendo usados naturalmente. Esse é um aspecto comentando por Bortoni-Ricardo (2014,p.61) quando diz que “A mudança linguística pode dar-se em qualquer nível, na fonologia, na morfossintaxe, no léxico, etc. É justamente no léxico que ela se torna mais perceptível pelo usuário”.

Tais reflexões apontadas por esses falantes nos mostram que eles fazem parte de uma comunidade de fala que se caracteriza por uma mistura de dialetos. Sobre esse processo de intersecção entre dois dialetos, Aragão (1990, p. 124) afirma que “cada língua, ou sistema linguístico, é constituído de subsistemas que apresentam pontos de intersecção e de disjunção. Esses subsistemas são os dialetos”.

Essa percepção também é revelada na fala do informante gaúcho entrevistado quando demonstra a percepção de que sua fala já não está igual à da sua região de origem, ou seja, mudou seus hábitos linguísticos a partir de vários aspectos e, conforme ele mesmo diz não se reconhece mais como falante da sua cidade de origem no Rio Grande do Sul. Veja a seguir um trecho do diálogo que ocorreu na entrevista realizada com um falante gaúcho de 55 anos (pai), no momento em que ocorreu a interferência da fala de seu filho de 31 anos que também é gaúcho, o qual constituiu família com uma bonjesuense. Ambos moram na cidade há 13 anos.

Exemplo 21:

| Pai | Filho |
|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|---------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| Grau de escolaridade: Ensino superior Idade: 55 anos Naturalidade: gaúcho | Grau de escolaridade: Ensino Fundamental Idade: 31 anos Naturalidade: gaúcho |
| <p>Entrevistador- Com a convivência com os bonjesuenses .. você acha que mudou a sua fala?</p> <p>FG-Mudou..ôche eu converso muito já:: piauiense</p> <p>Entrevistador- O senhor acha que fala ligeiro também</p> <p>FG(pai)- É eu cunverso ligeiro também(risos)muitas coisas né ôche</p> <p>FG(filho) Ah , hoje assim agente/ a gente nem se pe[r]cebe. por si mesmo que. a gente já tá falando a língua daqui porque tá convivendo com o pessoal daqui, eu mesmo casei... com uma pessoa daqui.. Ai a gente quando desce lá embaixo (vai para o SUL), ai sim ai começa/ o que aconteceu com a gente aqui, volta a acontece[x] lá.</p> <p style="text-align: center;">(...)</p> <p>FG(filho) A gente chega lá daí ve[x] um pé de/ lá tem muita fruta né daí ve[x] um pé de ber/prá ele /a tangerina aqui... lá é a be[r]gamota né aí... oh a tangerina... vamo comer tangerina... aí o pessoal já começa onde é que tá essa tangerina... nã porque a gente /lá pra eles é tangerina aqui é be[r]gamota.</p> | |

Fonte: Dados da pesquisa de campo (2015)

Neste trecho podemos observar que na fala da FG (pai) ele comenta a respeito da mudança em sua fala, afirmando até mesmo que ele já fala piauiense. Isso mostra que ele tem consciência de que em sua fala apresenta elementos

linguísticos de naturalidade bonjesuense. Notamos também essa percepção na fala do FG (filho) onde comenta o fato de que tem consciência absoluta de quanto sua fala mudou, a ponto de já ser notado e até discriminado pelos falantes da sua região de origem. O que corrobora a observação de que “Então, podemos dizer que os migrantes que chegam à cidade, já como adultos, alteram certas características de seu dialeto original”. (BORTONI-RICARDO 2005, p. 98).

Um dado relevante nessa pesquisa é que a maioria dos informantes entrevistados, quando questionados sobre algumas diferenças que eles conseguem perceber entre o falar gaúcho e o bonjesuense, relataram que a pronúncia do “r” é diferente, principalmente, aqueles que são nativos da cidade de Bom Jesus. Segundo Costa (1996, p. 9), “os aspectos sonoros de uma língua constituem a primeira realidade linguística com a qual se defronta um ouvinte e, por conseguinte, os dados materiais mais palpáveis de uma dada língua ou fala.” Isso é demonstrado na fala dos informantes dessa pesquisa quando fazem uma reflexão sobre traços fonéticos de sua fala.

Veremos agora no exemplo 22 um fragmento que traz a fala produzida em uma interação durante uma entrevista com o casal composto por uma bonjesuense e um gaúcho. Observemos, então, a seguir o que comentam sobre essas diferenças da língua.

Exemplo 22:

| Esposa | Esposo |
|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-------------------------------------------------|
| Grau de escolaridade: Ensino superior | Grau de escolaridade: Ensino Fundamental |
| Sexo: feminino | Sexo: masculino |
| Idade: 36 anos | Idade: 38 anos |
| Naturalidade: bonjesuense | Naturalidade: gaúcha |
| <p>IB- Não... eu acho que pelo tempo que eu convivo com eles, tanto trabalhando em casa DELES ,ou em lojas ou.. casada com ele... eu acho que falo no[x]mal... assim? meu sotaque nordestino eu acho que não mudei... eu acho... não sei os outros</p> <p>Pesquisador- Você acha que ela mudou alguma coisa na fala dela?</p> <p>IG- Não ... por enquanto. .. só a convivência que ela mudou um pouco mas só que a questão de linguagem.. só que eu mudei mais a linguagem..</p> <p>IF- Ele que ficou mais no[x]destino(risos)</p> <p>IG- É mais no[x]destino que: gaúcho... quando é que nem agora ...vou pro Rio Grande do Sul e aí (...) “mas tu era daqui mais tu tem mais sotaque no[r]destino do que”/ aí que nem te[x]a essas coisas.. eu deixei mais de fala[x] mais com dois erres.. aquelas palavras que puxava.. aí chega lá e o povo nota logo... tu é do no[r]deste. Porque tu puxa mais as palavras..</p> | |

Fonte: Dados da pesquisa de campo (2015)

Nesse exemplo podemos observar que na interação ocorrida durante a entrevista, os informantes mostraram algumas reflexões sobre as diferenças linguísticas no aspecto fonético que nos remete às variantes fonético/fonológicas focadas no desenvolvimento dessa pesquisa. Para IB sua fala não mudou nada, ou seja, ela acha que não foi influenciada pelo dialeto do seu esposo, o que ele também concorda quando diz que mudou só a convivência, mas em questão de linguagem só ele mudou. Mais adiante ele fala também que se considera mais nordestino do que gaúcho. Tal percepção nos revela a capacidade que o falante tem de pensar sobre sua própria língua.

Esse é, por natureza, um fato interessante, pois qualquer falante que está inserido em uma determinada comunidade de fala tem a capacidade de refletir naturalmente sobre sua própria forma de falar, provando assim, que “todos nós temos impressões e fazemos avaliações acerca dos usos linguísticos” (FIORIN, 2013, p. 113). É, pois evidente que a atividade epilinguística desenvolvida por esse falante nos demonstra que a relação do sujeito com a sua linguagem vai além dele conhecer nomenclaturas gramaticais de sua língua. Desse modo, ele consegue fazer uma reflexão de aspectos microestruturais da sua fala, compará-las com outra forma de falar e, ainda perceber como isso influencia o seu contato social com os outros falantes.

Para finalizar esse tópico e exemplificarmos outras reflexões a esse respeito, apresentaremos a seguir mais uma transcrição de uma interação ocorrida durante a entrevista com um casal formado por uma bonjesuense e um gaúcho, juntos há mais de 20 anos.

Exemplo 23:

| Esposa | Esposo |
|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| Grau de escolaridade: Ensino superior Idade : 49 anos Naturalidade: bonjesuense | Grau de escolaridade: Ensino superior Idade : 60 anos Naturalidade: gaúcha |
| IG- Não .. aqui/ aqui eu acho até que.. aqui eu mais ou menos/ o cara consegue distinguir o baiano, o pernambucano... a fala deles e tal e o... e o pessoal aqui do Piauí acho que eles não tem uma característica assim de fala assim... de som nem nada eles falam uma coisa mais natural IB- Aqui é o [t] ...buri[t]i (..) terminação de palavras IG-Não .. eu acho que não tem muito... aqui o que tem muito que... vez por outra o pessoal daqui que eu vejo é que eles carregam o erre em dete[r]minadas palavras. | |

Pesquisador- Tem algum exemplo?

IG- Agora não lembro... como é que eles dizem?

IB- Ca[x]o... te[x]a?

IG- Não.. não vou lembrar..

Pesquisador- O pessoal daqui?

IG- O pessoal daqui de Bom Jesus. não sei se em outros lugares no norte do Piauí tem esse tipo de hábito aí.

Fonte: Dados da pesquisa de campo (2015)

Nesse fragmento, o que nos chama a atenção de início é o que pensa o informante gaúcho sobre o falar piauiense, quando afirma que não consegue perceber nenhuma pronúncia sonora característica dessa região que possa ser diferente das outras formas que ele conhece. Porém, quando interpelado pela esposa bonjesuense que chama sua atenção para o som do [t] na sílaba final da palavra “*buriti*”, ele retoma sua reflexão e comenta sobre a diferença da pronúncia do erre em algumas palavras. Estão evidentes na fala desses interagentes reflexões assistemáticas sobre a língua falada por eles, as quais refletem o que nos diz Sapir(1980[1949], p. 40) quando afirma que:

A impressão que o homem médio tem da sua língua, é que ela é construída, acusticamente falando, de um número comparativamente pequeno de sons distintos, cada um dos quais é representado com aceitável precisão, no alfabeto corrente, por uma letra, ou em raros casos, por duas ou mais letras que se alternam.

No exemplo 23, quando a esposa bonjesuense dá alguns exemplos de elementos linguísticos, ela vai além da noção que seu esposo demonstrou com relação aos sons da língua percebidos por ela. Tal reflexão, provavelmente, foi mais evidente pelo fato de ela ser professora de Língua Portuguesa. Nesse caso, além de ela ter contato com a língua como uma falante comum, também trabalha diariamente com elementos linguísticos estruturais e formais. Esse fator influenciou, de certa forma, a sua visão reflexiva sobre a língua falada pela comunidade de fala na qual está inserida.

O fato é que a maioria dos informantes dessa pesquisa, quando questionados sobre do que podiam perceber de diferente entre sua própria fala e a do outro, sempre fizeram comentários reconhecendo que há em Bom Jesus-PI uma

convivência de falares diferentes, e que já reconheciam tais usos na sua própria fala. Assim, esses fragmentos das entrevistas serviram como exemplo para evidenciar o que os falantes dessa comunidade estão pensando a respeito das possíveis mudanças em suas falas a partir da convivência em uma comunidade interdialeto. Tais reflexões nos deram indícios de que o processo migratório, que é evidente na cidade de Bom Jesus-PI, foi percebido claramente pelos informantes. Outro aspecto que direcionou as reflexões desses falantes foi a visível percepção a respeito da diferença entre o nível lexical, morfossintático e fonético das formas linguísticas faladas tanto pelos gaúchos, quanto pelos bonjesuenses. Estas informações nos mostraram de uma maneira geral que a diferença na pronúncia do erre entre os dois dialetos é o aspecto mais comentado pelos informantes dessa pesquisa. Sendo assim, os estudos aqui apresentados direcionaram nossas análises para os traços fonéticos recorrentes que provocaram alterações nas formas linguísticas utilizadas por esses falantes.

No decorrer desse capítulo procuramos apresentar a interferência /alternância entre o tepe e a fricativa velar na fala de migrantes gaúchos e nativos bonjesuenses, apresentando os resultados obtidos, a partir de uma visão quanti/qualitativa de elementos linguísticos retirados de interações monitoradas e espontâneas durante as entrevistas, bem como em situações casuais de fala ocorridas na cidade de Bom Jesus-PI. Além disso, foi mostrado no último tópico percepções dos falantes a respeito das mudanças ocasionadas no decorrer de sua fala em situação de contato interdialeto. Tal trabalho investigativo nos direcionou para algumas descobertas, consideradas significativas para os estudos sociolinguísticos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Investigar a linguagem falada pelos gaúchos e bonjesuenses que mantêm contato permanente entre si na cidade de Bom Jesus-PI se constituiu como um trabalho desafiador e bastante significativo, por se tratar de uma realidade em que a pesquisadora faz parte, ou seja, é moradora e participante das atividades da respectiva pesquisa. Esse fator contribuiu, principalmente, para que tivéssemos, inicialmente, certa dificuldade em identificar aspectos peculiares da fala, sobretudo da fala bonjesuense. Tivemos, então, a oportunidade de viajar para o Rio Grande do Sul e ouvir a fala de gaúchos, interagindo em seu próprio Estado. Esse foi mais um fator que contribuiu para que pudéssemos perceber com segurança se estaria havendo uma alternância/interferência fonética na fala dos informantes selecionados, ocasionada pela migração gaúcha nessa localidade.

Analisar e apresentar a Interferência/alternância entre o tepe e a fricativa velar na fala desses interagentes, nos possibilitou não só um trabalho de análise de elementos linguísticos, mas também um maior conhecimento da realidade social, na qual esses informantes estão interagindo e o modo como esses interagentes percebem as diferentes formas linguísticas variáveis que passaram a ser notadas a partir de uma intensa convivência entre eles.

. Os estudos linguísticos que fundamentaram essa pesquisa nos direcionaram para uma análise científica que nos possibilitou ter uma visão minuciosa do fenômeno estudado sob uma abordagem quanti/qualitativa. A hipótese de que haveria uma variante fonética/fonológica que melhor representasse uma situação de interferência/alternância linguística por conta do contato dialetal, característico dessa comunidade de fala pesquisada, se confirmou ao longo da análise de trechos de diversas entrevistas orais, bem como em situações casuais de interação linguísticas dos informantes selecionados, como destacados no último capítulo. Baseando-nos em questionamentos realizados no início desse trabalho, procuramos desenvolver uma análise que nos proporcionasse um resultado que melhor caracterizasse a realidade linguística dessa comunidade de fala estudada. A partir do parágrafo a seguir, esboçaremos os resultados correspondentes a cada questionamento proposto.

Inicialmente, para que pudéssemos responder à pergunta geral de nossa pesquisa, na qual queríamos saber se os falantes bonjesuenses e gaúchos que estabelecem contato permanente entre si estariam realizando em suas falas de forma recorrente a interferência/alternância de uma variante fonético-fonológica percebida pelos falantes e também pelos demais ouvintes, esboçamos quantitativamente o resultado geral correspondente à realização sonora dessas variantes fonético-fonológicas estudadas. Os dados evidenciaram o uso do tepe e da fricativa velar de forma significativa na fala dos informantes gaúchos e dos bonjesuenses, apontando assim para a presença dessas duas variantes nessa comunidade de fala. (p. 90).

Em seguida, objetivando enumerar quantitativamente as variantes fonéticas que mais se alternam entre a fala dos gaúchos e dos bonjesuenses habitantes da cidade de Bom Jesus-PI, caracterizamos essa ocorrência de acordo com a variável naturalidade, cujos dados geraram resultados que mostraram uma tendência do migrante a adequar-se à variedade falada na comunidade bonjesuense, utilizando com menos frequência a sua variante de origem, como foi evidenciado através dos dados representados nos pesos do valor relativo. (Ver p.93)

Com o propósito de saber em quais fragmentos de fala dos interagentes selecionados para essa pesquisa há ocorrência do fenômeno estudado e como ele acontece na interação, analisamos qualitativamente esse fenômeno em falas resultantes dessas interações. Tivemos, assim, uma visão maior do modo como esses falantes utilizam essas realizações fonéticas. Tal análise nos levou a constatar que a interferência/ alternância entre o tepe e a fricativa velar ocorreu não só em falas monitoradas, como também espontâneas e casuais, mostrando vários exemplos desses elementos linguísticos no contexto (Ver p. 102). Para saber como eles utilizam as variantes na interação, pudemos verificar que houve casos em que aspectos situacionais e tópicos da conversa influenciaram o uso das variantes como está evidenciado no tópico 3 do último capítulo dessa pesquisa. Assim também foi possível perceber que, na maioria dos casos, esse fenômeno é realizado de forma natural, sem uma conscientização aparente do informante.

Essa pesquisa também nos possibilitou conhecer algumas particularidades dos usos linguísticos provenientes de regiões diferentes quando propusemos aos nossos informantes que falassem a respeito de alguma possível mudança em sua

fala que pudesse ser percebida por eles a partir da convivência com pessoas de outra região, questão essa que aponta para resultados que respondem ao quarto objetivo dessa pesquisa. As respostas dadas revelaram que a maioria deles percebem em suas falas certas diferenças depois que começaram a ter contato entre si. Citaram exemplos de diferenças fonéticas quando comentam sobre diferença no “som puxado” do *r* (exemplo 22, p. 113), lexicais, quando o informante comenta sobre a palavra *catofa* (exemplo 20, p.111) e, sintáticas quando comentam a respeito do termo “*tem não*” (exemplo 19, p.110). No decorrer das entrevistas foram apontadas pelos falantes várias situações curiosas de conflitos desses usos na comunidade onde estão inseridos, Dentre os aspectos mais citados pelos falantes bonjesuenses, está o fato da pronúncia do erre, como tepe, ser a mais visível na fala do gaúcho, enquanto os falantes gaúchos, quando questionados sobre o que eles percebiam de mudança em sua fala, indicavam também as diferenças lexicais.

Sendo assim, constatamos que a percepção desses informantes a respeito das diferenças na sua própria fala reflete a realidade interdialetoal na qual estão inseridos. A noção desses falantes a respeito de elementos linguísticos da sua fala evidenciou um campo de pesquisa bastante abrangente que se configura por inúmeros fatores socioeconômicos e culturais que estão interligados na e através da língua, fazendo-se necessário uma gama de pesquisas linguísticas que procurem caracterizar ainda mais a língua falada na região, uma vez que este é o primeiro trabalho de cunho sociolinguístico realizado na cidade de Bom Jesus-PI.

Ao finalizar todas as análises, obtivemos um dado interessante que foi o fato de que os falantes gaúchos estão mais propícios a utilizar a variante fonética típica da fala bonjesuense do que estes a utilizar a variante de origem gaúcha. Isso não era esperado, pois aventávamos inicialmente que era o falante bonjesuense que poderia estar sendo influenciado pelo falante gaúcho.

Mesmo que os dados tenham apontado uma maior propensão de uma acomodação da fala gaúcha à fala bonjesuense, o grupo de falantes pesquisados está realizando foneticamente o /R/ tanto como tepe, como fricativa velar. A nosso ver, esse estudo aqui apresentado, obteve resultados que evidenciam para uma possível consolidação da variável nessa comunidade de fala, uma vez que constatamos o uso dessa interferência/alternância tanto na fala dos bonjesuenses,

como gaúchos em uma rede de relações estabelecidas nas interações linguísticas que compõem o universo linguístico da cidade de Bom Jesus-PI. Diante do caminho percorrido nessa pesquisa, acreditamos que os resultados apresentados possam acrescentar à comunidade acadêmica contribuições para a área da Sociolinguística e, além disso, proporcionar para a sociedade um maior conhecimento da fala produzida por esses falantes inseridos na cidade de Bom Jesus-PI. E, por conseguinte, servir de referência para futuras pesquisas linguísticas nessa comunidade de fala.

REFERÊNCIAS

ALKMIM, Tânia. Maria Sociolinguística. In: MUSSALIM Fernanda; BENTES, Anna Christina. **Introdução à linguística I: domínios e fronteiras**, 4. ed. v. 1. São Paulo: Cortez, 2004.

ARAGÃO, Maria do Socorro Silva de. Falares Nordestinos. In: MELLO, Linalda de Arruda. ARAGÃO, M.S.S.de. (org) **Sociedade Língua & Cultura: Ensaio de Sócio e Etnolinguística**. João Pessoa: Shorin, 1990.

BAGNO Marcos, in BAGNO, Marcos, STUBBS, Michael, GAGNÉ, Gilles **Linguagem Materna: Letramento, variação & ensino**,.1- São Paulo: Parábola, 2002.

BARBOSA, Cláudia Soares Fonética, Fonologia in **Linguística II**, [obra] organizada pela Universidade Luterana do Brasil (ULBRA) Curitiba : Ibplex, 2008.

BORTONI-RICARDO SM. **Nós chegamu na escola, e agora?** São Paulo: Parábola, 2005.

_____. **O Falar Candango: Análise sociolinguística dos processos de Difusão e focalização dialetais**. BORTONI-RICARDO, Stella Maris, VELLASCO, Ana Maria de Moraes Sarmento, FRITAS, Vera Aparecida de Lucas. (orgs) Brasília: editora UnB, 2010.

_____. **Do Campo para a Cidade: estudo sociolinguístico de migração e redes sociais**. São Paulo: Parábola Editorial, 2011.

_____. **Manual de Sociolinguística** São Paulo: Contexto, 2014.

BORTONE, Márcia Elizabeth, Comunicação interdialetoal, In: CAVALCANTI, Marilda C; BORTONI- RICARDO, Stella Maris,(org.). **Transculturalidade, Linguagem e Educação**, Campinas(SP): Mercado de Letras, 2007.

BLOOM, Jan-Petter ; GUMPERZ,Jonh J,. O significado social na estrutura linguística: Alternância de códigos na Noruega In RIBEIRO, Branca Telles & GARCEZ, PEDRO M.(Org)- **Sociolinguística Interacional: Antropologia**,

Linguística e Sociologia em Análise do Discurso, São Paulo : Age editora, 1998, pág; 31a 56.

BORSTEL, Clarice Nadir Von, A Língua e a Cultura de Imigrantes Paraguaios em Guaíra. In: BARRETO, Mônica Maria Guimarães Savedra; SALGADO, Ana Cláudia Peters. **Sociolinguística no Brasil**: Uma contribuição dos estudos sobre língua em contato. Rio de Janeiro; 7 letras, 2009.

BRASIL: IBGE. **Censo Demográfico 2010**. Disponível em < <http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/censo2010/> > acesso em: 16 mar.2015.

BRASIL: IBGE. Diretoria de pesquisa. **Coordenação de população e indicadores sociais**. Disponível em < www.ibge.gov.br/ > acesso em: 16 abr. 2015.

CALLOU, D.; MORAES J.A; LEITE, Y. Variação e diferenciação Dialetal: a pronúncia do /R/ no português do Brasil. In: KOCK Ingedore G. Villaça. **Gramática do Português falado no Brasil**: Campinas/ SP: UNICAMP, 1996.

CALLOU, Dinah; LEITE, Yonne. **Iniciação à fonética e à fonologia**. 6. ed. Jorge Zahar: Rio de Janeiro, 1999.

CAMACHO, Roberto G. Sociolinguística. In: MUSSALIM Fernanda; BENTES, Anna Christina. **Introdução à linguística I: domínios e fronteiras**, v. 1. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2004.

CÂMARA JR, Joaquim. **Problemas de Linguística descritiva**, 17 ed. Petrópolis: Vozes, 1998 [1971].

_____. **Para o Estudo da Fonêmica Portuguesa**, 2. ed. Rio de Janeiro: Padrão, 1977.

CALVET, Louis-Jean. **Sociolingüística**: uma introdução crítica. Tradução: Marcos Marciomilo. São Paulo: Parábola, 2002.

CARVALHO, L. S. **Os róticos em posição de coda**: uma análise variacionista e acústica do falar Piauiense. Tese (Doutorado). Universidade Federal da Paraíba. João Pessoa, 2009

CAVALIERE, Ricardo Stavola, **Pontos Essenciais em Fonética e Fonologia**. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira/Lucerna, 2010.

CTG **Querência Do Gurgueia**. Disponível em <https://www.facebook.com/ctg.querenciadogurgueia>. >. Acesso em: 15 mar. 2015.

COELHO, Izete Lehmkuhi, *et al.* **Para Conhecer Sociolinguística**. São Paulo: Contexto, 2015

COSTA, Catarina de Sena Sirqueira Mendes. In: **Revista Linguagem, Educação e Sociedade**. Aspectos Sociais da linguagem na Educação: a oralidade e a escrita Teresina, n.1.p. 47-68, 1996.

_____. Fonética e Fonologia no Processo de Ensino- Aprendizagem da Língua Portuguesa. In: COSTA, Catarina de Sena Sirqueira Mendes(org). **Linguística e Ensino de Língua Portuguesa**. Teresina -EDUFPI, 2000.

_____. A língua nos processos interacionais na escola e na sociedade: Uma contribuição da pesquisa colaborativa. In: COSTA, Catarina de Sena Sirqueira Mendes (org) **Olhares sociolinguísticos: variação e interação**. Teresina: EDUFPI, 2011.

COSTA, Marcos Antônio, Estruturalismo. In: MARTELOTTA, Manuel Eduardo (org). **Manual de Linguística**. 2. ed., 2ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2013, pág:114.

CARDOSO, Suzana Alice. **Geolinguística: tradição e modernidade**. São Paulo: Parábola editorial, 2010.

CRYSTAL, David, **Dicionário de linguística e fonética, tradução e adaptação** [da 2ª ed. Inglesa rev. e ampliada, publicada em 1985], Maria Carmelita Pádua Dias .Rio de Janeiro: Jorge Zaha, 2000.

ERICKSON, Frederick, Ethnographic Description. In YORK Berlime; GRUYTER N.; Walter de, **Sociolinguistics**, Berlime York: Walter de Gruyter, 1081-95, 1988.

FIORIN, José luiz, **Linguística? Que é isso?** São Paulo: Contexto, 2013.

G1- disponível em <http://g1.globo.com/pi/piaui/noticia/2013/06/gauchos-que-vieram-ao-piaui-para-plantar-soja-ja-tem-filhos-os-piuchos.html> >. acesso em: 12 abr. 2015.

GUISAN, Pierre, Língua: ambiguidade do conceito. In: BARRETO, Mônica Maria Guimarães Savedra; SALGADO, Ana Cláudia Peters **Sociolinguística no Brasil: Uma contribuição dos estudos sobre língua em contato**. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2009.

GUMPERZ, Jonh J. Convenções de Contextualização. In: RIBEIRO, Branca Telles & GARCEZ, PEDRO M.(Org) **Sociolinguística Interacional: Antropologia, Linguística e Sociologia em Análise do Discurso**, São Paulo : Age editora, 1998, pág; 99 a119.

GOFFMAN, Erving, Footing. In: RIBEIRO, Branca Telles & GARCEZ, PEDRO M.(Org).**Sociolinguística Interacional: Antropologia, Linguística e Sociologia em Análise do Discurso**. São Paulo: Age editora, 1998, pág; 70 a 98.

GUY, Gregory R, ZILLES, Ana, **Sociolinguística Quantitativa: Instrumental de análise**. São Paulo: Parábola. Editorial, 2007.

180 GRAUS **Fronteira agrícola de Bom Jesus** disponível em: <
<http://180graus.com/bom-Jesus,>> .Acesso em: 10 abr. 2015.

HORA, Demerval & Monaretto, Enfraquecimento e Apagamento dos Róticos In: HORA. Demerval da e COLLISCHNN, Gisella (orgs.);**Teoria Linguística: Fonologia e Outros Temas**. João Pessoa: Editora Universitária UFPB, 2003.

ILARI, Rodolfo O Estruturalismo linguístico: Alguns caminhos In: MUSSALIM, Fernanda ; BENTES, Anna Cristina,(org). **Introdução à Linguística 3: fundamentos epistemológicos**, volume 3. São Paulo: Cortez, 2004. Pág: 69.

ILARI, Rodolfo, BASSO, Renato.**O português da gente: a língua que estudamos, a língua que falamos**: 1. Ed., 1ª reimpressão. São Paulo: Contexto 2007.

IPEA: Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada. **A Diversidade Linguística como Patrimônio cultural**. 2014 . Ano 10 . Edição 80. Disponível em: <
http://www.ipea.gov.br/desafios/index.php?option=com_content&id=3053&Itemid=39
> Acesso em: 15 nov. 2015.

KAUFMANN, Jean- Claude, **A entrevista Compreensiva**: um guia para pesquisa de campo. Tradução de Thiago de Abreu e Lima Florêncio, revisão de Bruno César Cavalcanti. Petrópolis, RJ: Vozes; Maceió, AL: Edufal, 2013

LABOV, W. **Padrões sociolinguísticos**. Tradução Marcos Bagno, Maria Marta P. Scherre, Caroline R. Cardoso. São Paulo: Parábola Editorial, 2008[1972].

_____. Phonological **Correlates of Social Stratification**. University

cambridge(1964) Full publication history; DOI:

10.1525/aa.1964.66.suppl_3.02a00120 disponível em :

<<https://s3.amazonaws.com/objects.readcube.com/articles/downloaded/wiley/> - > .

Acesso em: 10 dez. 2015.

LUCCHESI, Dante. **Sistema, Mudança e Linguagem**: um percurso ou história da linguística moderna. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.

LOPES, Luiz Paulo da Moita, **O Português no Século XXI**: Cenário Geopolítico e Sociolinguístico. São Paulo: Parábola Editorial, 2013.

MATTA, Rozângela Schemim da. **Português**: Linguagem e Interação. Curitiba: Série Editora, 2009.

MATEUS, Maria Helena *et al.* A vibrante em coda no Português Europeu In: HORA, Demerval e COLLISCHN, Gisella, **Teoria Linguística**: fonologia e outros Temas (orgs.). João Pessoa: Editora Universitária UFPB, 2003.

MENDES, Ronald Beline. Língua e Variação. In: FIORIN José Luíz (.org). **Linguística**: o que é isso? São Paulo: contexto, 2013.

MELO, Djalma Cavalcante, Atitudes linguísticas com relação a sotaques regionais do Brasil. In: BORTONI-RICARDO, Stella Maria; VELLASCO Ana Maria de Moraes Sarmiento; FREITAS Vera Aparecida de Lucas (orgs.) **O Falar Candango**: Análise sociolinguística dos processos de Difusão e focalização dialetais. Brasília: Editora UnB, 2010.

MYNAYO, Maria Cecília de Souza (org.). **Pesquisa Social**: teoria, método e criatividade. 33 ed. Petrópolis: Vozes, 2013.

MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luiza(orgs). **Introdução à Sociolinguística**: o tratamento da variação. 4. ed., 2ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2013.

MONARETTO, Valéria Monteiro. A Realização do R. In: BISOL, Lêda. BATTISTI, Elisa(orgs.) **O Português Falado no Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2014,132 p. Disponível em< <https://books.google.com.br/books?isbn=85743088899> > Acesso em :10 out. 2016.

OLIVEIRA, Sidneya Gaspar, BRENNER, Teresinha Moraes. **Introdução à Fonética e Fonologia da Língua Portuguesa**: fundamentação teórica e exercícios para o 3º grau. Florianópolis: Ed. Do autor, 1988.

RAPOSO, Fernando Cascón **História da Paróquia de Bom Jesus da Boa Sentença**. Bom Jesus: Ilustradas, 2004.

SANTOS, Gessielma Aparecida de Sousa, COSTA, Catarina de Sena Sirqueira Mendes. **A variante tepe e a fricativa velar na fala de gaúchos e bonjesuenses na cidade de Bom Jesus-PI**:. 2016. (No prelo)

SAPIR, Edward, **A Linguagem**, Introdução ao estudo da fala. Tradução: J. Matoso Camara Jr. São Paulo: Ed.Perspectiva, 1980 [1949].

SILVA, Thaís Cristófar. **Fonética e Fonologia do Português**: roteiro de estudos e guia de exercícios. São Paulo: Contexto,(1999, 2014).

_____. **Dicionário de Fonética e Fonologia** 1. ed. São Paulo: Contexto, 2015.

SILVA, Rosa Virgínia Mattos **O Português Arcaico**: fonologia, morfologia e sintaxe São Paulo: Contexto, 2006.

TARALLO. Fernando, **A pesquisa Sociolinguística**, 8. ed..- São Paulo: Ática, 2007.

WEINREICH, Uriel; LABOV, William e HERZOG, Marvin. **Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística**. Tradução Bagno; revisão técnica Carlos Alberto Faraco; posfácio; Maria da Conceição a. de Paiva, Maria Eugênea Lamoglia Duarte. São Paulo: Parábola, 2006 [1968].

ZÁGARI, Mário Roberto lobuglio, O uso do presente na fonética/fonologia do Português para explicar o passado In:; Mônica Maria Guimarães Savedra; SALGADO, Ana Cláudia Peters **Sociolinguística no Brasil**:Uma contribuição dos estudos sobre língua em contato. Rio de Janeiro; 7 letras, 2009.

APÊNDICES

APÊNDICE 1 - Termo de Confidencialidade da Pesquisa

TERMO DE CONFIDENCIALIDADE

Título do projeto: O surgimento de uma variante linguística na cidade de Bom Jesus-PI: uma investigação sociolinguística.

Pesquisador responsável: Catarina de Sena Sirqueira Mendes da Costa

Instituição/Departamento: Universidade Federal do Piauí – UFPI / CCHL

Telefone para contato: (86) 88317850

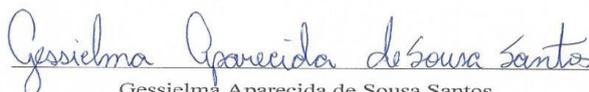
Local da coleta de dados: Cidade de Bom Jesus- PI

Os pesquisadores do presente projeto se comprometem a preservar a privacidade dos participantes cujos dados serão coletados em ficha de campo, questionários, gravações de conversas informais e entrevistas a moradores da cidade de Bom Jesus , concordam, igualmente, que estas informações serão utilizadas única e exclusivamente para execução do presente projeto. As informações somente poderão ser divulgadas de forma anônima e serão mantidas no Departamento de LETRAS da UFPI por um período de 02 anos sob a responsabilidade do (a) Sr. (a) Catarina de Sena Sirqueira Mendes da Costa. Após este período, os dados serão destruídos.

Teresina, 22 de maio de 2015.



Catarina de Sena Sirqueira Mendes da Costa
Pesquisador Responsável



Gessielma Aparecida de Sousa Santos
Pesquisador principal

APÊNDICE 2 - Declaração dos pesquisadores

Declarações dos(s) Pesquisador(es)

Ao Comitê de Ética em Pesquisa - CEP
Universidade Federal do Piauí

Eu (nós), Catarina de Sena Sirqueira Mendes da Costa e Gessielma Aparecida de Sousa Santos pesquisador(es) responsável(is) pela pesquisa intitulada "**O surgimento de uma variante linguística na cidade de Bom Jesus-PI: uma investigação sociolinguística.**", declaro (amos) que:

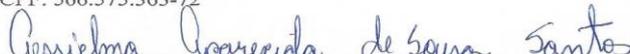
- Assumo (ímos) o compromisso de cumprir os Termos da Resolução nº 466/12, de 12 de Dezembro de 2012, do Conselho Nacional de Saúde, do Ministério da Saúde e demais resoluções complementares à mesma (240/97, 251/97, 292/99 e 340/2004).
- Assumo (ímos) o compromisso de zelar pela privacidade e pelo sigilo das informações, que serão obtidas e utilizadas para o desenvolvimento da pesquisa;
- os materiais e as informações obtidas no desenvolvimento deste trabalho serão utilizados apenas para se atingir o(s) objetivo(s) previsto(s) nesta pesquisa e não serão utilizados para outras pesquisas sem o devido consentimento dos voluntários;
- os materiais e os dados obtidos ao final da pesquisa serão arquivados sob a responsabilidade de Catarina de Sena Sirqueira Mendes da Costa da área de Letras -Linguagem da UFPI; que também será responsável pelo descarte dos materiais e dados, caso os mesmos não sejam estocados ao final da pesquisa.
- não há qualquer acordo restritivo à divulgação pública dos resultados;
- os resultados da pesquisa serão tornados públicos através de publicações em periódicos científicos e/ou em encontros científicos, quer sejam favoráveis ou não, respeitando-se sempre a privacidade e os direitos individuais dos sujeitos da pesquisa;
- o CEP-UFPI será comunicado da suspensão ou do encerramento da pesquisa por meio de relatório apresentado anualmente ou na ocasião da suspensão ou do encerramento da pesquisa com a devida justificativa;
- o CEP-UFPI será imediatamente comunicado se ocorrerem efeitos adversos resultantes desta pesquisa com o voluntário;
- esta pesquisa ainda não foi total ou parcialmente realizada.

Teresina, 22 de maio de 2015

Catarina de Sena Sirqueira Mendes da Costa
CPF:047.343.433.49


Pesquisador responsável (assinatura, nome e CPF)

Gessielma Aparecida de Sousa Santos
CPF: 566.575.363-72


Demais pesquisadores (assinatura, nome e CPF)

APÊNDICE 3 – Modelo do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ - UFPI
COORDENAÇÃO DO MESTRADO EM LETRAS - MEL
MESTRADO EM LETRAS - MEL

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

Você está sendo convidado (a) para participar, como voluntário, de uma etapa da pesquisa em andamento no Mestrado Acadêmico em Letras (MEL) – Estudos da Linguagem, pelo Programa de Pós-graduação em Letras (PPGL), da Universidade Federal do Piauí (UFPI). Leia com atenção o que se segue e, em caso de dúvidas, pergunte ao responsável pelo estudo. Sua participação pressupõe autorização e consentimento para que se dê continuidade ao trabalho de pesquisa. Este estudo está sendo conduzido por **Gessielma Aparecida de Sousa Santos** como requisito para obtenção do título de Mestre, sob a orientação da Profa. Dra. Catarina de Sena Sirqueira Mendes da Costa. Após ser esclarecido (a) sobre as informações a seguir, no caso de aceitar contribuir para o estudo, assine ao final deste documento, que está em duas vias, sendo uma sua e a outra dos pesquisadores responsáveis. Em caso de recusa, ou mesmo desistência, você não será penalizado (a) de forma alguma: procure o pesquisador, conforme as contatos no final deste termo. Poderá, ainda, se certificar quanto a natureza da pesquisa, através do Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal do Piauí – UFPI, pelo telefone (86) 3237-2332.

ESCLARECIMENTOS SOBRE A PESQUISA

Título do Projeto: O surgimento de uma variante linguística na cidade de Bom Jesus-PI: uma investigação sociolinguística

Pesquisador Responsável: Profa. Dra. Catarina de Sena Sirqueira Mendes da Costa.

Pesquisador Principal: Gessielma Aparecida de Sousa Santos

Telefones para Contato: (89) 9978 – 9473 , (89) 35622416 ou (86) 32245345

E-mails: gessielmasantos@yahoo.com.br ou costacatarina@uol.com.br

DESCRIÇÃO DA PESQUISA

Nesta pesquisa, propõe-se uma investigação acerca da fala na comunidade da cidade de Bom Jesus –PI, pautada em um estudo de caráter descritivo que será realizado por meio da observação, escuta, questionário (entrevista e gravações) e anotações com o objetivo principal de investigar as variantes linguísticas, levando em consideração aspectos linguísticos e sociais identificados no funcionamento da linguagem em situações reais de uso a partir da interação linguística social dos falantes oriundos de culturas diferentes, os quais são

caracterizados pelos migrantes da região do Rio Grande do Sul e dos moradores da cidade de Bom Jesus-PI. Do ponto de vista metodológico, constitui-se de uma pesquisa bibliográfica e de campo de abordagem quantitativa e qualitativa.

A realização deste estudo requer, portanto, sua autorização para participar voluntariamente como sujeito dessa pesquisa que consistirá em responder as perguntas a serem realizadas sob a forma de questionários e entrevista, a qual será gravada em aparelho de áudio. Após essa coleta de dados, será possível constituir um *corpus* de análise através da transcrição das falas, a qual será resguardada de qualquer exposição pública, sendo, portanto identificadas no decorrer das análises por um código específico de caráter confidencial, ou seja, tais dados constarão nos resultados da pesquisa, os quais serão analisados e publicados, mas sua identidade não será divulgada, sendo guardada em sigilo.

INFORMAÇÕES RELEVANTES

Garantia de Acesso

O acesso a qualquer etapa do estudo está garantido em todas as etapas da pesquisa. Este contato será através dos pesquisadores responsáveis pela pesquisa, os quais estarão sempre abertos para esclarecimento de eventuais dúvidas, por meio dos telefones: (89) 9978 – 9473 ou (86)88317850 e-mails: ou gessielmasantos@yahoo.com.br ou costacatarina@uol.com.br

Ainda em caso de dúvida ou sugestões sobre a ética da pesquisa, entre em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da Universidade Federal do Piauí, através do e-mail: cep.ufpi@ufpi.edu.br ou telefone: (86) 3237-2332.

Garantia de Sigilo

Caso aceite contribuir com este estudo, seu nome e identidade serão mantidos em sigilo, uma vez que somente você, através de solicitação; o pesquisador; sua orientadora e ainda o Comitê de Ética terão acesso as informações para verificar o andamento e os resultados da pesquisa.

Riscos e Benefícios

Esta pesquisa a ser realizada na comunidade da cidade de Bom Jesus - Piauí apresenta riscos mínimos para os sujeitos participantes, pois estes, ao serem convidados a responder os instrumentos de pesquisa, podem compartilhar aspectos pessoais e frequentemente íntimos de suas vidas, gerando um certo constrangimento, bem como um desconforto durante contato inicial entre o pesquisador e os sujeitos da pesquisa, no momento da entrevista e da aplicação do questionário. Contudo esse trabalho investigativo tem a

preocupação de contornar tais riscos procurando promover a compreensão prévia de todos os sujeitos participantes acerca dos objetivos e instrumentos a serem utilizados no estudo, bem como fazer análise prévia das questões a serem utilizadas nos instrumentos, atentando-se para a presença de tópicos de sensibilidade, o sigilo, a confidencialidade e o anonimato dos sujeitos envolvidos, revisando criteriosamente as questões que possam trazer algum tipo de incômodo aos participantes do estudo, bem como preparando um local adequado para a aplicação dos instrumentos da pesquisa.

Essa investigação, portanto, está pautada no respeito ao participante, assegurando sua vontade de contribuir e permanecer, ou não, na pesquisa, por intermédio de manifestação expressa, livre e esclarecida. Sendo assim, nenhum informante será submetido a qualquer tipo de procedimento que viole sua integridade física, moral e ética, preservando deste modo, sua integridade e dignidade durante e depois do processo investigativo, conforme com os padrões estabelecidos pela Instituição na qual será feita a pesquisa. Na medida em que buscará investigar o surgimento de uma variante linguística na cidade de Bom Jesus –PI, esta pesquisa poderá contribuir para o aprimoramento das análises linguísticas sobre a expressão oral, procurando viabilizar o trabalho com as diferenças linguísticas fazendo, então, novas descobertas. Esse estudo que propomos a investigar é de grande importância não apenas pelas informações que trazem para o conhecimento da diversidade linguística no estado do Piauí, particularmente na cidade de Bom Jesus, como também possibilitará um diagnóstico mais coerente do real contexto sociocultural dos falares característicos de cada grupo de falantes que interagem linguisticamente entre si.

PERÍODO DE PARTICIPAÇÃO

Ao voluntário (a) fica assegurado o direito de retirar o consentimento a qualquer tempo sem qualquer prejuízo de continuidade do acompanhamento.

Eu, _____estou de acordo com a participação no estudo descrito acima. Eu fui devidamente esclarecido quanto os objetivos da pesquisa, aos procedimentos aos quais serei submetido e os possíveis riscos envolvidos na minha participação. Os pesquisadores me garantiram disponibilizar qualquer esclarecimento adicional que eu venha solicitar durante o curso da pesquisa e o direito de desistir da participação em qualquer momento, sem que a minha desistência implique em qualquer prejuízo à minha pessoa ou à minha família, sendo garantido anonimato e o sigilo dos dados referentes a minha identificação, bem como de que a minha participação neste estudo não me trará nenhum benefício econômico..

Assinatura do voluntário

APÊNDICE 4 - Instrumento de coleta de dados: Questionário realizado com os informantes

QUESTIONÁRIO

Esse questionário é parte de uma pesquisa de Pós-graduação, e seu preenchimento é voluntário e anônimo. Os dados nele obtidos serão tratados apenas com objetivos de pesquisa acadêmica.

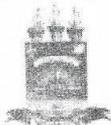
1. Idade? _____
2. Profissão? _____
3. Grau de instrução? _____
4. Bairro onde mora? _____
5. Tem naturalidade gaúcha ou bom-jesuense? _____
6. Há quanto tempo mora em Bom Jesus?
 - a) () desde que nasceu
 - b) () Há mais de dez anos
 - c) () Há mais de 20 anos
7. Trabalha?
() sim () não
8. Se trabalha, onde? _____
9. Há quanto tempo trabalha nesse local? _____
10. Estuda?
() sim () não
11. Se sim, o quê estuda? Onde? _____
12. Você já teve dificuldade de se comunicar com um falante gaúcho?
() sim () não
13. Você já teve dificuldade de se comunicar com um falante bom-jesuense?
() sim () não
14. Você já percebeu diferenças no uso da língua da cidade de Bom Jesus?
() sim () não
15. Se você respondeu sim, diga se essa diferença foi com relação :
 - a- () à pronúncia das palavras. Cite exemplos _____
 - b- () ao nome de coisas. Cite exemplos _____
 - c- () Dos dois. Cite exemplos _____

ROTEIRO DA ENTREVISTA

1. Como você se sentiu ao entrar em contato com pessoas que pertencem a outra cultura?
2. Você é capaz de saber de onde veio uma pessoa só pelo seu jeito de falar? Ou seja, se ele é nordestino, paulista ou gaúcho?
3. Com a convivência com os gaúchos você acha que mudou seus hábitos de fala? Por quê?
4. Com a convivência com os bom-jesuenses você acha que mudou seus hábitos de fala? Por quê? Como você fez para se adaptar a convivência com uma forma de falar diferente da sua?
5. Como você fez para se adaptar a convivência com uma forma de falar diferente da sua?
6. As pessoas de sua região de origem tem um jeito de falar diferente típico daquela região? Dê um exemplo dessa fala.
7. Houve um momento em que você percebeu ser elogiado devido o seu jeito de falar? ou discriminado, desconsiderado, debochado, motivo de piada, ou algo que pode ser considerado por você falar de modo diferente? Descreva um pouco como foi isso.
8. Qual foi a reação da pessoa ao você nomear um objeto de forma diferente?

ANEXOS

ANEXO 1 - Parecer consubstanciado do CEP



UNIVERSIDADE FEDERAL DO
PIAÚÍ - UFPI



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: O SURGIMENTO DE UMA VARIANTE LINGUÍSTICA NA CIDADE DE BOM JESUS-PI: UMA INVESTIGAÇÃO SOCIOLINGUÍSTICA.

Pesquisador: Catarina de Sena Sirqueira Mendes da Costa

Área Temática:

Versão: 2

CAAE: 46037315.7.0000.5214

Instituição Proponente: FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUI

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 1.252.839

Apresentação do Projeto:

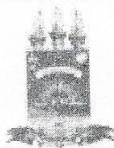
Conforme indicado pelo pesquisador, "Trata-se de uma pesquisa pautada em um estudo de caráter descritivo que se insere no campo da sociolinguística variacional, cujo interesse recai em investigar que variantes linguísticas fonéticas/ fonológicas ou morfológicas que caracterizam os falares resultantes da interação entre os bom jesuenses e gaúchos que moram na cidade de Bom Jesus -PI., cuja variante específica de análise se dará a partir do desenvolvimento do trabalho que terá como procedimentos de coleta: a observação ,aplicação de questionários ,entrevistas narrativas e semi-monitoradas, tabulação e análise dos dados oriundos de uma amostra representativa resultante da investigação realizada na fala de 30 participantes, sendo 15 de naturalidade gaúcha e 15 de naturalidade bonjesuense, considerando a estratificação dos informantes de acordo com sexo/gênero, classe social, faixa etária e nível de escolaridade."

"Critério de Inclusão:

A escolha dos informantes constituem uma das etapas essenciais para o desenvolvimento da pesquisa, pois eles constituem-se como peças fundamentais para compor a amostra que

Endereço: Campus Universitário Ministro Petronio Portella - Pró-Reitoria de Pesquisa
Bairro: Ininga **CEP:** 64.049-550
UF: PI **Município:** TERESINA
Telefone: (86)3237-2332 **Fax:** (86)3237-2332 **E-mail:** cep.ufpi@ufpi.edu.br





Continuação do Parecer: 1.252.839

contribuirá para a caracterização do corpus a ser analisado.

Dessa forma, temos como previsão desse estudo a participação de 30 moradores da cidade de Bom Jesus-PI, os quais sejam membros de: 1. famílias formadas por indivíduos nativos da cidade de Bom Jesus e migrante do estado do Rio grande do Sul; 2. famílias formadas somente por nativos da cidade de Bom Jesus- PI; 3. famílias formadas somente por nativos do Rio Grande do sul; 4. naturalidade gaúcha que trabalham há mais de 10 anos em estabelecimento comercial de bom jesuenses; 5. naturalidade bom jesuense que trabalham há mais de 10 anos em estabelecimento comercial de gaúchos;

Critério de Exclusão:

Serão excluídos desse estudo, moradores de Bom Jesus que: não tem naturalidade gaúcha e nem naturalidade bom jesuense; mesmo tendo naturalidade gaúcha e bom jesuense já morou em outra cidade; tenha pouco contato com gaúchos; tenha pouco contato com bom jesuenses."

Objetivo da Pesquisa:

"Objetivo Primário:

Investigar variantes linguísticas, levando em consideração aspectos fonéticos/ fonológicos ou morfológicos.

Objetivo Secundário:

Identificar variantes linguísticas características do falar gaúcho. Identificar variantes linguísticas características do falar bonjesuense. Caracterizar variantes linguísticas fonéticas, fonológicas ou morfológicas que surgiram a partir da fusão entre essas duas formas de falar. Interpretar como ocorre o processo de mudança linguística na convivência dos falantes de culturas diferentes."

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

"Riscos:

Esta pesquisa a ser realizada na comunidade da cidade de Bom Jesus - Piauí apresenta riscos mínimos para os sujeitos participantes, pois estes, ao serem convidados a responder os instrumentos de pesquisa, podem compartilhar aspectos pessoais e frequentemente íntimos de suas vidas, gerando um certo constrangimento, bem como um desconforto durante contato inicial entre o pesquisador e os sujeitos da pesquisa, no momento da

Endereço: Campus Universitário Ministro Petronio Portella - Pró-Reitoria de Pesquisa

Bairro: Ininga

CEP: 64.049-550

UF: PI

Município: TERESINA

Telefone: (86)3237-2332

Fax: (86)3237-2332

E-mail: cep.ufpi@ufpi.edu.br



Continuação do Parecer: 1.252.839

entrevista e da aplicação do questionário. Contudo, esse trabalho investigativo tem a preocupação de contornar tais riscos procurando promover a compreensão prévia de todos os sujeitos participantes acerca dos objetivos e instrumentos a serem utilizados no estudo, bem como fazer uma análise das questões a serem utilizadas nos instrumentos, atentando-se para a presença de tópicos de sensibilidade, o sigilo, a confidencialidade e

o anonimato dos sujeitos envolvidos, revisando criteriosamente as questões que possam trazer algum tipo de incômodo aos participantes do estudo, bem como preparando um local adequado para a aplicação dos instrumentos da pesquisa. Essa investigação, portanto, está pautada no respeito ao participante, assegurando sua vontade de contribuir e permanecer, ou não, na pesquisa, por intermédio de manifestação expressa, livre e

esclarecida. Sendo assim, nenhum informante será submetido a qualquer tipo de procedimento que viole sua integridade física, moral e ética, preservando deste modo, sua integridade e dignidade durante e depois do processo investigativo, conforme com os padrões estabelecidos pela Instituição na qual será feita a pesquisa.

Benefícios:

Mantendo a atenção aos princípios constitucionais da dignidade da pessoa humana, da cidadania, dos valores sociais e da vedação ao preconceito

linguístico, ao participar de uma pesquisa sociolinguística, o falante terá a oportunidade de expressar-se oralmente dentro de uma situação de

interação que envolve o desenvolvimento de habilidades linguísticas que satisfaçam o entendimento entre os interactantes de forma que eles precisam articular as ideias que os direcionem a usar os termos característicos de sua comunidade de fala. Esperamos, portanto, com essa pesquisa contribuir para o aprimoramento das análises linguísticas sobre a expressão oral, procurando viabilizar o trabalho com as diferenças linguísticas

fazendo, então, novas descobertas. Esse estudo que propomos a investigar é de grande importância não apenas pelas informações que trazem para

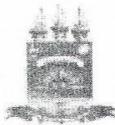
o conhecimento da diversidade lingüística no estado do Piauí, particularmente na cidade de Bom Jesus, como também possibilitará um diagnóstico mais coerente do real contexto sociocultural dos falares característicos de cada grupo de falantes que interagem linguisticamente entre si."

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Realizada a análise documental a partir da qual foi procedida a uma apreciação ética da pesquisa, restou

Endereço: Campus Universitário Ministro Petronio Portella - Pró-Reitoria de Pesquisa
Bairro: Ininga CEP: 64.049-550
UF: PI Município: TERESINA
Telefone: (86)3237-2332 Fax: (86)3237-2332 E-mail: cep.ufpi@ufpi.edu.br





Continuação do Parecer: 1.252.839

evidenciada a sua pertinência e valor científico.

A metodologia escolhida para o desenvolvimento da pesquisa, tendo em vista as várias correntes metodológicas existentes, encontra-se em conformidade com os fins objetivados, ao tempo em que evidencia o respeito aos preceitos éticos orientadores de uma pesquisa envolvendo seres humanos.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Na elaboração do projeto de pesquisa ora em apreço, percebe-se a atenção do pesquisador no que concerne à situação de vulnerabilidade inerente à condição de participante que, respeitado em sua individualidade, tem protegidas as suas dimensões física, psíquica, moral, intelectual, social, cultural e espiritual.

Recomendações:

Sem recomendações.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Projeto apto para ser desenvolvido.

Considerações Finais a critério do CEP:

O CEP aguarda o envio dos relatórios parciais e final da pesquisa.

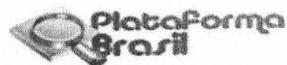
Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

| Tipo Documento | Arquivo | Postagem | Autor | Situação |
|-----------------------------------------------------------|--------------------------------------------------------------------------------------------|------------------------|-------|----------|
| Informações Básicas do Projeto | PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_518952.pdf | 09/07/2015 10:11:14 | | Aceito |
| TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência | TCLE - PESQUISA -.docx | 09/07/2015 09:51:09 | | Aceito |
| Informações Básicas do Projeto | PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_518952.pdf | 22/05/2015 18:34:12 | | Aceito |
| Outros | Questionário e entrevista.docx | 22/05/2015 17:48:25 | | Aceito |
| Outros | Currículo do Sistema de Currículos Lattes (Catarina de Sena Sirqueira Mendes da Costa).pdf | 22/05/2015 17:38:53 | | Aceito |
| Outros | declaração dos pesquisadores.jpg | 22/05/2015 | | Aceito |

Endereço: Campus Universitário Ministro Petronio Portella - Pró-Reitoria de Pesquisa
Bairro: Ininga CEP: 64.049-550
UF: PI Município: TERESINA
Telefone: (86)3237-2332 Fax: (86)3237-2332 E-mail: cep.ufpi@ufpi.edu.br



UNIVERSIDADE FEDERAL DO
PIAÚÍ - UFPI



Continuação do Parecer: 1.252.839

| | | | | |
|-------------------------------------------|-----------------------------------------------------------|------------------------|--|--------|
| Outros | declaração dos pesquisadores.jpg | 17:35:29 | | Aceito |
| Outros | carta de encaminhamento.jpg | 22/05/2015 17:31:05 | | Aceito |
| Outros | Termo de confidencialidade -pesquisa sociolinguística.jpg | 22/05/2015 17:26:27 | | Aceito |
| Informações Básicas do Projeto | PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_P ROJETO 518952.pdf | 19/05/2015 16:10:57 | | Aceito |
| Projeto Detalhado / Brochura Investigador | projeto de pesquisa-sociolinguística.docx | 19/05/2015 16:08:19 | | Aceito |
| Folha de Rosto | folha de rosto.pdf | 19/05/2015 15:47:24 | | Aceito |

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

TERESINA, 30 de Setembro de 2015

Assinado por:

**Adrianna de Alencar Setubal Santos
(Coordenador)**

Profa. Adrianna de Alencar Setubal Santos
Coordenadora CEP-UFPI
Portaria Propeq N° 16/2014

Endereço: Campus Universitário Ministro Petronio Portella - Pró-Reitoria de Pesquisa
Bairro: Ininga CEP: 64.049-550
UF: PI Município: TERESINA
Telefone: (86)3237-2332 Fax: (86)3237-2332 E-mail: cep.ufpi@ufpi.edu.br

ANEXO 2 - Modelo padrão do projeto NURC para transcrição de fala

Normas para transcrição de entrevistas gravadas

Normas para transcrição de entrevistas gravadas

| Ocorrências | Sinais | Exemplificação |
|------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|---------------------------------------|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| Incompreensão de palavras ou segmentos | () | Do níves de rensa () nível de renda nominal |
| Hipótese do que se ouviu | (hipótese) | (estou) meio preocupado (com o gravador) |
| Truncamento (havendo homografia, usa-se acento indicativo da tônica e/ou timbre) | / | E comé/e reinicia |
| Entonação enfática | Maiúscula | Porque as pessoas reTÊM moeda |
| Prolongamento de vogal e consoante (como s, r) | :: podendo aumentar para :::: ou mais | Ao emprestarmos éh::: ... dinheiro |
| Silabação | - | Por motivo tran-sa-ção |
| Interrogação | ? | E o Banco... Central... certo? |
| Qualquer pausa | ... | São três motivos... ou três razões ... que fazem com que se retenha moeda ... existe uma ... retenção |
| Comentários descritivos do transcritor | ((minúscula)) | ((tossiu)) |
| Comentários que quebram a seqüência temática da exposição: desvio temático | -- -- | ... a demanda de moeda -- vamos dar casa essa notação -- demanda de moeda por motivo ... |
| Superposição, simultaneidade de vozes | Ligando as linhas | a. na casa de sua irmã b. [sexta-feira? a. fazem LÁ b. [cozinham lá |
| Indicação de que a fala foi tomada ou interrompida em determinado ponto. Não no seu início, por exemplo. | (...) | (...) nós vimos que existem... |
| Citações literais de textos, durante a gravação | “entre aspas” | Pedro Lima ... ah escreve na ocasião.. “ O cinema falado em língua estrangeira não precisa de nenhuma baRRElra entre nós”... |
| <ol style="list-style-type: none"> 1. Iniciais maiúsculas : só para nomes próprios ou para siglas (USP etc) 2. Fáticos: ah, éh, ahn, ehn, uhn, tá (não por <i>está</i>: tá? Você <i>está</i> brava?) 3. Nomes de obras ou nomes comuns estrangeiros são grifados. 4. Números por extenso. 5. Não se indica o ponto de exclamação (frase exclamativa) 6. Não se anota o <i>cadenciamento da frase</i>. 7. Podem-se combinar sinais. Por exemplo: oh:::... (alongamento e pausa) 8. Não se utilizam sinais de pausa, típicas da língua escrita, como ponto e vírgula, ponto final, dois pontos, vírgula. As reticências marcam qualquer tipo de pausa. | | |

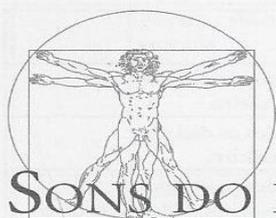
Exemplos retirados dos inquéritos NURC/SP no. 338 EF e 331 D2.

PRETI D. (org) **O discurso oral culto** 2ª. ed. São Paulo: Humanitas Publicações – FFLCH/USP, 1999 – (Projetos Paralelos. V.2) 224p.

Material de uso didático - Prof. Pedro S. Rossi

Fonte: <http://www.psrossi.com/Normas_entrev.pdf>. Acesso em 22 mar. 2016)

ANEXO 3 – Sons das consoantes no português brasileiro



SONS DO PORTUGUÊS

Os sons do português listados nesta seção ilustram as principais características do sistema sonoro consonantal e vocálico do português brasileiro. Os sons foram divididos em três grandes grupos: consoantes, vogais e ditongos. As vogais foram divididas em dois grupos: orais e nasais. Os ditongos foram divididos em dois grupos: *orais* (crescentes e decrescentes) e *nasais* (decrescentes). Cada som listado apresenta o símbolo fonético correspondente, a classificação a ele atribuída, um exemplo em forma ortográfica e em transcrição fonética e, finalmente, observações gerais sobre a distribuição regional do som ou propriedades particulares específicas. Quando não há especificidade atribuída ao som, indicamos que a sua pronúncia é uniforme em todo o português brasileiro. Os exemplos têm caráter ilustrativo e representativo da variedade do português do Brasil.

CONSOANTES

| | Bilabial | | Labiodental | | Dental ou Alveolar | | Alveopalatal | | Palatal | | Velar | | Glotal | |
|------------|----------|-----|-------------|-----|-----------------------|-----|--------------|-----|---------|-----|-------|----------------|--------|----------------|
| | desv | voz | desv | voz | desv | voz | desv | voz | desv | voz | desv | voz | desv | voz |
| Oclusiva | p | b | | | t | d | | | | | k | k ^w | g | g ^w |
| Africada | | | | | | | tʃ | dʒ | | | | | | |
| Fricativa | | | f | v | s | z | ʃ | ʒ | | | x | χ | h | ɦ |
| Nasal | | m | | | | n | | | ɲ | ɣ | | | | |
| Tepe | | | | | | r | | | | | | | | |
| Vibrante | | | | | | ɾ | | | | | | | | |
| Retroflexa | | | | | | ɻ | | | | | | | | |
| Lateral | | | | | | l | l̥ | w | | | ʎ | ʎ̥ | y | |

| Símbolo | Classificação do segmento | Exemplo | Transcrição | Observação |
|---------|----------------------------------|---------------------|------------------------------|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| p | Oclusiva bilabial desvozeada | pata | [ˈpata] | Uniforme em todos os dialetos do português brasileiro. |
| b | Oclusiva bilabial vozeada | bata | [ˈbata] | Uniforme em todos os dialetos do português brasileiro. |
| t | Oclusiva alveolar desvozeada | tapa | [ˈtapa] | Uniforme em todos os dialetos do português brasileiro, podendo ocorrer com articulação alveolar ou dental. |
| d | Oclusiva alveolar vozeada | data | [ˈdata] | Uniforme em todos os dialetos do português brasileiro, podendo ocorrer com articulação alveolar ou dental. |
| k | Oclusiva velar desvozeada | capa | [ˈkapa] | Uniforme em todos os dialetos do português brasileiro. |
| g | Oclusiva velar vozeada | gata | [ˈgata] | Uniforme em todos os dialetos do português brasileiro. |
| tʃ | Africada alveolar desvozeada | tia | [ˈtʃia] | Corresponde ao primeiro som da palavra <i>tcheco-eslováquia</i> em todos os dialetos do português brasileiro. Pronúncia típica do Sudeste brasileiro em dialetos que apresentam a palatalização de oclusivas alveolares. Ocorre também em outras regiões, como Norte e Nordeste, de maneira menos delimitada. |
| dʒ | Africada alveolar vozeada | dia | [ˈdʒia] | Corresponde ao primeiro som da palavra <i>jeans</i> em todos os dialetos do português brasileiro. Pronúncia típica do Sudeste brasileiro em dialetos que apresentam a palatalização de oclusivas alveolares. Ocorre também em outras regiões, como Norte e Nordeste, de maneira menos delimitada. |
| f | Fricativa labiodental desvozeada | faca | [ˈfaka] | Uniforme em todos os dialetos do português brasileiro. |
| v | Fricativa labiodental vozeada | vaca | [ˈvaka] | Uniforme em todos os dialetos do português brasileiro. |
| s | Fricativa alveolar desvozeada | saga caça paz | [ˈsaga] [ˈkasa] [ˈpas] | Em início de sílaba é uniforme em todos os dialetos do português brasileiro, podendo ocorrer com articulação alveolar ou dental. Em final de sílaba marca variação dialetal, por exemplo em <i>paz</i> , <i>vasta</i> , podendo ocorrer uma das consoantes [s, ʃ], dependendo do dialeto. |

| | | | | |
|---------|-------------------------------------|---------------|---------------------------------------------|------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| ɾ | Retroflexa alveolar vozeada | mar | ['maɾ] | Pronúncia típica do dialeto caipira para o <i>r</i> em final de sílaba: <i>maɾ</i> , <i>caɾta</i> . Adota-se também o símbolo [ɾ]. |
| l | Lateral alveolar vozeada | lata placa | ['lata] ['plaka] | Em início de sílaba e em encontros consonantais é uniforme em todos os dialetos do português brasileiro, podendo ocorrer com articulação alveolar ou dental: ['lata] <i>lata</i> ou ['plaka] <i>placa</i> . |
| ʎ ou w | Lateral alveolar vozeada velarizada | sal salta | ['saʎ] ['saʎta] ou ['saw] ['sawta] | Ocorre em final de sílaba em alguns dialetos do português brasileiro, podendo ocorrer com articulação alveolar ou dental. Em posição final de sílaba, pode ocorrer a vocalização da lateral, sendo realizado um segmento com as características articulatórias de uma vogal do tipo [u]. Sugerimos a adoção do símbolo [w] para a lateral vozeada, mas o símbolo [ɥ] seria também adequado de acordo com o IPA. Adotamos o símbolo [w] porque em termos distribucionais a lateral vocalizada se comporta como uma consoante. |
| ʎ ou ʎ' | Lateral palatal vozeada | malha | ['maʎa] ou ['maʎa] | A consoante lateral palatal [ʎ] ocorre na fala de poucos falantes do português brasileiro. Geralmente uma lateral alveolar ou dental palatalizada [ʎ'] ocorre para a maioria dos falantes do português brasileiro. Em alguns dialetos, pode ocorrer a vocalização da lateral palatal, sendo realizado um segmento com as características articulatórias de uma vogal do tipo [i], transcrito como [y]. |

VOGAIS ORAIS

| | anterior | | central | | posterior | |
|--------------------|----------|------------|---------|------------|-----------|------------|
| | arred. | não arred. | arred. | não arred. | arred. | não arred. |
| alta | | i I | | | u U | |
| média-alta | | e | | | o | |
| média-baixa | | ɛ | | ə | ɔ | |
| baixa | | | | a | | |